

KÁTIA REGINA CASULA FORNAZZARI

SUBSÍDIOS À GERAÇÃO DE PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO PARA A REGIÃO DE GUARATUBA: ESTUDO ETNOBOTÂNICO

Monografia apresentada à disciplina de Estágio em Botânica como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a . Dr^a. Raquel R. B. Negrelle

Curitiba
2001

“Dedico este trabalho ao meu pai, Antônio (in memoriam), que onde quer que esteja está olhando por mim. À Nair, minha mãezinha, e à Elaine, maninha, obrigada pela motivação e amizade. Ao meu amigo, companheiro de todas as horas e maior incentivador de todas as minhas ações, Luiz, meu marido, pai dos meus futuros filhos.”

AGRADECIMENTOS

Aqui ficam os meus agradecimentos a todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho e para a minha formação profissional durante estes quatro anos de curso.

À Universidade Federal do Paraná, ao Curso de Ciências Biológicas e ao Departamento de Botânica, pela oportunidade de, na medida do possível, ter realizado este trabalho.

Aos moradores das comunidades de Limeira e Ribeirão Grande, os quais foram fundamentais na realização deste trabalho.

À Profa. Raquel Negrelle, minha orientadora de tantos anos, pela oportunidade de entender a metodologia científica da pesquisa e pela contribuição à minha formação na pesquisa.

Ao Prof. Olavo Guimarães, pelo auxílio na determinação das espécies botânicas.

Ao Prof. Sandro Menezes, pela ajuda na determinação de algumas espécies e também pelas disciplinas ministradas, através das quais pude me apaixonar mais ainda pela Botânica.

À amiga Marília Borgo, pelo “show” de Sistemática e insistência na determinação das espécies mais complicadas.

Ao Sr. Luiz Carlos Fornazzari (meu sogro), pela ajuda fundamental ao início desta pesquisa com o empréstimo da “verdinha”.

Ao Prof. Renato Lima, pela indicação da área de estudo, empréstimos de fotografias aéreas e primeiros mapas da região.

Ao NIMAD, pelo empréstimo dos carros e apoio logístico.

À Rosane Cavet, secretária do curso de Biologia e mãe de todos nós, por todos estes anos de amizade.

Aos companheiros de campo, Angela (“amiga-irmã”), Elaine (“irmã-amiga”), Ingo (amigo-cunhado), Sandro (amigo *Sindykate* ou *Softkate*) e Luiz (maridão), pela companhia e ajuda (motorista, entrevistador, segurança, etc. e principalmente, apoio moral).

À Angela Pellin, pelo ombro, ouvido e paciência, por ser motorista, consultora, entrevistadora, coletora, isca de mosquitos, etc. por todos estes anos em que dividimos quase tudo, principalmente loucuras e desesperos para fazer o melhor e sempre mais (trabalhos da faculdade, atividades da empresa júnior, comissão de formatura, e tudo mais que aparecer, ontem, hoje e sempre).

À amiga Solange, pela amizade, ensinamentos e dicas, e pela oportunidade de fazer os primeiros trabalhos de campo com Botânica.

Aos amigos do curso de Biologia (97/2 e demais períodos), Virginia, Roxane, Letizia, José, Eduardo Kuwabara, Carol, Bia, Claudia, Flávia, Giovana, Yasmin, Helena (melhoras!), Dr. Savério (o advogado), Roxana (mamãe do João Gabriel), Michele (mamãe da Manuela), povo do InjeBIO, e todo mundo, por estes anos de convivência e aprendizado pelas diferenças.

À minha querida mãe, não apenas pelo financiamento inicial desta pesquisa, mas também pela minha vida, por ter sido mãe-pai e por ter acreditado na minha seriedade quando vim para Curitiba.

À minha irmãzinha, pela amizade e por sempre estar por perto, formando, mesmo que pequena, a nossa família.

Ao meu companheiro de tanto anos, de tantas vitórias e derrotas, Luiz, amor de minha vida, te agradeço por ter chegado em minha vida tão “cedo”.....

*“Não há geração, por maior e mais
brilhante que seja obra exclusiva de
si mesma, senão, primeiro de tudo,
produto de todas as que passaram.”*

Rocha Pombo

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
RESUMO	9
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Operacionais.....	12
3. MATERIAL E MÉTODOS	13
3.1 O Município de Guaratuba.....	13
3.2 As Comunidades estudadas	17
Comunidade de Limeira.....	17
Comunidade de Ribeirão Grande	22
3.3 Procedimento metodológico	24
4. RESULTADOS	299
4.1 Comunidade de Limeira.....	299
Caracterização sócio-econômica da amostra populacional	299
Levantamento etnobotânico.....	30
4.2 Comunidade de Ribeirão Grande	35
Caracterização sócio-econômica da amostra populacional	35
Levantamento etnobotânico.....	366
5. DISCUSSÕES	56
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXOS.....	63

LISTA DE FIGURAS

1 - Mapa de localização da área de estudo	11
2 – a) Vista do Rio Canavieiras, divisor das Comunidades de Limeira e Ribeirão Grande (1 – início de Ribeirão Grande; 2 – Limeira); b) Estrada de acesso às comunidades estudadas; c) Vista da chegada a Comunidade de Limeira.....	14
3 - a) Posto fiscal e telefônico da Comunidade de Limeira; b) Parte interna do Posto de Saúde da Comunidade de Limeira; c) Posto de Saúde e Sra. Míriam, auxiliar de enfermagem responsável pelo atendimento, na Comunidade de Limeira.....	15
4 - a) Escola Municipal Rural (1) e Posto de Saúde (2) de Limeira; b) Vista geral de plantação de banana na Comunidade de Limeira	16
5 - a) Ponte pênsil, onde é feita a travessia do rio Canavieiras, dando acesso à Comunidade de Ribeirão Grande; b) Residência da família de Sr. Francisco e Sra. Gabriela Alves Cordeiro, que apresenta grande variedade de plantas medicinais no quintal, localizada na Comunidade de Ribeirão Grande	18
6 - Entrevista com a família da sra. Gabriela Alves Cordeiro, na Comunidade de Ribeirão Grande; b) Visita ao quintal da Sra. Alexandrina; c) Visita ao quintal da Sra. Gabriela e Sr. Francisco	21
7 - a) Entrevista com Sra. Virginia, reconhecendo as plantas que possui na sua horta e quintal, na Comunidade de Ribeirão Grande; b) Entrevista com a família do Sr. Elias, Comunidade de Ribeirão Grande.....	22
8 – Gráfico da incidência de indivíduos representativos de diferentes faixas etárias em levantamento etnobotânico realizado na Comunidade de Limeira	24
9 – Curva de etnoespécies citadas pelos entrevistados da Comunidade de Limeira	25
10 – Gráfico das famílias botânicas mais citadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira	26
11 – Gráfico da frequência da indicação de diferentes espécies indicadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira	27
12 – Gráfico das indicações terapêuticas com maior diversidade específica no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira	28
13 – Gráfico da incidência de indivíduos representativos de diferentes faixas etárias em levantamento etnobotânico realizado na Comunidade de Ribeirão Grande	30

14 - Curva de etnoespécies citadas pelos entrevistados da Comunidade de Ribeirão Grande	31
15 - Gráfico das famílias botânicas mais citadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande	32
16 - Gráfico da frequência da indicação de diferentes espécies indicadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande	33
17 - Gráfico das indicações terapêuticas com maior diversidade específica no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande	34

RESUMO

Visando contribuir para a formação de uma base consistente para a proposição de alternativas de renda para a comunidade litorânea paranaense, realizou-se levantamento etnobotânico no Município de Guaratuba, região ainda pouco estudada neste contexto. Para tanto, executou-se pesquisa exploratório-descritiva baseada em levantamento bibliográfico e na aplicação de questionários em 18 famílias de duas comunidades relativamente isoladas (Limeira e Ribeirão Grande), as quais estão inseridas na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaratuba (Floresta Atlântica). Além de informações gerais sobre a população amostrada e sobre o uso de plantas medicinais, buscou-se averiguar como este conhecimento foi adquirido e quais as fontes de obtenção das espécies utilizadas. Adicionalmente, buscou-se comparar os resultados obtidos com a bibliografia especializada, no sentido de saber se há discrepância quanto ao uso popular e conhecimento científico das plantas indicadas. Todas as famílias entrevistadas relataram o uso fitoterápico, cuja informação foi geralmente transmitida pelos seus ancestrais. Na comunidade de Limeira foram citadas 81 espécies medicinais, incluindo espécies exóticas, sendo que *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo), *Phyllanthus niruri* Linn. (quebra-pedra) e *Melissa officinalis* Linn. (erva-cidreira) foram as etnoespécies com maior frequência nas entrevistas. Em Ribeirão Grande foram citadas 53 espécies medicinais, dentre elas algumas espécies exóticas, sendo que *Tanacetum vulgare* Linn. (catinga-de-mulata), *Rosmarinus officinalis* Linn. (alecrim) e *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo) se apresentaram com maior frequência. Detectou-se 40,8% de similaridade entre as duas listagens de plantas obtidas indicando que as comunidades avaliadas apresentam diferenças significativas no seu conhecimento etnobotânico. Aparentemente isto poderia ser devido à distinta composição étnica de cada uma destas comunidades.

Palavras chave: Etnobotânica, plantas medicinais, Guaratuba, comunidades tradicionais.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é reportado como detentor de 10 a 20% do número total de espécies do planeta (MITTERMEIER *et al*, 1997 *apud* BRASIL, 1998). Esta megadiversidade brasileira está distribuída em vários biomas. Entre estes, a Mata Atlântica, que se estende de Sul a Nordeste em uma área de cerca de 1 milhão de km², é referenciada como um dos mais importantes redutos de diversidade biológica do país e do planeta (BRASIL, 1998). Estima-se que esta riqueza biológica também seja acompanhada de uma fabulosa riqueza química, especialmente no que concerne às plantas com potencial medicamentoso. Entretanto, esta riqueza é ainda pouco conhecida.

Por outro lado, assim como evidenciado em outras partes do planeta, o Brasil também é palco de alta potencialidade de perda de recursos biológicos frente à degradação ambiental. Segundo ETKIN (1998), a estimativa mais aceita pela *International Union for Conservation of Nature and Natural Resources* (IUCN) e *World Wide Fund and Nature* (WWF) é de que mais de 60000 espécies de plantas poderiam estar extintas ou estar próximas de extinção neste século se a situação atual de destruição de habitats não for modificada.

Ressaltando-se o papel ecológico da manutenção da diversidade, esta também possui importância econômica expressiva que poderia estar associada à melhoria das condições de vida de inúmeras comunidades tradicionais que hoje sofrem pela falta de alternativas viáveis de subsistência (BRASIL, 1998, CORREA, 1994).

Comunidades tradicionais são aquelas que não participam intensamente dos recursos industrializados, vivendo geralmente em locais menos perturbados. Nestes territórios muitas das espécies ameaçadas de extinção estão melhor protegidas do que aquelas em reservas e parques do mundo economicamente desenvolvido juntos. Essas comunidades dispõem de um enorme acervo de conhecimentos ecológicos, que estão codificados em seus ritos, costumes sociais e práticas de subsistência (HELENE & MARCONDES, 1996). Entretanto, estas comunidades vêm sofrendo pressões econômicas e culturais da sociedade globalizada, causando problemas devastadores para estas culturas tradicionais. Esta diminuição das culturas nativas acaba resultando numa perda de conhecimento, havendo então perda da diversidade cultural humana, o que pode ser considerado como perda da biodiversidade, em todos os seus níveis (HELENE & MARCONDES, 1996; AMOROZO & GÉLY, 1988).

Vários registros históricos documentam o complexo relacionamento do homem, desde os povos da antigüidade, com espécies consideradas úteis (BARRERA *et al*, 1977; PACIORNICK, 1989; DAVIS, 1991). Esse conhecimento passado de geração em geração, é a base da etnobotânica, ciência que estuda as relações estabelecidas entre homens e plantas através dos tempos e em diferentes ambientes (XOLOCOTZI, 1983). Mais que um simples catálogo dos diferentes usos e empregos de plantas de interesse, esta ciência busca, atualmente, associar o conhecimento ecológico popular às técnicas de cultivo e às habilidades de remanejamento dos ecossistemas (PLOTKIN & FAMOLARE, 1992). Em vários locais, a etnobotânica é utilizada como instrumento de retorno da informação adquirida às comunidades tradicionais que detém este conhecimento. Desta forma, garante-se a estas o direito à propriedade intelectual dos produtos das pesquisas científicas. Apesar da expressiva contribuição dos povos indígenas e das populações tradicionais à descoberta de novos produtos no campo da farmacologia e indústria (BORN *et al* , 1992), de modo geral estas não se beneficiam ética ou economicamente com a aplicação de seu saber (POSEY, 1986; LIMA, 1996).

Num contexto brasileiro, a maioria do conhecimento em relação à utilidade de plantas nativas se refere à Floresta Amazônica, dada sua importância e interesse mundial. Já em termos de Floresta Atlântica, o universo de conhecimento é bem reduzido e em sua maior parte refere-se às espécies da região sul (LIMA & NEGRELLE, 1998). Além disso, ainda é bastante incipiente o conhecimento sobre a relação das comunidades tradicionais com os recursos naturais da Floresta Atlântica, sejam estes de origem vegetal, animal ou mineral. No tocante à utilização da flora medicinal por estas comunidades, o desconhecimento é ainda mais expressivo (BORN, 1992).

No que concerne ao litoral paranaense, os poucos estudos de cunho etnobotânico realizados estão concentrados na região norte, mais precisamente em Guaraqueçaba. Esta região é reconhecida pela UNESCO, desde 1992, como uma das áreas-núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, devido a contar com áreas bastante intactas ou pouco devastadas, além da ocorrência de populações tradicionais. O litoral sul, apesar de também contar com comunidades tradicionais localizadas em áreas relativamente bem conservadas, tem sido praticamente negligenciado no que diz respeito ao registro de plantas medicinais e outras utilizadas pela população.

Desta forma, este estudo foi realizado no intuito de contribuir para ampliar o conhecimento não apenas das plantas, mas também dos costumes gerais das comunidades litorâneas. Adicionalmente, visou-se gerar subsídios para futuros estudos

auto-ecológicos, agrícolas e de mercado de plantas medicinais identificadas, proporcionando base consistente para a proposição de alternativas de renda para as comunidades litorâneas, de modo que estas próprias sejam beneficiadas com o retorno das informações obtidas.

Para tanto, realizou-se levantamento etnobotânico em duas comunidades relativamente isoladas (Limeira e Ribeirão Grande) do Município de Guaratuba, as quais estão inseridas na APA de Guaratuba (Floresta Atlântica). A escolha deste Município deveu-se a este representar uma área com deficiência em estudo etnobotânico; possuir núcleos populacionais com modo de vida essencialmente artesanal; conter importantes remanescentes de Floresta Atlântica e apresentar modelos tradicionais de desenvolvimento que tem sido demonstrado como impróprios para a região, o que a torna adequada para funcionar como laboratório na implementação de novos modelos de desenvolvimento como sugerido em LIMA & NEGRELLE (1998).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Realizar diagnóstico da utilização de plantas em duas comunidades tradicionais do Município de Guaratuba, visando obter um panorama geral dos usos e costumes relativos aos produtos florestais, especialmente aqueles de uso medicinal.

2.2 Objetivos Operacionais

- Identificar as espécies vegetais utilizadas na terapêutica popular no Município de Guaratuba, Paraná.
- Averiguar como o conhecimento relativo às plantas utilizadas foi adquirido e quais as fontes de obtenção destas espécies.
- Identificar espécies ainda não citadas na literatura como medicinais.
- Avaliar se os usos populares das plantas medicinais utilizadas em Guaratuba, e já incluídas na literatura, estão em consonância com as propriedades, formas de uso e partes utilizadas citadas para as mesmas espécies na literatura especializada.

- Identificar entre as plantas citadas quais são potencialmente perigosas para o uso doméstico em virtude de princípios ativos tóxicos, segundo dados bibliográficos.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 O Município de Guaratuba

O Município de Guaratuba localiza-se no litoral paranaense (25° 52' S, 48° 34' W Gr), a altitude de 6 m acima do nível do mar (Figura 1). A sede do município está situada em uma planície peninsular, arenosa, com uma frente na baía a Noroeste, e outra frente no oceano Atlântico a Sudeste (BRUC, 2000). Além da sede urbana, este município apresenta-se configurado por comunidades rurais como Limeira, Ribeirão Grande, Cubatãozinho, Rasgadinho, entre outras, e também alguns sítios e povoados. Está limitado ao norte com o Município de Paranaguá; a leste com o Oceano Atlântico; ao sul com o Estado de Santa Catarina; ao oeste com o Município de São José dos Pinhais; e a noroeste com o Município de Morretes, abrangendo 1372 km². É atravessado pela Serra do Mar, que recebe várias denominações tais como Serra do Piraí, do Araçatuba, Araraquara, Guarapari, do Cubatão, da Linha, da Igreja, Canavieiras e Serra da Prata (MAFRA, 1952).

Este município está inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaratuba, a qual engloba uma faixa que vai da porção sul do litoral do Paraná entre as coordenadas 25°40' e 26°00' de latitude sul e 48°45' e 49°10' de longitude oeste. Os acessos principais fazem-se via BR-277 e BR-376 (SEMA, 1996). Esta APA também engloba parte dos municípios de Matinhos, Tijucas do Sul, São José dos Pinhais e Morretes, numa área de aproximadamente 200.000 ha.

De acordo com a classificação de Köeppen, o Município de Guaratuba, apresenta dois tipos diferenciados de clima em função das variações altitudinais. A região escarpada apresenta o clima *Cfa*, subtropical, úmido, mesotérmico, sem estação seca, com verão quente, temperaturas médias do mês mais frio fica abaixo de 18°C e temperatura média do mês mais quente fica abaixo de 22°C. Nas porções mais baixas (planície litorânea) o clima é do tipo *Af*, tropical superúmido, sem estação seca, com temperatura média de todos os meses superior a 18°C, isento de geadas e com precipitação no mês mais seco acima de 60mm. A precipitação média anual é de 2100mm. A média anual da umidade relativa do ar é de 85% e a evapotranspiração potencial anual é de 800-900mm,

provocando excedentes hídricos anuais superiores a 1200mm (IAPAR, 1994 *apud* SEMA, 1996a).

A bacia hidrográfica de Guaratuba com 1.393 km² é formada por rios que nascem nas serras dos Castelhanos, da Prata, da Igreja, Araraquara, como o rio Cubatão e afluentes, Cubatãozinho, Arraial, São João, Parati, Guaratubinha e Castelhanos. Rios de menor magnitude como o do Pontal, Taquaruçu, do Meio, Vitória e Claro nascem na planície litorânea. As serras da Igreja, Canasvieiras e da Prata, constituem um divisor de águas com drenagem para as baías de Paranaguá e Guaratuba, originando a maioria dos afluentes do rio Cubatãozinho (Canasvieiras, Furta Maré, Rasgado, Henrique, Guarajuran, Alegre e das Onças). Os rios Descoberto e Boguaçu originam-se da porção meridional do Estado (SEMA, 1996b).

Exceto nas áreas de afloramentos rochosos e solos litólicos, o solo é relativamente profundo (cambissolo) a profundo (latossolo), os quais são bem drenados em função do relevo. Podem também ocorrer alguns solos de drenagem deficiente às margens de alguns cursos d'água (SEMA, 1996b).

Segundo os critérios de classificação das regiões fitoecológicas do IBGE (1992), na região estudada são encontradas as tipologias Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas e Submontana associadas a Formações Pioneiras de Influência Marinha, Fluviomarina e Fluvial (SEMA, 1996b).

Em 1992 o Município contava com 17.986 habitantes, configurando uma densidade demográfica de 13,11 hab/km². Em 1996, registrou-se um expressivo aumento populacional (31.635 habitantes), sendo a densidade demográfica de 23,79 h/Km². Nesta oportunidade, 88% da população concentrava-se na área urbana e 12% na rural, sendo 15.578 do sexo masculino e 16.057 do sexo feminino (IBGE, 1998; BRUC, 2000). Os dados preliminares do censo de 2000 para Guaratuba informam que a população atual é de 27.242 habitantes, englobando 13.853 indivíduos do sexo masculino e 13.389 do sexo feminino. A população urbana atual é de 23.140 habitantes e a rural é de 4.102 habitantes. Desta forma, registra-se uma taxa de crescimento negativo de -3,67% para o período de 96-2000 (IBGE, 2000).

Segundo dados do IBGE (1991) relativos aos indicadores de alfabetização para o Município de Guaratuba, a zona rural apresenta 3389 pessoas acima de 5 anos de idade, sendo que 2280 (67,3%) estão sendo ou já são alfabetizadas.

A maior parte da população tem rendimento mensal de 1 a 3 salários mínimos (54%), 20% tem rendimento mensal de 3 a 15 salários mínimos, 19% tem rendimento de

até 1 salário mínimo mensalmente, 5% não apresenta renda e apenas 2% possui renda acima de 15 salários mínimos (LIMA & NEGRELLE, 1998).

As serras do Município de Guaratuba já foram bastante exploradas para extração de ouro, incluindo minas importantes como as denominadas Minas Velhas, Cachoeira, do Taveiro, do Fogo, dos Henriques, dos Castelhanos, cujas faisqueiras, segundo consta, em 1811 forneceram muito ouro para a metrópole (MAFRA, 1952).

De acordo com registros mais antigos (p.ex. MAFRA, 1952), as atividades agropecuárias eram expressivamente desenvolvidas nesta região devido à grande fertilidade do solo local. Entre elas, cita-se principalmente os cultivos de arroz, cana de açúcar e milho, bem como mandioca, banana, feijão além de frutas diversas. A pecuária ocorria em pequena escala, sendo as terras do Cubatão, Rasgado, Cubatãozinho, Limeira entre outros, as regiões mais apropriadas para seu desenvolvimento devido à abundância de gramínea para tal criação. Atualmente, a maioria destas culturas existem apenas em caráter de subsistência. Já os cultivos de banana e mandioca tiveram aumentadas suas áreas, sendo hoje as principais culturas locais (BRUC, 2000).

MARCHIORO (1999), através de dados obtidos junto ao INCRA do período de 1993/94, relata para o litoral paranaense o total de 1976 propriedades rurais, sendo que 47% são minifúndios, 27% são pequenas propriedades, 10% médias e 7% grandes. Com relação à extensão territorial 51% da área corresponde as grandes propriedades, 12% à médias, 6% à pequenas e 2% à minifúndios. Somente o Município de Guaratuba conta com 213 propriedades rurais numa área de 77672 ha.

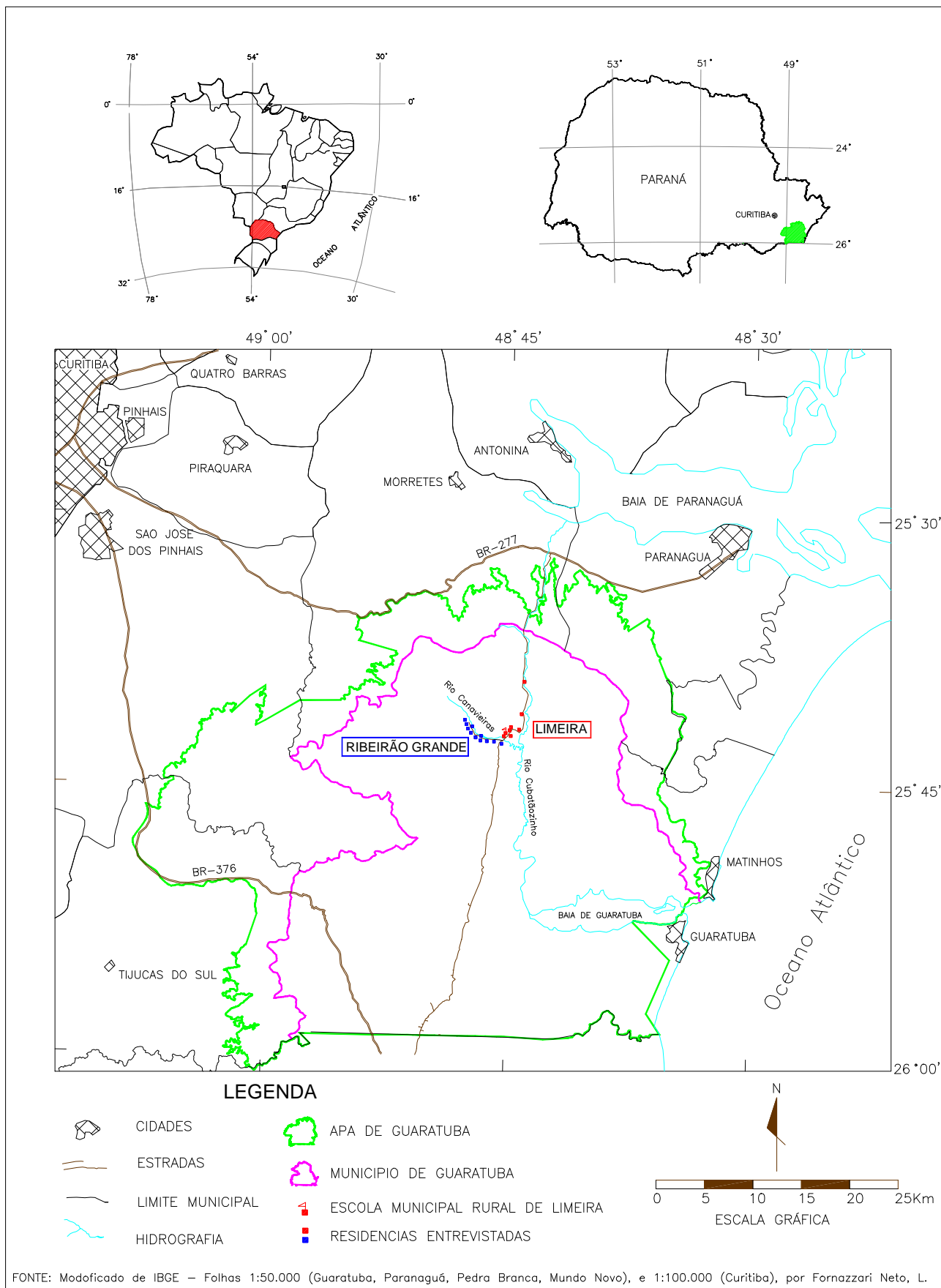


Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo.

3.2 As comunidades estudadas

Comunidade de Limeira

A Comunidade de Limeira localiza-se no interior da Baía de Guaratuba, com acesso pela margem direita da BR-277, sentido Curitiba - Paranaguá. Seu núcleo populacional localiza-se a 25 km do entroncamento com a BR-277, na margem esquerda do rio Canavieiras, estendendo-se por 13 km em direção à rodovia (Figuras 1 e 2a₁). O acesso a esta comunidade se faz por estrada não pavimentada com trechos bastante acidentados (Figura 2b).

Não há um registro preciso do número total de habitantes de Limeira, dado que os censos do IBGE apenas indicam o valor total da população rural de Guaratuba, não considerando individualmente as comunidades. Com base no número de eleitores da região (210), que também inclui os habitantes de Rasgadinho (em torno de 20 famílias) e Cubatãozinho (cerca de 5 famílias), estima-se a existência de uma média de 80 famílias nas Comunidades de Limeira e Ribeirão Grande juntas, levando em consideração dois eleitores por família.

De acordo com informação dos moradores locais, a Comunidade de Limeira é formada essencialmente por imigrantes alemães ou por seus descendentes. Alguns vieram do Estado de Santa Catarina há pouco tempo, mas muitos são nascidos no local, pois seus antepassados, a cerca de 50 a 100 anos atrás, iniciaram a colonização da região, vindos daquele mesmo Estado ou diretamente da Alemanha. Estes colonizadores penetraram através da Baía de Guaratuba pelo rio Cubatão e Canavieiras chegando ao vale, onde a comunidade está inserida, e aí se fixaram. A chegada de um número maior de moradores na região foi devido a abertura da estrada, nos anos 70, até a Rodovia BR-277 por uma empresa denominada “Aranha”, a qual possibilitou a ligação do “sertão” com o mundo externo. Antes disso poucas famílias habitavam o local.

Atualmente a Comunidade de Limeira é constituída por propriedades rurais de pequeno, médio e grande porte, sendo que seus moradores apresentam condições de vida razoáveis. A infraestrutura desta comunidade conta com dois comércios, a Igreja Assembléia de Deus, a Igreja Católica, o posto de Saúde, a escola e o posto telefônico (Figura 2c). Os três professores da escola local também moram nesta comunidade, além da enfermeira. As propriedades têm melhor infra-estrutura e aparentemente são maiores.

O Posto de Saúde local, que fica na mesma construção da escola, possui 410 pessoas cadastradas, sendo que este número inclui outras comunidades da redondeza como Cubatãozinho e Rasgadinho. Os atendimentos são na área médica e odontológica, um dia da semana a cada 15 dias, com número restrito de pacientes. Cerca de 40 pessoas são atendidas pelo Médico e 15 pelo Dentista. Casos mais graves são encaminhados para a cidade (Morretes ou Guaratuba). No posto de saúde existe uma gama de remédios e materiais, os quais são doados à população. Entre estes, estão anticoncepcionais, preservativos, soro fisiológico e outros medicamentos contra as mais variadas doenças, havendo a necessidade de apresentação da receita médica para sua obtenção (Figura 3a).

Segundo a Sra. Miriam, auxiliar de enfermagem (Figura 3b), responsável pelo posto de saúde, os problemas de saúde mais comuns são verminoses tanto em adulto quanto em criança, pressão alta, gripe, problemas de garganta e bronquite. Indica também que alguns médicos que vão até o posto chegam a recomendar o uso de chás de ervas medicinais em associação com alopáticos. Em seu curso técnico, a sra. Miriam disse não ter recebido nenhuma instrução para uso de plantas na comunidade.

A atual escola é chamada de Escola Rural Municipal Limeira (Figura 4a), a qual atende uma média de 60 alunos no ensino fundamental (1ª a 4ª série). Depois de concluído o último ano do ensino fundamental, a maioria das crianças param com seus estudos devido à falta de recurso para sair da comunidade. Segundo professores locais, a desistência na escola fica em torno de 20% devido à necessidade de ajudar a família no trabalho agrícola, mas todas as crianças em idade escolar são encaminhadas para a sala de aula.

Na Comunidade de Limeira também existem moradores que há algum tempo trabalharam com mineração de ouro nas serras adjacentes, as quais se encontram atualmente abandonadas, e os ex-trabalhadores aposentados. Atualmente, os moradores locais dependem economicamente do cultivo de banana, agricultura de subsistência e extrativismo de palmito (Figura 4b).

As residências, geralmente de alvenaria ou madeira, apresentam um quintal bastante diverso e amplo, onde estão plantadas espécies ornamentais, alimentícias (hortas) e medicinais (hortas ou espalhadas pelo quintal).



Figura 2 – a) Vista do Rio Canavieiras, divisor das Comunidades de Limeira e Ribeirão Grande (1 – início de Ribeirão Grande; 2 – Limeira); b) Estrada de acesso às comunidades estudadas; c) Vista da chegada à Comunidade de Limeira, Mun. Guaratuba, Paraná.



Figura 3 – a) Posto fiscal e telefônico da Comunidade de Limeira; b) Parte interna do Posto de Saúde da Comunidade de Limeira; c) Posto de Saúde e sra. Míriam, auxiliar de enfermagem responsável pelo atendimento, na Comunidade de Limeira, Mun. Guaratuba, Paraná.



Figura 4 – a) Escola Municipal Rural (1) e Posto de Saúde (2) de Limeira; b) Vista geral de plantação de banana na Comunidade de Limeira, Mun. Guaratuba, Paraná.

Comunidade de Ribeirão Grande

Ribeirão Grande abrange cerca de 6 km às margens do rio Canavieiras, mas em direção oposta ao núcleo populacional de Limeira. O acesso a esta comunidade se dá pela estrada de acesso a Limeira, cruzando-se o rio, a pé, pela ponte pênsil. Veículos que utilizam este acesso devem atravessar o leito do rio, dada a inexistência de ponte. Outra forma de acesso é pela estrada que se inicia em Garuva, passa por Cubatãozinho e termina no rio Canavieiras (Figuras 1 e 2a₂, 5a).

Segundo informação de moradores locais, a maioria do moradores de Ribeirão Grande são de origem indígena, provavelmente da Tribo Carijó. Os índios carijós habitaram a região de Guaratuba e antes da chegada os primeiros povoadores “civilizados” que fundaram a Vila de Guaratuba (MAFRA, 1952). BIGARELLA (1991) também relaciona a presença de restos mortais do homem pré-histórico encontrado nos sambaquis do litoral do Paraná com os índios carijós.

Esta comunidade não apresenta infraestrutura própria, sendo dependente da Comunidade de Limeira. O poder aquisitivo destas famílias também é inferior em relação à outra comunidade. Estes, como os outros moradores das comunidades vizinhas, também trabalham com a cultura da banana e mandioca, e outras de subsistência, como feijão e milho.

A maioria das pessoas adultas é analfabeta ou semi-analfabeta, sendo que todas as crianças freqüentam a escola. Há alto índice de pessoas aposentadas. Há cerca de 10 anos existia uma escola nesta comunidade. Com a intenção de melhorar o atendimento dos alunos, foram unificadas as escolas, funcionando atualmente apenas a de Limeira. Esta unificação também beneficiou o relacionamento social entre as duas comunidades.

As propriedades são relativamente menores que as de Limeira, sendo a maioria das casas pequenas e construídas de pau-a-pique, demonstrando ser de origem mais simples. O interior destas residências é bastante simples, poucas apresentam aparelhos de TV ou rádio, motivados também pela religião a qual a maioria pertence (Assembléia de Deus), mas todos possuem energia elétrica. Mas, assim como em Limeira, os moradores de Ribeirão Grande possuem em seus quintais uma grande variedade de espécies vegetais tanto ornamentais como alimentícias e medicinais, em hortas ou espalhadas ao redor da casa (Figura 5b).

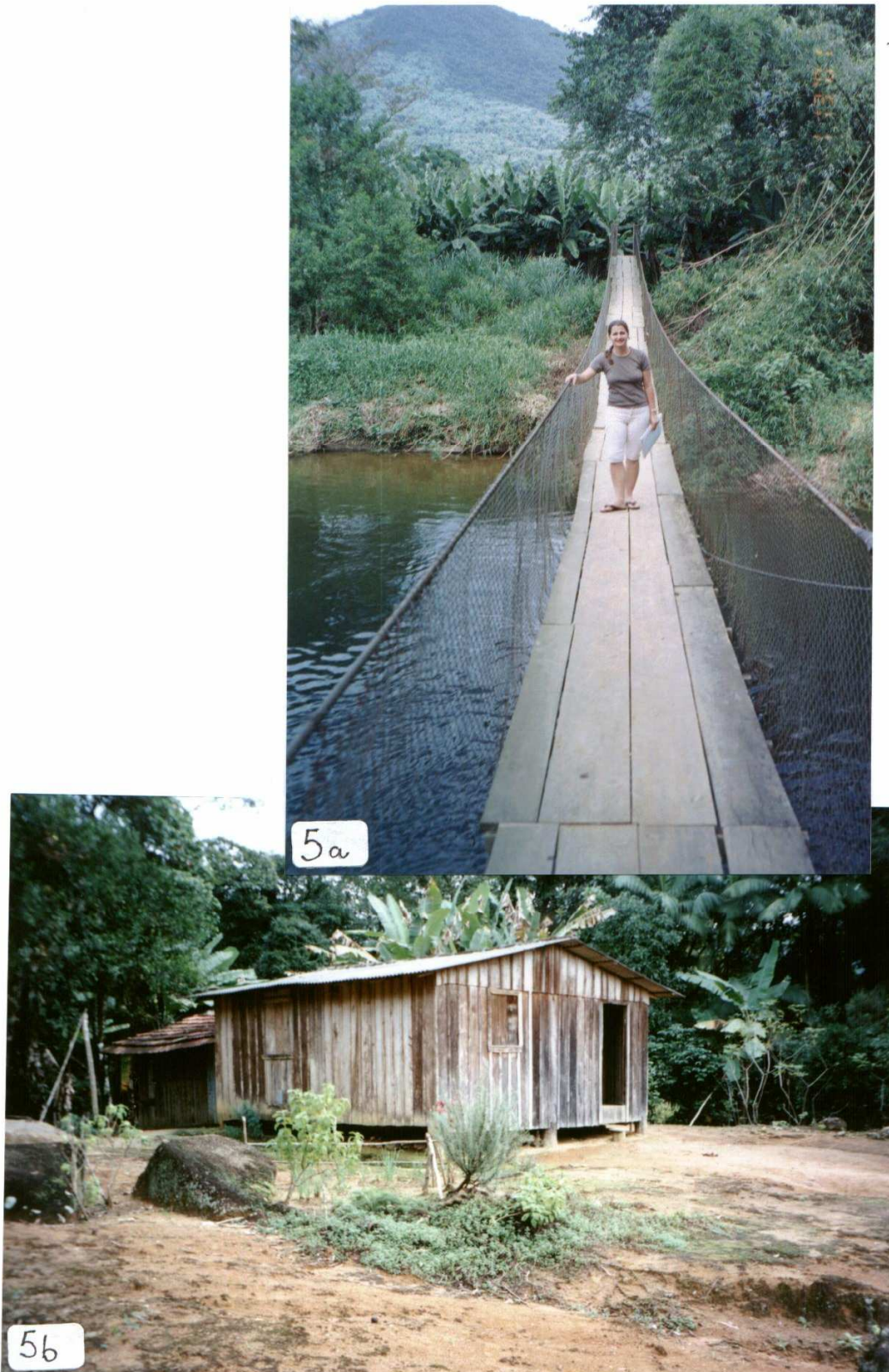


Figura 5 – a) Ponte pênsil, onde é feita a travessia do rio Canavieiras, dando acesso à Comunidade de Ribeirão Grande; b) Residência da família de Sr. Francisco e Sra. Gabriela Alves Cordeiro, que apresenta grande variedade de plantas medicinais no quintal, localizada na Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, Paraná.

3.3 Procedimento metodológico

Para descrição das características da amostra populacional, assim como para coleta de informações sobre as espécies vegetais utilizadas na terapêutica popular pelas Comunidades de Limeira e Ribeirão Grande, executou-se pesquisa exploratório-descritiva envolvendo levantamento bibliográfico e levantamento junto às comunidades alvo. A coleta de dados foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2001.

A abordagem feita aos entrevistados foi em forma de diálogo seguindo um roteiro básico (Anexo 1), assim como indicado por LIMA (1996), as perguntas feitas aos entrevistados, mesmo que de forma espontânea, foram planejadas anteriormente pela pesquisadora, cabendo a esta uma forma de obter e explorar o que de melhor o entrevistado apresenta de conhecimento etnobotânico. Além da informação sobre a identificação pessoal (nome completo, endereço, idade, sexo), durante o diálogo foram anotados dados sobre as plantas medicinais utilizadas, modo de uso, finalidade e obtenção deste conhecimento. A obtenção de dados sócio-econômicos se deu de modo informal, possibilitando uma maior flexibilidade no contato entre entrevistador e entrevistado (Figuras 6 (a, b, c) e 7 (a, b)).

Como indicado por AMOROZO & GÉLY (1988), os esforços amostrais foram concentrados sobre os moradores que sabiam mais a respeito do uso terapêutico das plantas, sendo estes encontrados por indicação da própria comunidade. Desta forma, o universo amostrado abrangeu todos os conhecedores indicados, geralmente pessoas de mais idade ou que possuíam em seu quintal maior número de plantas medicinais. Além deste critério, utilizou-se de outro que, segundo AMOROZO (1995) também pode ser considerado, o qual considera um informante válido qualquer pessoa que possua “competência cultural”, ou seja, que conheça o bastante a cultura de sua comunidade para informar de forma satisfatória os hábitos de seu povo. Este critério foi utilizado quando cessaram as indicações.

As análises de suficiência amostral foram efetuadas através de curvas do esforço-amostral, construídas a partir do registro cumulativo das novas espécies citadas nas distintas entrevistas. Com base na interpretação visual, buscou-se localizar o ponto de inflexão da curva, ou onde houve tendência à estabilidade, indicando suficiência amostral (NEGRELLE, 1995).

Durante as entrevistas tentou-se averiguar o uso não apenas de plantas medicinais (humano e veterinário), mas também a utilização de vegetais não madeiráveis existente

na região. Para este detalhamento foram feitas perguntas com relação ao consumo humano (alimento), à utilização de plantas como forrageio de animais, para tingimento, material para artesanato (fibras), para matar pragas (toxinas), móveis (madeira) e ornamental. A duração de cada entrevista variou de acordo com cada entrevistado, dependendo da sua disponibilidade e número de citações apresentadas, chegando ao máximo de 2 horas e mínimo de 30 minutos.



Figura 6 – a) Entrevista com a família da Sra. Gabriela Alves Cordeiro, na Comunidade de Ribeirão Grande; b) Visita ao quintal da Sra. Alexandrina; c) Visita ao quintal da Sra. Gabriela e Sr. Francisco .



Figura 7 – a) Entrevista com Sra. Virginia, reconhecendo as plantas que possui na sua horta e quintal, na Comunidade de Ribeirão Grande; b) Entrevista com a família do Sr. Elias, Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, Paraná.

Sempre que possível, realizou-se a coleta e herborização das plantas citadas. A identificação do material coletado seguiu os padrões da taxonomia clássica, feita com base em caracteres morfológicos florais e utilizando-se, quando possível, vários exemplares. As determinações foram efetuadas através de chaves analíticas e comparações com materiais depositados no herbário UPCB. Para as espécies que não foi possível coleta, a identificação foi feita através de literatura especializada, onde considerou-se a espécie mais comum para o nome popular citado.

A análise da diversidade etnobotânica foi calculada utilizando-se o índice de Shannon (H'), segundo a metodologia citada por MAGURRAN (1988). A similaridade entre as comunidades foi analisada com base no índice Sørensen (MUELLER-DAMBOIS & ELLENBERG, 1974).

4. RESULTADOS

No total foram entrevistadas 18 famílias, sendo 7 da Comunidade de Limeira e 11 da Comunidade de Ribeirão Grande.

Registrou-se 115 espécies vegetais, pertencentes a 52 famílias, sendo em sua maioria espécies exóticas distribuídas pelos quintais (Tabela 1). Algumas espécies nativas também se encontravam nos quintais dos moradores, facilitando, assim, sua coleta. A menor indicação de espécies nativas, aparentemente, não se resume apenas à maior dificuldade de acesso à área florestada, mas também ao receio dos moradores locais de utilizar material biológico inserido numa APA.

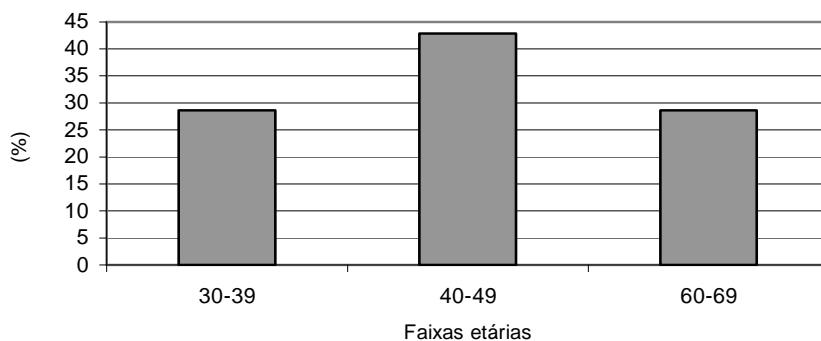
Dentre os diferentes usos apontados para as espécies citadas, o emprego medicinal foi o mais expressivo, seguido da indicação de recursos vegetais como alimento. Em menor escala, registrou-se os usos veterinário, místico e para tingimento cosmético além de artesanal e ornamental. Muitas espécies foram citadas para mais de um uso, principalmente associando os usos medicinal e alimentício.

4.1 Comunidade de Limeira

Caracterização sócio-econômica da amostra populacional

A amostra populacional desta comunidade abrangeu indivíduos entre 33 e 68 anos de idade (Figura 8), estando a maioria no intervalo de 40-49 anos (42,8%). O sexo feminino foi melhor representado, englobando 71,4% dos entrevistados.

Figura 8 - Incidência de indivíduos representativos de diferentes faixas etárias em levantamento etnobotânico realizado na Comunidade de Limeira, Mun. Guaratuba, PR (jan/fev-2001) (n = 7)



Todos os entrevistados eram alfabetizados, incluindo-se no universo amostrado os três professores da escola local e a auxiliar de enfermagem do posto de saúde local, uma comerciante, uma dona de casa e uma aposentada. Exceto pela aposentada, todos os outros trabalhavam na lavoura de banana, principalmente, para aumentar a receita da casa. Segundo informações dos entrevistados, todas as crianças em idade escolar freqüentam regularmente a escola com uma taxa de desistência em cerca de 20%.

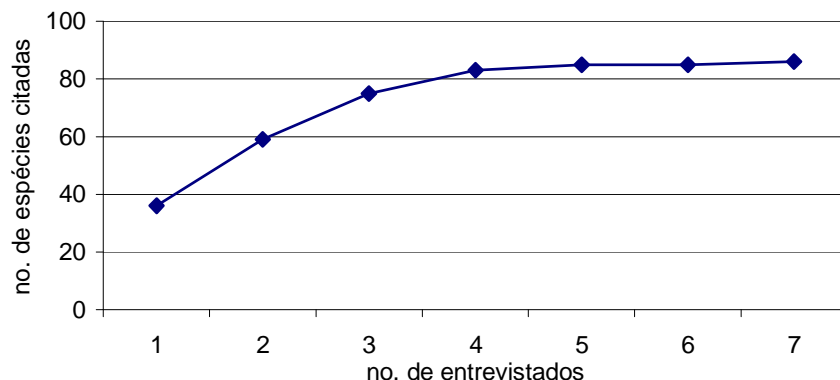
O número médio de pessoas por residência registrado foi de 3,6, sendo o tempo de residência dos entrevistados na comunidade de 21,4 anos para os imigrantes. Estes representaram 71,4% dos entrevistados, sendo o restante (28,6%) nativos da região.

Quanto à religião, 42,8% dos entrevistados pertenciam à Congregação Cristã, 28,6% eram Católicos e outros 28,6% pertenciam à Igreja Assembléia de Deus.

Levantamento etnobotânico

Todas as entrevistas realizadas na Comunidade de Limeira envolveram, além da pessoa foco da entrevista, a família presente no momento. Este número de entrevistas representa cerca de 9% da população desta comunidade. Através da curva do esforço amostral pode-se detectar um ponto de inflexão e estabilidade a partir da quarta entrevista, pelo que se considerou suficiente a amostra de sete famílias (Figura 9).

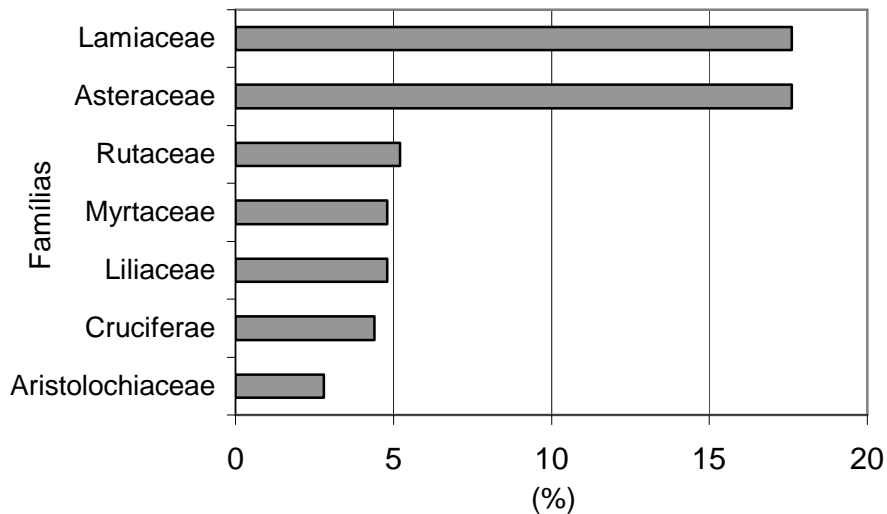
Figura 9 - Curva de etnoespécies citadas pelos entrevistados da Comunidade de Limeira, Guaratuba, PR.



Obteve-se para esta comunidade, um total de 250 registros de plantas de uso doméstico, com média de 35,7 registros por entrevista. Estes registros englobaram 82 etnoespécies ($H' = 4,21$, $var = 0,0001$) pertencentes à 74 gêneros e 44 famílias botânicas, com média de 12 espécies por entrevista realizada (Tabela 2).

As famílias botânicas Asteraceae e Lamiaceae foram as que englobaram maior número de registros nas entrevistas (44 cada), seguidas por Rutaceae (13), Myrtaceae e Liliaceae (12 cada) e Cruciferae (11). As demais famílias obtiveram registros inferiores a 10, integralizando 45,6% do total amostrado (Figura 10).

Figura 10 – Famílias botânicas mais citadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira, Guaratuba, PR. (n = 250)



Todos os habitantes amostrados da comunidade de Limeira, independente de sexo ou idade, indicaram fazer uso de plantas medicinais freqüente (85,7%) ou eventualmente (14,3%). Todos os entrevistados indicaram o cultivo doméstico de alguma das plantas medicinais das quais fazem uso. Aproximadamente 77% das espécies citadas puderam ser visualizadas nos quintais e/ou hortas das famílias amostradas, podendo ser distribuídas em cultivas e espontâneas, o restante das espécies eram originárias da mata adjacente e comércio (Tabela 2). Além desta, foram indicados também os amigos, parentes (mãe), farmácia e supermercado como forma de obtenção destes recursos.

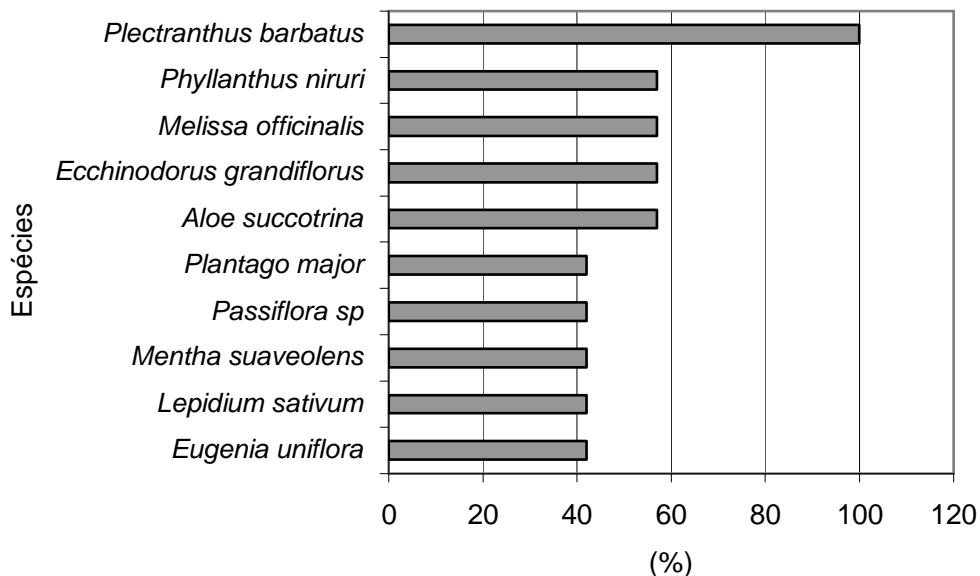
Cerca de 42% indicou fazer “experiências”, ou seja, utilizar-se uma vez e se der certo passar a utilizar sempre determinada planta tida como medicinal. Aproximadamente 29% disseram seguir recomendação médica e ou buscar orientação em livros especializados. Quanto à dosagem, o panorama foi semelhante. Todos disseram seguir a orientação familiar, ressaltando-se que 42,8% dos entrevistados afirmaram utilizar qualquer dosagem, pois “planta não faz mal à saúde” e somente 14,3% indicaram buscar confirmação científica (médico e bibliografia) para dosagem. Esta alta incidência de “experiências” feitas com plantas medicinais está ligada ao fato de nunca terem presenciado, segundo eles, uma intoxicação por remédio caseiro. Desta forma, acreditam

que não correm perigo ao se utilizar de qualquer planta para qualquer sintoma ou não ter maiores cuidados com a dosagem.

Das 81 espécies indicadas na Comunidade de Limeira para uso terapêutico humano e/ou alimentação, 29 delas (35%) apresenta algum nível de toxicidade segundo bibliografia especializada consultada (Tabela 2). Outro fato preocupante é que as 3 espécies que se apresentaram em maior frequência nas entrevistas feitas nesta comunidade, boldo (*Plectranthus barbatus*), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*), e erva-cidreira (*Melissa officinalis*), possuem ação tóxica em certas condições, como irritação gastrointestinal, abortiva e enfraquecimento, respectivamente (Anexo 2).

Dentre as etnoespécies medicinais, o boldo (*Plectranthus barbatus*) destaca-se como espécie de uso muito freqüente pelos moradores desta comunidade, sendo citado pelo menos uma vez em cada uma das entrevistas realizadas. As espécies *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra), *Melissa officinalis* (erva-cidreira), *Echinodorus grandiflorus* (chapéu-de-couro) e *Aloe succotrina* (babosa) foram citadas em 57% das entrevistas, ou seja, por pelo menos 4 das famílias entrevistadas. O restante das espécies teve freqüência menor que 50%, sendo que a maioria foi citada apenas uma vez em todo o universo amostrado (Figura 11).

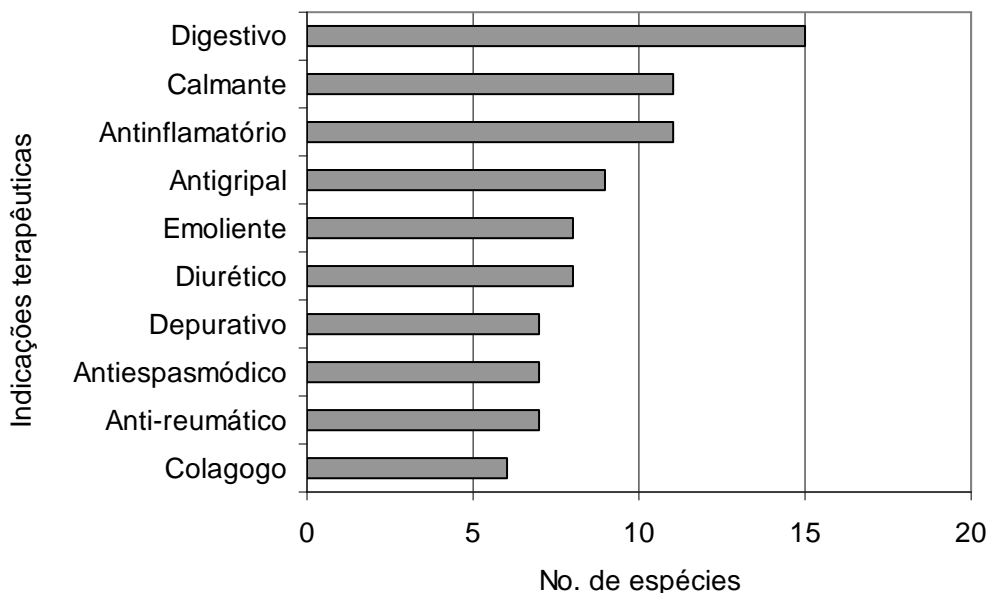
Figura 11 – Frequência da indicação de diferentes espécies indicadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira, Guaratuba, PR. (n = 7 entrevistas)



As espécies indicadas com maior número de atividades terapêuticas foram *Plantago major* (tanchagem), *Lepidium sativum* (mentruz) e *Aristolochia* sp (cipó-milhomem) com 6 registros diferentes para cada uma, seguidas de *Salvia officinalis* (salvia), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Ocimum basilicum* (alfavaca), *Citrus sinensis* (laranjeira), *Matricaria chamomila* (camomila) e *Aloe succotrina* (babosa) com 5 registros para cada.

Já a propriedade terapêutica com maior número de registros de espécies diferentes foi a digestiva, englobando 15 espécies. Esta propriedade foi registrada para as espécies *Achillea millefolium* (ponta-alívio), *Achyrocline satureioides* (marcega), *Aloe succotrina* (babosa), *Aristolochia* sp (cipó-milhomem), *Artemisia absinthium* (losna), *Matricaria chamomila* (camomila), *Cynara scolymus* (alcachofra), *Plectranthus barbatus* (boldo), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Salvia officinalis* (salvia), *Stachytarpheta cayenensis* (gervão), *Tanacetum* sp (marcelinha), *Verbena minutiflora* (fel-da-terra) e *Vernonia condensata* (figatil). As outras propriedades mais indicadas foram calmante e anti-inflamatório - 11 espécies diferentes cada uma (Figura 12).

Figura 12 – Indicações terapêuticas com maior diversidade específica no levantamento etnobotânico na Comunidade de Limeira, Guaratuba, PR. (n = 81 espécies)



Das 29 diferentes formas de uso obtidas nas entrevistas, as mais registradas foram chá com 170 citações (68%), seguida de banho com 14 citações (5,6%). A folha foi a parte da planta indicada por 63,2% dos entrevistados quando da utilização como recurso

medicinal, seguida pela indicação de uso da planta toda por 14% dos entrevistados. Ao todo foram citadas 14 partes diferentes da planta no uso terapêutico.

Os chás, em sua maioria, foram referenciados como feitos a partir da fervura da folha ou qualquer outra parte da planta, representando na verdade uma decocção em água. Poucos indicaram a infusão para obtenção de chás. Soluções alcoólicas, utilizando álcool comercial, cachaça e conhaque, também foram registradas como bastante comuns, além da utilização da planta macerada com leite, óleo, sal, água e álcool. Foi citada também a ocorrência de variação da propriedade da planta em virtude da forma de preparo.

O mel foi bastante citado como acompanhamento de chás e como base para xaropes contra doenças respiratórias, gripes, tosses, estomacais e câncer. Outros produtos como, por exemplo, o vinagre, sal, leite, açúcar, foram citados como de uso associado a diferentes fitoterápicos.

Dentre as indicadas como de uso veterinário, cita-se a *Mentha cf. suaveolens* (hortelã) contra envenenamento, enjôo, vermífugo e calmante, através da maceração das folhas com leite, indicado para animais domésticos como cachorro e vaca. A nódoa das folhas de *Musa sp* (bananeira) foi citada como coagulante e cicatrizante através de aplicação direta sobre o ferimento, indicada tanto para eqüinos como para humanos. A casca de *Cedrela fissilis* (cedro), em molho com água, foi indicada como vermífuga, sendo indicada para galinhas e patos.

Pirostegia venusta (cipó são-joão) foi citada como material utilizado para tingimento de assoalho. Para esta finalidade, utilizam-se da água em que foram cozidas as raízes desta planta.

As indicações de plantas utilizadas na ornamentação das residências ficaram restritas às espécies das famílias Bromeliaceae, Ochidaceae, Araceae, Cactaceae e Pteridófitas. Na categoria de vegetais utilizados exclusivamente como alimento humano foi obtida pouca informação como *Euterpe edulis* (palmito), *Inga sp* (ingá) e Myrtaceae (cambucá), mas obteve-se um número expressivo de registros de espécies utilizadas tanto para alimentação como medicinal, como por exemplo, o agrião (*Nasturtium officinalis*), a couve (*Brassica oleracea*) e a alcachofra (*Cynara scolymus*).

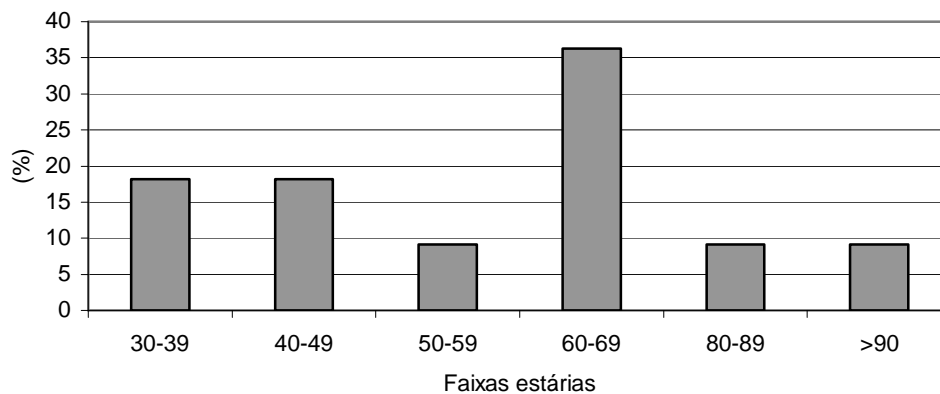
Um único material não biológico, a argila verde, foi citado como medicinal por esta comunidade. Este material foi referenciado como indicado para a cura de mioma de útero, tumor no intestino e problemas de pele.

4.2 Comunidade de Ribeirão Grande

Caracterização sócio-econômica da amostra populacional

A amostra populacional relativa à Comunidade de Ribeirão Grande englobou indivíduos de 31 a maiores de 90 anos, sendo em sua totalidade do sexo feminino. A faixa etária com maior número de indivíduos entrevistados foi a 60 a 69 anos (36,3%) (Figura 13).

Figura 13 – Incidência de indivíduos representativos de diferentes faixas etárias em levantamento etnobotânico realizado na Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, PR. (n = 11)



Registrou-se entre as entrevistadas alto índice de analfabetismo (54,6%), principalmente aquelas de maior idade. Os demais (45,4%) indicaram já haver freqüentado escola por algum período, podendo ser considerados semi-analfabetos. Quanto à atividade econômica, 45,4% das famílias dedicavam-se ao trabalho rural (agricultura de banana, mandioca e outros produtos para subsistência); outros 45,4% eram aposentados e 9,2% donas de casa, atividade esta que não as impedia de trabalhar na agricultura. Esta comunidade tem nível econômico inferior ao de Limeira. As propriedades são, aparentemente menores, geralmente divididas entre vários filhos, com casas construídas de pau-a-pique, com banheiros externos à casa e pouca mobília. Em sua maioria os moradores sobrevivem da venda da banana e farinha de mandioca que produzem para proprietários das bancas na beira da rodovia BR-277, os quais buscam na lavoura os produtos. O acesso às propriedades que compõem esta comunidade é mais

restrito e quanto mais longe da divisa das duas comunidades mais complicado fica o acesso, devido a falta de pontes sobre os pequenos rios afluentes do rio Canavieiras.

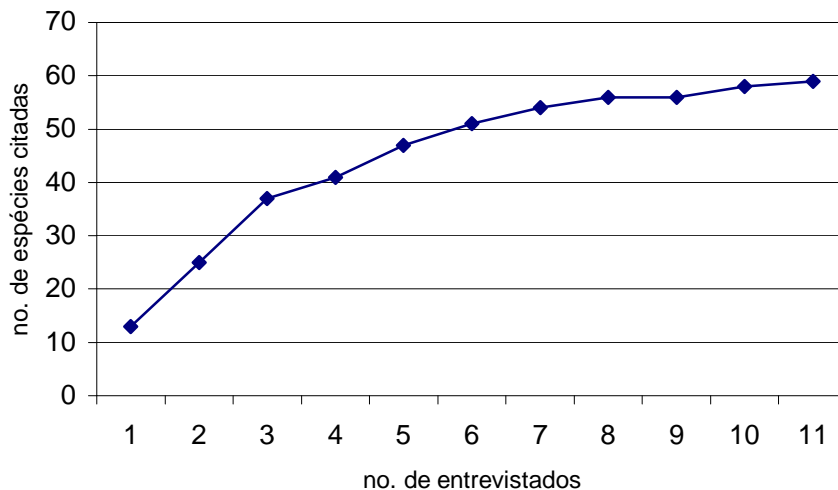
O número médio de pessoas por residência registrado foi de 4,5. Todo o universo amostral era de nativos do local, assim como seus pais e avós.

A maioria dos entrevistados pertencia à religião evangélica sendo distribuídos em 54,5% da Assembléia de Deus e 18,2% da Congregação Cristã. Os outros 27,3% não freqüentavam nenhuma igreja.

Levantamento etnobotânico

Nesta comunidade foram entrevistadas 11 famílias, as quais foram representadas por uma pessoa foco, igualmente como ocorrido em Limeira, além do restante família presente também participaram da entrevista. Houve particular contribuição de alguns homens neste processo. Este número de entrevistas representou aproximadamente 14% da população desta comunidade. Através da curva esforço - amostral pode-se detectar um ponto de inflexão e inexpressivo incremento a partir da oitava entrevista, pelo que se considerou suficiente a amostra de 11 famílias (Figura 14).

Figura 14 - Curva de etnoespécies citadas pelos entrevistados da Comunidade de Ribeirão Grande, Guaratuba, PR.



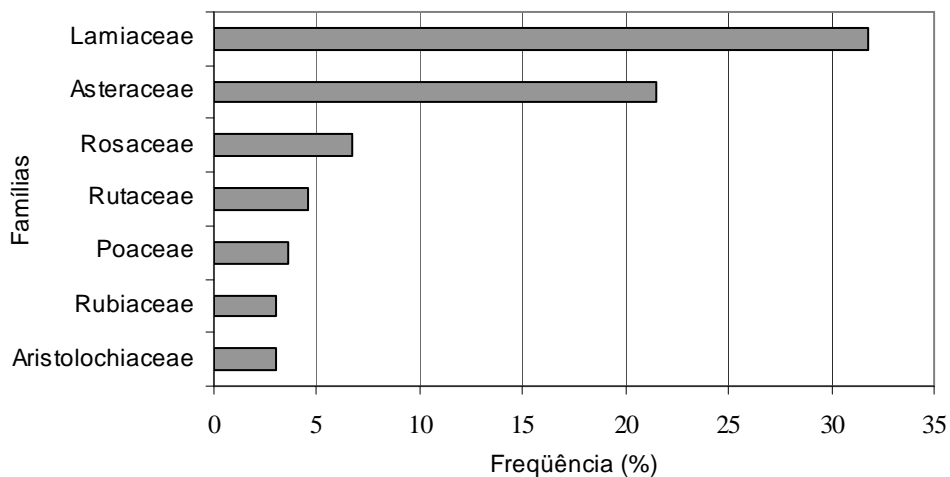
Para esta comunidade obteve-se um registro total de 195 utilizações de plantas de uso doméstico, com média de 17,7 registros por entrevista. Estes registros englobaram 53 etnoespécies ($H' = 3,01$, $var = 0,0231$; diversidade significativamente distinta de Limeira – Teste t' , $p < 0,0001$) pertencentes à 44 gêneros e 27 famílias botânicas, com média de 5,4

por entrevista realizada. Dentre estas etnoespécies, 4 forma identificadas somente em nível de família e 2 não puderam ser identificadas (Tabela 3).

Em termos de composição específica, os registros da Comunidade de Ribeirão Grande apresentam 40,8% de similaridade com a Comunidade de Limeira.

As famílias botânicas com maior número de registros foram Lamiaceae (31,8%), seguida por Asteraceae (21,5%), Rosaceae (6,7%), Rutaceae (4,6%), Poaceae (3,6%), Rubiaceae e Aristolochiaceae (3% cada). As demais famílias obtiveram registros inferiores 6, integralizando 25,6% do total amostrado (Figura 15).

Figura 15 – Famílias botânicas mais citadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, PR. (n = 195)



Os entrevistados, em sua maioria (91%), indicaram utilizar frequentemente plantas medicinais para aliviar sintomas ou curar doenças, sendo que 9% mencionam a utilização esporádica deste recurso. Segundo os entrevistados, o uso das plantas na terapêutica popular desta comunidade é administrado aos familiares sempre como uma primeira tentativa de alívio ou cura dos sintomas, caso este não surta efeito são encaminhados para o hospital mais próximo, geralmente na cidade de Morretes.

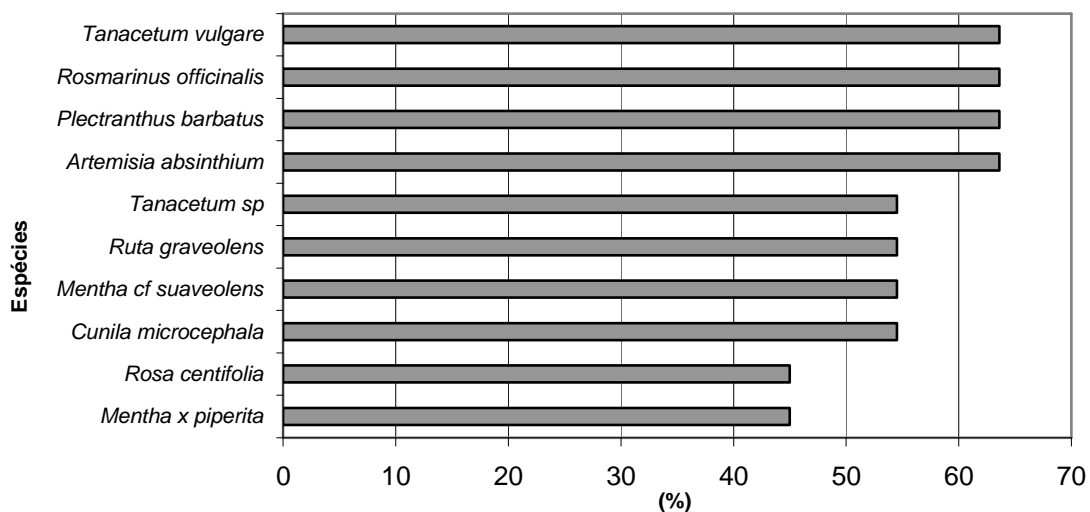
No decorrer das entrevistas as famílias indicaram cultivar plantas medicinais em seus quintais, hortas e jardins, sendo também obtidos com amigos e parentes (45,4%) e na farmácia (18%), mas das plantas indicadas por eles aproximadamente 80% foram encontradas em seus quintais (cultivadas ou espontâneas), sendo o restante obtidas na mata adjacente e comércio. O conhecimento para a utilização das plantas vem em sua totalidade da família, mães e avós, mas além destes, 45,4% dos entrevistados fazem testes, caso dê resultados, continuam a utilizar. Com relação à dosagem, 81,8%

prescrevem qualquer dosagem, até que se faça efeito, 72,7% seguem a orientação dos antepassados e 18,2% seguem recomendação médica. Com relação apenas as plantas citadas nas entrevistas, para as quais foram indicadas formas de uso e parte utilizada, 88,2% são encontradas em seus quintais e os 11,3% restante são conseguidos tanto na mata quanto no comércio da cidade.

Das 53 espécies indicadas na Comunidade de Ribeirão Grande para uso terapêuticos humanos e/ou alimentação, assim como na Comunidade de Limeira, 19 delas (35,8%) apresenta algum nível de toxicidade segundo bibliografia especializada consultada (Tabela 3). Outro fato preocupante é que as 3 espécies que se apresentaram em maior frequência nas entrevistas feitas nesta comunidade, catinga-de-mulata (*Tanacetum vulgare*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*) e boldo (*Plectranthus barbatus*) possuem ação tóxica em certas condições, como por exemplo abortivo e irritação gastrointestinal (Anexo 2).

Levando em consideração o número de questionários (n = 7), as etnoespécies que tiveram maior frequência foram *Tanacetum vulgare* (catinga-de-mulata), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Plectranthus barbatus* (boldo) e *Artemisia absinthium* (losna) com 63,6% cada uma, sendo citadas pelo menos uma vez por 7 das 11 famílias entrevistadas. As espécies *Tanacetum* sp (marcelinha galega), *Ruta graveolens* (arruda), *Mentha cf suaveolens* (hortelã) e *Cunila microcephala* (poejo/hortelã-pimenta) obtiveram frequência de 54,5% (6 famílias entrevistadas). O restante das espécies teve frequência menor que 50%, tendo em sua maioria aparecido apenas em uma entrevista (Figura 16).

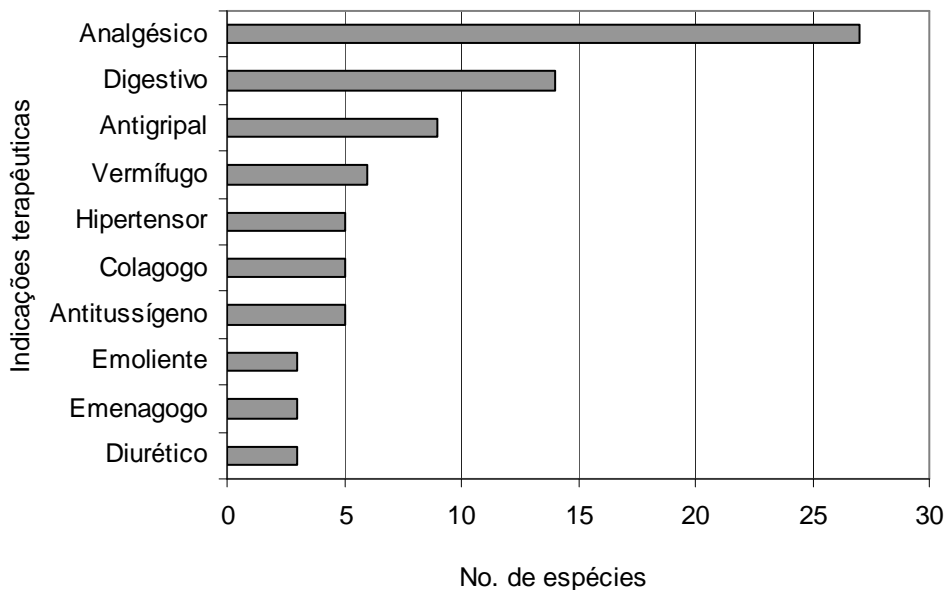
Figura 16 – Frequência de indicação das diferentes espécies incluídas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, Pr. (n = 11 entrevistas)



As espécies indicadas com maior número de atividades terapêuticas diferentes foram *Rosmarinus officinalis* (alecrim), e *Cymbopogon citratus* (cana-santa) com 5 registros diferentes para cada uma, seguidas de *Ruta graveolens* (arruda), *Plectranthus barbatus* (boldo), *Mentha x piperita* (hortelã-pimenta), *Cunila microcephala* (poejo) e *Bauhinia forficata* (pata-de-vaca) com 4 registros para cada.

Já a propriedade terapêutica com maior número de registros de espécies diferentes (27) foi a analgésica. Esta propriedade foi registrada para as espécies *Achillea millefolium* (ponta-alívio), *Aristolochia* sp (cipó-milhomem), *Artemisia absinthium* (losna), *Bauhinia forficata* (pata-de-vaca), *Calydorea* sp (jabotitana), *Chenopodium ambrosioides* (erva-de-santa-maria), *Cinchona officinalis* (quina), *Cunila microcephala* (hortelã-miúdo/poejo), *Cymbopogon citratus* (cana-santa), *Echinodorus grandiflorus* (chapéu-de-couro), *Homalocladium platycladum* (carquejinha), *Leonurus sibiricus* (pau-para-tudo), *Mentha suaveolens* (hortelã), *Mentha x piperita* (hortelã-pimenta/alevante), *Ocimum basilicum* (alfavaca), *Petiveria alliacea* (guiné), *Plectranthus barbatus* (boldo), *Rheum palmatum* (ruibarbo), *Rosa centifolia* (rosa-branca), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Ruta graveolens* (arruda), *Sambucus nigra* (sabugueiro), *Tanacetum* sp (marcelinha galega), *Tanacetum vulgare* (catinga-de-mulata), *Zingiber officinale* (gengibre), Lamiaceae 2 (dipirona) e não identificada (mauá). As outras propriedades mais indicadas foram digestiva (14 espécies) e antigripal (9 espécies) (Figura 17).

Figura 17 – Indicações terapêuticas com maior diversidade de espécies citadas no levantamento etnobotânico na Comunidade de Ribeirão Grande, Mun. Guaratuba, PR. (n = 53 espécies)



No total, foram citadas 17 formas diferentes de utilização das plantas medicinais. A forma citada mais comum de utilização dos fitoterápicos foi chá (decoção), representando 69,2% das citações, seguida de maceração (5,1%), compressa e banho (4,6% cada). Assim como em Limeira, nesta comunidade os chás foram mencionados como feitos a partir da fervura da planta em água (decoção). Soluções alcoólicas, com base no álcool comercial, na cachaça e conhaque foram também indicadas, além da utilização da planta macerada em água, leite e álcool. O açúcar e o mel foram referenciados como bastante empregados no feitiço de xaropes. Registrou-se como comum a associação de fitoterápicos com remédios alopáticos, mas em menor número que o ocorrente em Limeira. Também foram observados, nesta comunidade, conhecimentos relacionados aos instrumentos de cura de doenças e/ou sintomas utilizando outros materiais que não vegetais, foi o caso da urina e fel de boi, os dois usados na cura da diabetes.

Algumas espécies citadas para uso medicinal também foram indicadas como alimento, como foi o caso do *Nasturtium officinale* (agrião) e da *Musa* sp (banana). Exclusivamente como alimento também foram citadas *Garcinia garderiana* (bacupari) e *Euterpe edulis* (palmito).

Assim como em Limeira, a parte das plantas citadas como mais utilizada pelos entrevistados foi a folha (77,9%), seguida da planta toda (7,2%), e da raiz e casca (3,6% cada), as quais juntamente com as outras seis partes citadas completam o total das citações.

Apesar da religião da maioria dos habitantes desta comunidade ser evangélica, estes ainda conservam alguns hábitos místicos. Utilizam-se de algumas plantas em seus quintais para evitar “mau-olhado”, por exemplo.

Nos quintais das famílias entrevistadas pode ser observado um grande número de plantas ornamentais típicas da Floresta Atlântica, em especial representantes das famílias Orchidaceae, Bromeliaceae, Cactaceae e Araceae.

Os atuais moradores da comunidade de Ribeirão Grande negaram o conhecimento sobre o feitiço de cestarias, ou outros produtos artesanais com material da floresta. Entretanto, um dos entrevistados da Comunidade de Limeira indicou que esta atividade ocorre na Comunidade de Ribeirão Grande, mas em pequena escala, principalmente para a produção de vassouras com raízes de timbopeba (*Phylodendron* sp). Aparentemente, esta negativa de conhecimentos seria devida à proibição por parte dos

órgãos ambientais da retirada de cipós ou qualquer outro material da floresta por se tratar de uma Área de Proteção Ambiental.

TABELA 1 – Espécies utilizadas pelas comunidades tradicionais, Limeira e Ribeirão Grande em levantamento etnobotânico, classificação botânica, nome popular e em quais comunidades cada espécie foi indicada, nas diversas categorias de uso.

Nome científico	Nome popular	Limeira	Ribeirão Grande
ACANTHACEAE			
<i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb.	guaco 1		X
ALISMATACEAE			
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mich.	chapéu-de-couro	X	X
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera</i> sp	penincilina		X
APIACEAE			
<i>Centella asiatica</i> (L.) Urban	centela	X	
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho, erva doce	X	
<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm	salsa		X
ARACEAE			
<i>Dieffenbachia seguine</i> Baill.	comigo-ninguém-pode		X
<i>Philodendron imbe</i> Schott	cipó-imbé	X	X
ARAUCARIACEAE			
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) O. Kuntze	pinheiro-do-paraná	X	
ARECACEAE			
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	palmito	X	X
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	coquinho, jorivá	X	
ARISTOLOCHIACEAE			
<i>Aristolochia</i> sp	cipó-milhomem	X	X
ASTERACEAE			
<i>Achillea millefolium</i> Lebed.	ponta alívio	X	X
<i>Achyrocline satureioides</i> DC.	marcega	X	
<i>Ageratum conyzoides</i> Linn.	cabiju	X	
<i>Ambrosia artemisifolia</i> Linn.	artemisia, artemijo, losna 1	X	X
<i>Artemisia absinthium</i> Linn.	losna 2	X	
<i>Baccharis trimera</i> DC.	carqueja	X	
<i>Bidens pilosa</i> Linn.	pico-pico	X	
<i>Cynara scolymus</i> Linn.	alcachofra	X	
<i>Matricaria chamomila</i> Linn.	camomila	X	
<i>Mikania</i> sp	guaco 2	X	X
<i>Tanacetum</i> sp	macelinha, marcelinha	X	X
<i>Tanacetum vulgare</i> Linn.	catinga de mulata	X	X
<i>Vernonia condensata</i> Baker	figatil, boldo	X	X
BIGNONIACEAE			
<i>Pyrostegia venusta</i> Miers.	cipó-são-joão	X	
<i>Tabebuia avellanadae</i> Lorentz ex Griseb.	ipê-roxo	X	
BORAGINACEAE			
<i>Symphytum officinale</i> Linn.	confrei		X
BRASSICACEAE			
<i>Brassica oleracea</i> Linn.	couve	X	

Nome científico	Nome popular	Limeira	Ribeirão Grande
BRASSICACEAE			
<i>Lepidium sativum</i> Linn.	mentruz	X	
<i>Nasturtium officinalis</i> R. Brown.	agrião		X
BURSERACEAE			
<i>Protium kleinii</i> Cuatrecasas	almesca	X	
CACTACEAE			
<i>Cereus</i> sp	cactos	X	
CAESALPINIACEAE			
<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca	X	X
CAPRIFOLIACEAE			
<i>Sambucus nigra</i> Linn.	sabugueiro	X	X
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia glaziovi</i> Sneth.	embaúba vermelha	X	
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reiss.	espinheira-santa	X	
CHENOPODIACEAE			
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Linn.	erva-de-santa-maria	X	X
CLUSIACEAE			
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) D.C. Zappi	bacupari		X
COMMELINACEAE			
<i>Commelina</i> sp	treparoba	X	
EQUISETACEAE			
<i>Equisetum</i> sp	cavalinha	X	
EUPHORBIACEAE			
<i>Manhiot</i> sp	mandioca brava	X	
<i>Phyllanthus niruri</i> Linn.	quebra-pedra	X	
FABACEAE			
<i>Desmodium adscendens</i> DC.	pega-pega	X	
<i>Machaerium</i> sp	tabitaruga		X
GERANIACEAE			
<i>Pelargonium x hortorum</i> L. H. Bailey	malva de flor	X	
IRIDACEAE			
aff. <i>Calydorea</i> sp	jabotitana	X	X
JUGLANDACEAE			
<i>Juglans regia</i> Linn.	nogueira	X	
LAMIACEAE			
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	hortelã-miúdo, hortelã- pimenta, poejo	X	X
<i>Lavandula spica</i> Cav.	alfazema		X
<i>Leonorus japonicus</i> Houtt.	erva-de-mamangava		X
<i>Melissa officinalis</i> Linn.	erva cidreira, melissa	X	X

Nome científico	Nome popular	Limeira	Ribeirão Grande
LAMIACEAE			
<i>Mentha cf suaveolens</i> Ehrh.	hortelã, hortelã-grande	X	X
<i>Mentha x piperita</i> Linn.	alevante, hortelã, hortelã-roxo	X	X
<i>Ocimum basilicum</i> Linn.	anis, alfavaca	X	
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	boldo	X	X
<i>Rosmarinus officinalis</i> Linn.	alecrim	X	X
<i>Salvia lachnostachys</i> Benth.	melissa	X	
<i>Salvia officinalis</i> Linn.	refil, salvia, barcelona	X	
Lamiaceae 1	acânfora		X
Lamiaceae 2	dipirona		X
LAURACEAE			
<i>Persea americana</i> Mill.	abacateiro	X	X
<i>Persea major</i> Kopp	pau de andrade	X	
LILIACEAE			
<i>Allium sativum</i> Linn.	alho	X	
<i>Aloe succotrina</i> Lam.	babosa	X	
<i>Smilax</i> sp	salsaparrilha	X	
LYTHRACEAE			
<i>Cuphea mesostemon</i> Koehne	sete-sangrias	X	
MALVACEAE			
<i>Gossypium cf barbadense</i> Linn.	algodão		X
<i>Malva sylvestris</i> Linn	malva	X	
<i>Sida rhombifolia</i> Linn.	guanxuma	X	
MARANTACEAE			
<i>Maranta arundinacea</i> Plum. ex. L.	guaná		X
MELIACEAE			
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro	X	X
MIMOSACEAE			
<i>Inga</i> sp	ingá	X	
MUSACEAE			
<i>Musa</i> sp	bananeira	X	
MYRTACEAE			
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	eucalipto	X	
<i>Eugenia uniflora</i> Linn.	pitangueira	X	
<i>Pseudocaryophyllus</i> sp	louro cravo	X	
<i>Psidium guajava</i> Linn.	goiabeira	X	
Myrtaceae 1	cambucá	X	
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora</i> sp	maracujá	X	
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> Linn.	guiné	X	X
PIPERACEAE			
<i>Pothomorphe umbellate</i> Miq.	pariparoba		X
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> Linn.	tanchagem, tanchas	X	

Nome científico	Nome popular	Limeira	Ribeirão Grande
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	cana santa, capim santo	X	X
Poaceae 1	capim-limão		X
POLYGALACEAE			
<i>Polygala paniculata</i> Linn	arnica, vick	X	
POLYGONACEAE			
<i>Homalocladium platycladum</i> L.H. Bayley	carquejinha		X
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott	erva-de-bicho	X	X
<i>Rheum</i> sp	ruibarbo		X
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum</i> Linn	romã	X	
ROSACEAE			
<i>Eriobotrya japonica</i> Lindl.	ameixa amarela	X	X
<i>Rosa centifolia</i> Linn.	rosa branca	X	X
<i>Rubus urticifolius</i> Poir.	amora-preta	X	
RUBIACEAE			
<i>Cinchona officinalis</i> Linn.	quina		X
RUTACEAE			
<i>Citrus aurantium</i> Linn. var. <i>bergamia</i>	mimosa	X	
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F.	limoeiro	X	
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranjeira	X	X
<i>Ruta graveolens</i> Linn.	arruda		X
SCROPHULARIACEAE			
<i>Scoparia dulcis</i> Linn.	vassoura-de-rainha	X	
SOLANACEAE			
<i>Atropa belladonna</i> Linn.	beladona	X	
<i>Solanum americanum</i> Mill.	erva moura	X	
<i>Solanum lycopersicum</i> Linn.	tomatinho		X
URTICACEAE			
<i>Urtiga urens</i> Linn.	urtiga	X	
VERBENACEAE			
<i>Stachytarpheta cayenensis</i> (L.C.Rich) Vahl.	gervão	X	
<i>Verbena</i> cf <i>minutifolia</i> Phil.	fel-da-terra		X
VITACEAE			
<i>Vitis vinifera</i> Linn.	uva	X	
ZINGIBERACEAE			
<i>Renealmia brasiliensis</i> K. Schum	pacová	X	X
<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	gengibre		X
NÃO IDENTIFICADAS			
	atajujá		X
	canforinho		X
	elefante		X
	mauí		X
	pau-de-tenente		X
	pau-para-tudo		X

TABELA 2: Espécies vegetais utilizadas pela Comunidade de Limeira, Guaratuba, Paraná, sendo: FA = frequência absoluta (n = 7 questionários), TOXIC = indicação bibliográfica de algum nível de toxicidade.

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i>	100	Digestivo (56), colagogo (44)	Chá (56), macerado (44)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	57	Diurético (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	*
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	57	Calmante (50), hipotensor (33,4), colagogo (16,7)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	57	Digestivo (60), diurético (20), colagogo (20)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Babosa	<i>Aloe succotrina</i>	57	Antiulcerogênico (28,5), digestivo (14,3), cicatrizante (28,5), antiácido (14,3), anti-reumatismo (14,3)	Xarope (42,9), solução alcoólica/cachaça (42,9), batida com mel (14,3)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Tanchagem	<i>Plantago major</i>	43	Antibiótico (16,7), antiinflamatório (16,7), hepatoprotetor (16,7), depurativo (16,7), emoliente (16,7), antidermatite (16,7)	Chá (83,3), banho (16,7)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Maracujá	<i>Passiflora sp</i>	43	Calmante (66,6), antidermatite (33,3)	Chá (66,6), macerada com óleo (33,3)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Hortelã	<i>Mentha cf suaveolens</i>	43	Vermífugo (humano e veterinário) (42,8), calmante (28,6), dispéptico (14,3), antiofídico (14,3)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Mentruz	<i>Lepidium sativum</i>	43	Emoliente (32,5), alimento (12,5), antibrônquico (25), diurética (12,5), anti-reumático (12,5)	Chá (75), macerado (12,5), salada (12,5)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	43	Antidientérico (50), calmante (25), anti-hemorroidal (25)	Banho (50), chá (50)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Sete-sangrias	<i>Cuphea mesostemon</i>	43	Hipoglicemiante (25), antiinflamatório (25), anti-reumático (25), depurativo (25)	Chá (75), banho (25)	Toda (75), folha (25)	Quintal (espontâneo)	*
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	43	Digestivo (75), dispéptico (25)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Cipó-milhomens	<i>Aristolochia</i> sp	43	Digestivo (28,5), hipocolesteremiante (14,3), antiespasmódico (14,3), hipoglicemiante (14,3), antidisentérico (14,3), diurético (14,3)	Chá (100)	Caule (100)	Mata	
Ponta-alívio	<i>Achillea millefolium</i>	43	Analgésico (42,9), digestivo (28,6), antiespasmódico (14,3), dispéptico (14,3)	Chá (100)	Folha (85,7), flor (14,3)	Quintal (cultivado)	
Fel-da-terra	<i>Verbena minutiflora</i>	28	analgésico (33,3), digestivo (33,3), colagogo (33,3)	Chá (100)	Toda (66,6), folha (33,3)	Mata	
Catinga-de-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i>	28	Anti-reumático (50), emoliente (25), analgésico (25)	Solução alcoólica (50), emplasto (25), macerada com álcool (25)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Ipê-roxo	<i>Tabebuia avellaneda</i>	28	Anti-inflamatório (40), anticancerígeno (40), antibiótico (20)	Chá (100)	Casca (100)	Mata	*
Erva-moura	<i>Solanum americanum</i>	28	Hepatoprotetor (100)	Banho (66,6), chá (33,3)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	28	Resolutivo-sarampo (66,6), resolutivo-rubéola (33,3)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Refil, salvia, barcelona	<i>Salvia officinalis</i>	28	Digestivo (40), alimento (20), calmante (20), analgésico (20)	Chá (80), tempero (20)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	28	Calmante (20), cardiativo (20), depurativo (20), digestivo (20), colagogo (20)	Chá (100)	Galho (60), folha (40)	Quintal (cultivado)	*
Rosa-branca	<i>Rosa centifolia</i>	28	Anti-inflamatório (50), emoliente (50)	Chá (100)	Flor (100)	Quintal (cultivado)	
Erva-de-bicho	<i>Polygonum punctatum</i>	28	Anti-hemorroidal (100)	Banho (25), chá (25), pílula (25), pomada (25)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	*
Arnica, vick	<i>Polygala paniculata</i>	28	Analgésico (60), antigripal (20), emoliente (20)	Solução alcoólica (40), chá (20), macerada com água fria (20), macerada com álcool (20)	Raiz (60), toda (40)	Quintal (espontâneo)	
Alfavaca, manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>	28	Alimento (33,4), calmante (16,7), antiespasmódico (16,7), antidermatite (16,7), resolutivo-rouquidão (16,7)	Chá (50), tempero (33,4), macerada com sal e água (16,7)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	28	Depurativa (25), diurética (25), antidermatite (25), hipotensor (25)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Malva	<i>Malva sylvestris</i>	28	Antibiótico (50), cicatrizante (25), antiinflamatório (25)	Chá (75), gargarejo (25)	Folha (100)	Comércio	
Cana-santa	<i>Cymbopogon citratus</i>	28	Calmanete (40), sonífero (20), hipotensor (20), analgésico (20)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i>	28	Antigripal (33,4), calmante (16,7), resolutivo-cachumba (16,7), resolutivo-rubéola (16,7), resolutivo-sarampo (16,7)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Camomila	<i>Matricaria chamomila</i>	28	Antiinflamatório (40), digestivo (20), antiespasmódico (20), emenagogo (20)	Chá (100)	Flor (100)	Comércio	*
Pico-pico	<i>Bidens pilosa</i>	28	Hepatoprotetor (100)	Banho (50), chá (50)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	28	Hipoglicemiante (50), diurético (50)	Chá (100)	Folha (100)	Mata	*
Pau-de-tenente	Não identificada	28	Digestivo (100)	Chá (100)	Caule (50), casca (50)	Mata	
Jabotitana	<i>Calydorea</i> sp	14	Anti-disentérico (100)	Chá (100)	Rizoma (100)	Quintal (cultivado)	
Uva	<i>Vitis vinifera</i>	14	Emenagoga (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Figatil	<i>Vernonia condensata</i>	14	Digestivo (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Urtiga	<i>Urtiga urens</i>	14	Anti-brônquico (100)	Chá (100)	Raiz (100)	Quintal (espontâneo)	*
Marcelinha galega	<i>Tanacetum</i> sp	14	Anti-disentérico (40), emoliente (20), digestivo (20), antipirético (20)	Chá (100)	Toda (100)	Quintal (cultivado)	
Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	14	Hepatoprotetor (100)	Chá (100)	Raiz (100)	Mata	
Gervão	<i>Stachytarpheta cayenensis</i>	14	Digestivo (100)	Chá (100)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Salsaparrilha	<i>Smilax</i> sp	14	Depurativo (50), anti-reumático (50)	Chá (100)	Raiz (100)	Comércio	*
Guanxuma	<i>Sida rhombifolia</i>	14	Tônico capilar (100)	Chá (100)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Vassoura-de-rainha	<i>Scoparia dulcis</i>	14	Hepatoprotetor (100)	Banho (50), chá (50)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Melissa	<i>Salvia lachnostachys</i>	14	Antiespasmódico (33,3), antigripal (33,3), sonífero (33,3)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Amora-preta	<i>Rubus urticaefolius</i>	14	Antiinflamatório (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Pacová	<i>Renalmia brasiliensis</i>	14	Vermífugo (100)	Solução alcoólica/cachaça (100)	Fruto (100)	Comércio	
Romã	<i>Punica granatum</i>	14	Antidientérico (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	14	Antidientérico (100)	Chá (100)	Broto (100)	Quintal (cultivado)	
Louro cravo	<i>Pseudocaryophyllus</i> sp	14	Alimento (33,3), calmante (33,3), antigripal (33,3)	Chá (66,6), tempero (33,3)	Folha (100)	Mata	
Almesca	<i>Proetum kleinii</i>	14	Emoliente (100)	Solução alcoólica (100)	Casca (100)	Mata	
Cipó são João	<i>Pyrostegia venusta</i>	14	Tingimento de assoalho (100)	Cozimento (100)	Raiz (100)	Mata	*
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i>	14	Antidematite (100)	Banho (100)	Toda (100)	Quintal (cultivado)	*
Pau-de-andrade	<i>Persea major</i>	14	Hipoglicemiante (100)	Chá (100)	Casca (100)	Mata	
Abacateiro	<i>Persea americana</i>	14	Diurético (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Malva-de-flor	<i>Pelargonium x hortorum</i>	14	Antiinflatório (100)	Gargarejo (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Bananeira	<i>Musa</i> sp	14	Antiinflatório (25), antibronquico (25), coagulante (25), cicatrizante (25)	Aplicação direta (50), assada (25), raspa (25)	Nódoa (50), casca (25), fruto (25)	Quintal (cultivado)	
Guaco	<i>Mikania</i> sp	14	Antipneumonia (50), antibronquico (50)	Xarope (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado) / Mata	*
Hortelã-pimenta	<i>Mentha x piperita</i>	14	Afrodisíaco (66,6), resolutivo genérico (33,3)	Chá (66,6), solução alcoólica/conhaque (33,3)	Toda (100)	Quintal (cultivado)	*
Mandioca brava	<i>Manhiot</i> sp	14	Antidematite (100)	Aplicação local (100)	Leite (100)	Quintal (cultivado)	*
Nogueira	<i>Juglans regia</i>	14	Depurativo (50), cardioativo (50)	Chá (100)	Folha (100)	Comércio	
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i>	14	Antiácido (50), antiespasmódico (50)	Chá (100)	Folha (50), semente (50)	Quintal (cultivado)	*
Eucalipto	<i>Eucalyptus citriodora</i>	14	Antigripal (50), resolutivo-rouquidão (25), anti-sinusite (25)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Ameixa-amarela	<i>Eriobotrya japonica</i>	14	Antiinflatório (100)	Xarope (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Cavalinha	<i>Equisetum</i> sp	14	Hipocolesteremiante (100)	Chá (100)	Caule (100)	Quintal (cultivado)	
Pega-pegã	<i>Desmodium adscendens</i>	14	Antiinflatório (100)	Chá (100)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i>	14	Depurativo (25), hipocolesteremiante (25), digestivo (25), emagrecedor (25)	Chá (100)	Folha (100)	Comércio	*
Poejo	<i>Cunila microcephala</i>	14	Antigripal (50), antitussígeno (50)	Xarope (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Treparoba	<i>Commelina</i> sp	14	Emoliente (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Limoeiro	<i>Citrus limon</i>	14	Antigripal (80), alimento (20)	Chá (40), suco (20), tempero (20), xarope (20)	Fruto (80), folha (20)	Quintal (cultivado)	

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Mimosa	<i>Citrus aurantium</i> var. <i>bergamia</i>	14	Abortivo (50), antiespasmódico (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	14	Resolutivo genérico (50), vermífugo (50)	Macerado com água fria (50), macerado com leite (50)	Folha (50), semente (50)	Quintal (cultivado)	*
Cacto	<i>Cereus</i> sp	14	Tônico capilar (100)	Emplasto (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Centela	<i>Centella asiatica</i>	14	Repelente (100)	Solução alcoólica (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	14	Vermífugo veterinário (100)	Molho em água (100)	Casca (100)	Mata	
Embaúba	<i>Cecropia glazioui</i>	14	Hipotensor (100)	Chá (100)	Broto (100)	Mata	
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	14	Alimento (33,3), antiácido (33,3), antiulcerogênico (33,3)	Suco (66,6), salada (33,3)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>	14	Digestivo (33,3), anti-reumático (33,3), diurético (33,3)	Chá (66,6), banho (33,3)	Toda (100)	Quintal (cultivado)	*
Beladona	<i>Atropa belladonna</i>	14	Calmante (50), cardioativo (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Pinheiro-do-Paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14	Anti-reumático (100)	Banho (50), lavagem das pernas (50)	Casca (100)	Mata / quintal (cultivado)	
Artemisia	<i>Ambrosia artemisifolia</i>	14	Emenagogo (50), colagogo (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Alho	<i>Allium sativum</i>	14	antibrônquico (33,3), antigripal (33,3), vermífugo (33,3)	Molho em água (66,6), macerado (33,3)	Dente (100)	Quintal (cultivado)	
Cabiju	<i>Ageratum conyzoides</i>	14	Antigripal (100)	Chá (100)	Toda (100)	Quintal (espontâneo)	
Marcega	<i>Achyrocline satureioides</i>	14	Digestivo (50), antipirético (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	

TABELA 3: Espécies vegetais utilizadas pela Comunidade de Ribeirão Grande, Guaratuba, Paraná, sendo: FA = frequência absoluta (n = 11 questionários), TOXIC = indicação bibliográfica de algum nível de toxicidade.

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Catinga-de-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i>	63,6	Analgésico (77,8), emoliente (22,2)	Solução alcoólica (33,3), chá (22,2), esfregaço (11,1), compressa (11,1), emplasto (11,1), macerado com álcool (11,1)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	63,6	Analgésico (41,6), cardioativo (25), digestivo (16,6), hipertensor (8,3), resolutivo genérico (8,3)	Chá (91,6), banho (8,3)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i>	63,6	Colagogo (54,5), digestivo (27,3), analgésico (9), antitussígeno (9)	Macerado (57,5), chá (27,3), chá com água fria (18,2)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	63,6	Analgésico (44,4), digestivo (33,3), vermífugo (22,2)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Marcelinha galega	<i>Tanacetum</i> sp	54,5	Analgésico (62,5), digestivo (37,5)	Chá (100)	Toda (50), folha (37,5), galho (12,5)	Quintal (cultivado)	
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	54,5	Emoliente (37,5), analgésico (37,5), calmante (12,5), antiinflamatório (12,5)	Chá (37,5), solução alcoólica (25), compressa (25), solução aquosa (12,5)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Hortelã	<i>Mentha cf suaveolens</i>	54,5	Analgésico (75), vermífugo (25)	Chá (87,5), macerado (12,5)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Poejo, hortelã-pimenta, hortelã-miúda	<i>Cunila microcephala</i>	54,5	Analgésico (50), antigripal (20), antitussígeno (20), antibronquico (10)	Chá (90), compressa (10)	Folha (70), toda (30)	Quintal (cultivado)	
Rosa-branca	<i>Rosa centifolia</i>	45,4	Analgésico (44,6), antipirético (36,4), antigripal (9)	Chá (100)	Flor (63,6), folha (36,4)	Quintal (cultivado)	
Hortelã-pimenta	<i>Mentha x piperita</i>	45,4	Analgésico (55,5), vermífugo (22,2), afrodisíaco (11,1), digestivo (11,1)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Ponta-alívio	<i>Achillea millefolium</i>	45,4	Analgésico (85,7), digestivo (14,3)	Chá (100)	Folha (71,4), raiz (14,3), toda (14,3)	Quintal (cultivado)	
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i>	36,4	Analgésico (75), uso místico (25)	Chá (50), defumação (25), solução alcoólica (25)	Folha (75), galho (25)	Quintal (cultivado)	*

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Cana-santa	<i>Cymbopogon citratus</i>	36,4	Hipertensor (33,3), digestivo (16,6), hipotensor (16,6), analgésico (16,6), alimento (16,6)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Quina	<i>Cinchona officinalis</i>	36,4	Analgésico (50), digestivo (33,3), antidisentérico (16,7)	Chá (100)	Casca (100)	Mata	*
Cipó-milhomem	<i>Aristolochia</i> sp	36,4	Analgésico (66,7), digestivo (33,3)	Chá (100)	Toda (83,3), caule (16,7)	Mata	
Figatil	<i>Vernonia condensata</i>	27,3	Colagogo (60), digestivo (40)	Macerado em água fria (80), chá (20)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	27,3	Resolutivo-sarampo (60), resolutivo-catapora (20), analgésico (20)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	27,3	hipoglicemiante (25), analgésico (25), anti-reumático (25), diurético (25)	Banho (50), chá (50)	Folha (100)	Mata	
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	18,2	Alimento (33,3), analgésico (33,3), emenagogo (33,3)	Chá (33,3), <i>in natura</i> (33,3), tempero (33,3)	Raiz (100)	Quintal (cultivado)	*
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	18,2	Digestivo (50), hipertensor (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Ameixa-amarela	<i>Eriobotrya japonica</i>	18,2	Antitussígeno (100)	Xarope (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	18,2	Analgésico (60), digestivo (20), vermífugo (20)	Compressa (60), sumo (40)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Jabotitana	<i>Calydorea</i> sp	18,2	Analgésico (50), antigripal (50)	Chá (100)	Rizoma (100)	Quintal (cultivado)	
Fel-da-terra	<i>Verbena minutiflora</i>	9,1	Colagogo (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Guaco 1	<i>Thunbergia grandiflora</i>	9,1	Antigripal (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado) / mata	
Confrei	<i>Symphytum officinale</i>	9,1	anticancerígeno (50), resolutivo-edema (50)	Lavagem (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Tomatinho	<i>Solanum lycopersicum</i>	9,1	Cicatrizante (100)	Lavagem (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Ruibarbo	<i>Rheum</i> sp	9,1	Analgésico (50), antigripal (50)	Chá (100)	Folha (100)	Comércio	*
Salsa	<i>Petroselinum sativum</i>	9,1	Diurético (100)	Banho (50), chá (50)	Raiz (100)	Quintal (cultivado)	
Abacateiro	<i>Persea americana</i>	9,1	Hipoglicemiante (50), diurético (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Pariparoba	<i>Pothomorphe umbellata</i>	9,1	Antitussígeno (100)	Compressa (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Erva-de-bicho	<i>Polygonum punctatum</i>	9,1	Antigripal (100)	Infusão (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	*
Anis, manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>	9,1	Antidientérico (50), analgésico (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Agrião	<i>Nasturtium officinalis</i>	9,1	Alimento (50), emoliente (50)	Compressa (50), salada (50)	Talo (100)	Quintal (cultivado)	*
Guaco 2	<i>Mikania</i> sp	9,1	Antitussígeno (100)	Xarope (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Guaná	<i>Maranta arundinacea</i>	9,1	Cicatrizante (100)	Lavagem (100)	Folha (100)	Mata	
Tabitaruga	<i>Machaerium</i> sp	9,1	Antiofídico (humano e veterinário) (100)	Solução alcoólica (100)	Raiz (100)	Mata	
Erva-de-mamangava	<i>Leonurus japonicus</i>	9,1	Colagogo (100)	Banho (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Alfazema	<i>Lavandula spica</i>	9,1	Hipertensor (100)	Chá (100)	Folha (100)	Comércio	*
Carquejinha	<i>Homalocladium ptalycladium</i>	9,1	Analgésico (100)	Banho (100)	Caule (100)	Quintal (cultivado)	
Algodão	<i>Gossypium barbadensis</i>	9,1	Emenagogo (100)	Banho (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	*
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	9,1	Analgésico (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Comigo-ninguém-pode	<i>Diefenbachia seguine</i>	9,1	Uso místico (100)	Descarrego (100)	Toda (100)	Quintal (cultivado)	*
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i>	9,1	Antigripal (100)	Infusão (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	9,1	Veterinário: vermífugo (50), resolutivo genérico (50)	Molho em água (100)	Casca (100)	Mata	
Artemísia, losna 1	<i>Ambrosia artemisifolia</i>	9,1	Emenagogo (50), vermífugo (50)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Pacová	<i>Renealmia brasiliensis</i>	9,1	Vermífugo (100)	Banho (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Penincilina	<i>Alternanthera</i> sp	9,1	Anti-inflamatório (66,6), cicatrizante (33,3)	Banho (33,3), chá (33,3), Lavagem (33,3)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Capim-limão	Poaceae 1	9,1	Hipertensor (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (espontâneo)	
Dipirona	Lamiaceae 2	9,1	Analgésico (33,3), antipirético (33,3), antigripal (33,3)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Boldo miúdo	Lamiaceae 1	9,1	Digestivo (50), colagogo (50)	Macerado em água fria (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	
Pau-para-tudo	Não identificada	9,1	Analgésico (100)	Lavagem (100)	Casca (100)	Mata	
Mauá	Não identificada	9,1	Analgésico (50), antigripal (50)	Chá (100)	Folha (100)	Mata	

NVULGAR	ESPÉCIE	FA (%)	INDICAÇÃO (% do total de citações)	FORMA DE USO (% do total de citações)	PARTE USADA (% do total de citações)	LOCAL DE OBTENÇÃO	TOXIC
Elefante	Não identificada	9,1	Digestivo (100)	Chá (100)	Folha (100)	Quintal (cultivado)	

5. DISCUSSÕES

Igualmente ao detectado em outras comunidades tradicionais, em Limeira e Ribeirão Grande, a transferência do conhecimento é principalmente “transgeracional”. Seguem o padrão apontado por AMOROZO (1995), ou seja, de forma oral, onde a passagem de conhecimento é feita em situações onde haja contato intenso entre as gerações, principalmente em grupo doméstico e de parentesco.

Este tipo de transmissão é diretamente dependente da integridade familiar e da ausência de pressões migratórias que podem levar os jovens para fora da comunidade, sendo conhecimento perdido com o falecimento dos indivíduos mais velhos. A falta de oportunidades de trabalho e de condições de vida na região, principalmente para os jovens (MARCHIORO, 1998), pode estar favorecendo este processo de saída dos indivíduos da comunidade, possibilitando a quebra na corrente de transmissão dos conhecimentos.

A elevada incidência de plantas medicinais não nativas também poderia ser considerada um indício da ruptura desta transmissão de conhecimento associado à inserção de outros mecanismos de divulgação como a mídia. Por outro lado, igualmente poderia ser indicativo da expressiva presença de imigrantes na região.

Contrariamente ao esperado a maior diversidade de espécies de uso etnobotânico foi detectado na comunidade de origem não-indígena e apesar da proximidade das duas comunidades, estas, aparentemente, não compartilham a totalidade do conhecimento etnobotânico. Talvez, neste caso, as próprias concepções étnicas sejam elementos de bloqueio da transferência de informação.

Uma estratégia importante no sentido de resgatar e registrar os conhecimentos sobre os vegetais utilizados na medicina caseira, é o trabalho que tem sido desenvolvido com os alunos da 4^a. série do ensino fundamental da Escola Municipal Rural de Limeira. O Prof. Érico, responsável por esta valorização da cultura local, tem trabalhado com estes alunos favorecendo a busca de informações dos mais jovens junto aos familiares mais idosos, maiores detentores deste conhecimento, o que tem trazido bons resultados.

Apesar de não explicitado nas entrevistas, pode-se observar um certo temor na divulgação da utilização de recursos vegetais presentes na mata local por se tratar de uma Área de Proteção Ambiental com severas restrições de uso. Este temor ficou mais evidente na Comunidade de Ribeirão Grande, o que pode ter determinado a obtenção do número inferior de registros de espécies utilizadas por esta comunidade.

Isto poderia estar refletindo por um lado a inadequada valorização do conhecimento tradicional e por outro a aplicação errônea do conceito original da própria APA, enquanto Unidade de Conservação.

Segundo ARRUDA (1997), ao se valorizar a identidade, os conhecimentos, as práticas e os direitos de cidadania das populações tradicionais, valorizando seu padrão de uso dos recursos naturais, pode-se construir uma forma de manejo sustentável ideal para a UC's, devido ao grande conhecimento empírico do ecossistema regional. Segundo este mesmo autor, a maior parte das áreas preservadas do país possui habitantes, indígenas ou não, os quais necessitam da flora e da fauna para sua perpetuidade. Portanto, não haveria lógica na concepção de serem estes os promotores de desmatamento e destruição, pois eles dependem diretamente do meio em que vivem. Porém, seriam necessários subsídios para que estas comunidades pudessem combinar a sobrevivência digna e também a conservação do ambiente em que vivem, extraindo essencialmente recursos oferecidos pelo ambiente circundante. No entanto, a política ambiental vigente acaba se apresentando com uma postura autoritária, dependente de fiscalização repressiva e não incentivadora, fazendo com que os habitantes do local fiquem contrários à conservação, não entendendo seu significado.

A APA de Guaratuba é uma área sob a responsabilidade do governo estadual, e desde a sua criação há quase 10 anos ainda não possui um plano de manejo. Este é outro dos problemas a serem resolvidos pelos atores da política estadual, os quais deveriam permitir, através de um gerenciamento adequado, o desenvolvimento regional e a manutenção da cultura local.

Mas, é necessário ressaltar que a proposta de uso do rendimento sustentável, fazendo com que a própria floresta renda "juros" para os moradores como fonte econômica, como menciona REIS (1995), necessita de um grandioso trabalho de estudo de aspectos da auto-ecologia das espécies a serem manejadas. Além destes cuidados é necessário levar em conta as características da área trabalhada, incluindo aspectos da dinâmica florestal e do uso adequado das sementes, gerando estoque necessário à exploração. Desta forma, as plantas medicinais não seriam apenas recursos terapêuticos, mas também econômicos que poderiam subsidiar a melhoria da qualidade de vida destas comunidades.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTS, B. *et al. Biologia molecular da célula*. 3^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997
- ALBUQUERQUE, J. M. *Plantas tóxicas no jardim e no campo*. Belém, FCAP. Serviço de Doc. e Inform. 1990.
- AMES, B.N., PROFET, M. & GOLD, L.S. III. Nature's chemical and synthetic chemicals: comparative toxicology. *Proc. Natl. Acad. Sci. (USA)*, 1990.
- AMOROZO, M.C.M. A aboragem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. SP: Unesp. 1995.
- AMOROZO, M.C.M. & GÉLY, A. *Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil*. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, Ser. Bot. 4 (1), 1988.
- ARRUDA, R.S.V. "Populações tradicionais" e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. *Anais...* vol.I. p.351-367. Curitiba.1997.
- BALMÉ, F. *Plantas medicinais*. SP: Hemus. 1982.
- BARRERA, A.; GOMÉZ-POMPA, A.; VÁSQUEZ-YANES, C. El manejo de las selvas por los Mayas: sus implicaciones silvícolas y agrícolas. *Biótica* (México), Xalapa, v.2, n.2, p.47-61. 1997
- BIGARELLA. J.J. *Matinho: homem e terra – reminiscências*Pref. Mun. Matinhos: Assoc. de Defesa e Educação Ambiental. 1991.
- BORN, G.C.C; FAVERO, O.A.; POSSI, L. Etnobotânica e conservação da diversidade cultural e biológica em região de Mata Atlântica, São Paulo. In: III International Congress of Ethnobiology. *Anais* México. 1992.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. *Primeiro relatório nacional para a convenção sobre diversidade biológica: Brasil*. Brasília, 1998. 283 p.
- BRUC. *Guaratuba*. Internet. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/celepar/seet/prtur/cidades/guaratuba/index.html>> Acesso em: 15/11/2000.
- CASTRO, J.L. *Medicina vegetal – teoria e prática conforme a naturopatia*. 2^a. ed.Portugal:Europa-América, Mem. Martins. 1981.

- CERVI, A.C.; NEGRELLE, R.R.B.; SBALCHIERO, D. *Espécies vegetais utilizadas na terapêutica popular no Município de Curitiba, Paraná, Brasil*. Est. Biol., Curitiba, 23:5-42. 1989.
- CONCEIÇÃO, M. *As plantas medicinais no ano 2000; dicionário de plantas medicinais*. 3^a ed. Brasília:Editerra. 1987.
- CÔRREA, M.P. *Diccionario das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. RJ: Imp. Nacional. 1984.
- CÔRREA JUNIOR, C.; MING, L.C.; SCHEFFER, M.C. *Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas*. 2^a ed. Jaboticabal: Funep. 1994.
- CRUZ, G.L. *Livro verde – das plantas medicinais e industriais do Brasil*. Vol. I. BH. 1965.
- DAVIS, W. *Towards a new synthesis in ethnobotany*. In: Las plantas y el hombre. Memórias del primer Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica. Quito:Abaya-yala, p-339-358. 1991.
- ETKIN, N.L. *Indigenous patterns of conserving biodiversity: pharmacologic implications*. Journal of Ethnopharmacology, vol.63 (3), p.233-245. 1998.
- FERREIRA, A.B.de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. RJ: Nova Fronteira. 1975
- FRANCO, I.J. *Ervas e plantas – a medicina dos simples*. Erechim/RS: Imprimax. 1997.
- FRANCO, L.L. *As sensacionais 50 plantas medicinais campeãs de poder curativo*. Vol. I. Curitiba: Santa Mônica. 1996.
- FURLANMEIER, M. *Plantas curativas y sus propiedades medicinales*. Suíça: Ed. Schwitter. 1984.
- GRAMS, W.F.M. *Plantas medicinais de uso popular em cinco distritos da ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC*. Curitiba, 1999. Dissertação (mestrado em Botânica) – Depto. Botânica, UFPR.
- HELENE, M.E.M & MARCONDES, B. *Evolução e Biodiversidade: o que nós temos com isso?* Ed. Scipione. SP. 1996
- IBGE . *Censo demográfico – 1991*. nº22 – Paraná. Rio de Janeiro:IBGE/CDDI. 1991
- IBGE. *Manual Técnico da Vegetação Brasileira. Série Manuais Técnicos em Geociências. No. 1*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 1992.

IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. Vol.56. RJ: IBGE. 1998.

IBGE. *Censo demográfico – 2000. Resultados preliminares*. Rio de Janeiro: IBGE. 2000.

LIMA, R.X. Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná – Brasil. Dissertação (mestrado) em Engenharia Florestal, UFPR. Curitiba. 1996.

LIMA, R. E. & NEGRELLE, R.R.B. (org.) *Meio Ambiente e Desenvolvimento no Litoral do Paraná: Diagnóstico*. Curitiba: UFPR. 1998.

LORENZI, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestre, aquática, parasitas, tóxicas e medicinais*. 2^a ed. SP: Plantarum.1991

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. SP: Plantarum.1992.

MAFRA, J. S. *História do Município de Guaratuba*. Guaratuba. 1952.

MAGURRAN, A. E. Ecological diversity and its measurement. Princeto , Princeton University Press. 1988.

MANUILA, L.; MANUILA, A.; NICOULIN, M. *Dicionário Médico Andrei*. 7^a ed. SP:Andrei. 1997.

MARCHIORO, N.P.X. *A sustentabilidade dos sistemas agrários no litoral do Paraná: o caso de Morretes*. Vol. 1. Curitiba: UFPR. 1999. Tese (Doutorado), Meio Ambiente e Desenvolvimento. 285 fol.

MARCHIORO, N.P.X. A sustentabilidade dos sistemas agrários. In: LIMA, R.E. & NEGRELLE, R.R.B. (org.) *Meio Ambiente e Desenvolvimento no Litoral do Paraná: Diagnóstico*. Curitiba: UFPR. 1998.

MOREIRA FILHO, H.; GOLTCHER, A. *Plantas medicinais – I*. UFPR. 1972.

MORGAN, R. *Enciclopédia das ervas & plantas medicinais*. 8^a. ed. SP: Hemus.1997.

MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG. Aims and methods of vegetation ecology. New York, John Wiley & Sons. 1974.

NEGRELLE, R.R.B. *Composição florística, estrutura fitossociológica e dinâmica de regeneração da Floresta Atlântica na Reserva Volta Velha, Mun. Itapoá, SC*. São Carlos: UFSC. 1995. Tese (Doutorado), Ecologia.

OLIVEIRA, F. & AKISUE, G. *Fundamentos de Farmacobotânica*. 2a. ed. SP: Atheneu, 1997.

OKA, C. & ROPERTO, A. *Herbário Cris Oka*. Internet. Disponível em: <<http://www.cotianet.com.br/eco/herb/coleta.html>> Acesso em: 1999.

OSOL, A. *Dicionário médico Blakiston*. 2ª ed. SP: Andrei. 1995

PARCIONIC, E.F. *Plantas medicinais do Município de Curitiba, Paraná: família Asteraceae Dumortier*. Curitiba, UFPR. Dissertação (Mestrado), 1989.

PLOTKIN, M. & FAMOLARE, L. *Sustainable harvest and marketing of rain forest products*. Washington: Island Press. 1992.

POSEY, D.A. *Etnobiologia: teoria e prática*. In: *Suma etnológica brasileira* (Coord. B. Ribeiro), v.I, p.1-25. 1986.

REIS, M.S. *Manejo sustentado de plantas medicinais em ecossistemas tropicais*. In: *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. SP: Unesp. 1995.

REITZ, R. *Os nomes populares das plantas de Santa Catarina*. In: *Herbário Barbosa Rodrigues Sellowia – Anais Botânicos*. Rev. Bras. Botânica, no.11, SC. 1959.

RIZZINI, C.T. *Botânica econômica brasileira*. SP: EPU – Ed. da Universidade de São Paulo. 1976.

ROGER, J.D.P. *Plantas medicinais – Enciclopédia das Plantas Medicinais* (Fasc. 3 e 4). Ed. Plantarum. 1998.

SANTOS, C.A.M.; TORRES, K.R.; LEONART, R. *Plantas medicinais* (herbarium, flora et scientia). 2ª.ed. Ed. Ícone. 1988.

SEMA. *Levantamento de fauna de parte da área de proteção ambiental de Guaratuba*. (MMA/PNMA/SEMA/SFA - STCP). Relatório final. Curitiba. 1996(a).

_____. *Levantamento da Vegetação e da Flora da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba – Planície Litorânea*. (MMA/PNMA/SEMA/SFA - NATEEC). Curitiba. 1996(b).

SEABRA, A. *Como curar doenças com o uso de plantas, homeopatia e água*. SP: O Livreiro, 1990.

- SILVA, I. *et al.* *Noções sobre o organismo humano e utilização de plantas medicinais*. Cascavel: Assoeste. 1995.
- SILVA JR., A.A.; VIZZOTTO, V. J.; GIORGI, E.; MACEDO, S.G.; MARQUES, L.F. *Plantas medicinais, caracterização e cultivo*. Florianópolis: EPAGRI. 1994.
- SOARES, A.A.D. *Estudo comparativo das matérias primas de origem vegetal utilizadas em homeopatia em farmacopéias homeopáticas*. Internet. Disponível em: <<http://www.hospvirt.org.br/homeopatia/port/biblioteca.html>> Acesso em:19/04/00.
- SOUSA, M.P. *et al.* *Constituintes químicos ativos de plantas medicinais brasileiras*. Fortaleza: UFC. 1991.
- TESKE, M. & TRENTINI, A.M.M. *Herbarium – Compêndio de Fitoterapia*. 3^a. ed. Curitiba:Herbarium. 1997.
- VON HERTWIG, I.F. *Plantas aromáticas e medicinais*. SP: Ícone. 1986.
- WEISZFLOG, W. *Michaelis: moderno dicionário de língua portuguesa*. SP: Melhoramentos. 1998.
- XOLOCOTZI, E.H. *El concepto de etnobotánica*. In: BARRERA, A. *la etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa: Inst. Nac. de Investigaciones sobre recursos bióticos. P.13-24. 1983.

ANEXOS

ANEXO 2: Dados bibliográficos sobre as espécies citadas nas comunidades estudadas no Município de Guaratuba, PR.

ESPÉCIES	SINONÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Achillea millefolium</i> Linn.	Mil folhas, milefólia, erva dos carpinteiros, mil em rama, erva de costaduras, erva dos carreteiros (Cruz, 1965).	Partes aéreas (Teske, 1997).	Erva seca, infusão, tintura em álcool, extrato fluido, xarope (Teske, 1997).	Adstringente e vulnerária; combate gases do estômago e intestinos e as hemorróidas; ação eficaz contra certas moléstias do estômago, do reumatismo, das febres e das dores de dente. Nos casos de hematúria, hemoptises, hemorróidas, varizes e hemorragias dos pulmões e útero (Cruz, 1965). Antiinflamatória, lenitiva, antiespasmódica, anti-séptica, carminativa (Teske, 1997).	Originária da Europa (Cruz, 1965).	Óleo essencial (cineol e proazuleno), flavonóides (apigenina, luteolina, artemina e rutina), aminoácidos, açúcares, taninos, mucilagens, resinas, alcalóides (aquileína), cumarinas, heterosídeos cianogênico, betaínas, ácido clorogênico, vitamina C, ácidos salicílico e cafeico, ácidos graxos, minerais (P e K), fitosterol (β -sitosterol e acetado de β -sitosterol) e lactonas sesquiterpênicas (Teske, 1997).	
<i>Achyrocline satureioides</i> DC.	Macela, macelinha, macela-amarela, marcela, marcela-do-campo, camomila-nacional (Lorenzi, 1991).	Planta inteira (Lorenzi, 1991).	Infusão (Lorenzi, 1991). Banho (Franco, 1997).	Estomáquica, anti-diarréica, emenagoga, anódina e amarga (Lorenzi, 1991). Colesterol (Conceição, 1987). Sudorífico, hipocolerestemiante, antiinflamatório, elimina toxinas e manchas na pele (Franco, 1997).	Regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e em pequena quantidade na região Norte (Lorenzi, 1991).		
<i>Allium sativum</i> Linn.	Alho (Teske, 1997).	Dentes (Roger, 1998). Bulbo, planta inteira (Soares, 2000; Teske, 1997).	Cru, extratos, decocção (Roger, 1998). Óleo, infusão, tintura (Teske, 1997).	Bronquite, anti-séptico, antibiótico, hipotensora, vermífugo, anti-diabética, hemorróidas, colesterol, triglicérides, arteriosclerose, (Franco, 1996). Estimulante do apetite, funções digestivas, depurativo, anti-asmático (Conceição, 1987). Expectorante, analgésico, antiinflamatório, tônico, hipotensor, hipoglicemiante, febrífugo, antiplaquetário, antioxidante, hipocolesteremiante, e diminui a viscosidade sanguínea (Teske, 1997).	Mediterrâneo. (Soares, 2000)	Alicina (óleo volátil), vitaminas, proteínas e açúcares (Sousa, 1991). Alicina, ajoeno, alinase, aliina, diatil dissulfeto, posissulfareto de alilo, ácido salicílico e os minerais: cálcio, enxofre, ferro, iodo, sódio, germânio; óleos essenciais, vitaminas A, B ₁ , B ₂ e C (Franco, 1996; Teske, 1997).	

ESPÉCIES	SINONÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Aloe succotrina</i> Lam.	Babosa, erva babosa, áloes, áloe (Reitz, 1959). Babosa-de-jardim, azevae, caraguatá, erva-azebra, erva-azedra, lenho-aloe (Silva, 1995).	Folhas frescas ou secas (Silva, 1995; Oliveira, 1997).	Pó, aplicação direta da mucilagem, solução alcoólica (Silva, 1995). Suco, resina e goma (Soares, 2000).	Anti-inflamatória, analgésica, anti-séptica, emoliente, adstringente, colerética e vulnerária (Franco, 1996). Purgante energético, tônico, estomáquico; prevenção de congestões cerebrais (Conceição, 1987). Laxante, cicatrizante, tônico para os cabelos, anticaspa, antimicrobiano, hidratante e protetor solar, contusões, entorses e dores articulares (Silva, 1995).	Países quentes (Conceição, 1987). África do Sul (Soares, 2000).	Aloína, aloesina e aloe-emodina, aloenina (Sousa, 1991). Aloína, mucilagem polissacarídica, salicatos, lactato de magnésio, taninos, resina e aloé-emodina (Franco, 1996). Aloetina (corante), aloína (princípio ativo) (Conceição, 1987).	Não deve ser usada internamente. Seu uso externo pode provocar irritações na pele (Côrrea, 1994). Não indicada para gestantes ou em períodos menstruais e para as que sofrem de inflamações uterinas e ovarianas, além dos que sofrem de hemorróidas, de fissuras anais e de cálculos na bexiga (Balmé, 1982).
<i>Ambrosia tenuifolia</i> Spr.	Artemísia, artemigem, artemija (Conceição, 1987).	Raízes e folhas (Franco, 1997).	Chá, banhos (Franco, 1997).	Depurativa, tônica, calmante, antilistênica, estomáquica, vermífuga, antiespasmódica, emenagoga, carminativa, febrífuga e antiepiléptica (Franco, 1996). Anti-histérico, anti-epiléptico, anemia, cólicas, coreia, debilidade do estômago, diarreia, flatulência, gastrite, hidropsia, icterícia, helmíntico, reumatismo (Conceição, 1987). Litolítica; contra dores na bexiga, flatulência e epilepsia, desinfetante e facilita o parto (Franco, 1997).	Rio Grande do Sul (Côrrea, 1984).	Óleos essenciais(cineol, tujona e cetona), ácido málico, tanino e princípio amargo (ácido antêmico) (Franco, 1996).	
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) Kuntze	Pinheiro, pinheiro do Paraná (Cruz, 1965).	Folhas e fruto (Cruz, 1965).	Cozimento e alimento (Cruz, 1965).	Contra anemia e escrofulose (Cruz, 1965).	Brasil (Cruz, 1965).		
<i>Aristolochia trinagularis</i> Cham. et Schol.	Cipó-mil-homens, calungo, aristolóquia, mil homens do RG, ypê-mi (Côrrea, 1994).	Raiz (Côrrea, 1994).	Pó, compressa (Côrrea, 1994).	Eczemas, feridas (Côrrea, 1994).	Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (Côrrea, 1994).		Uso interno é contra-indicado; pode provocar câncer (Côrrea, 1994).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Artemisia absinthium</i> Linn.	Losna, absinto (Sousa, 1991). Erva dos vermes (Conceição, 1987). Losna-maior, grande-absinto, absinto-comum (Silva, 1995). Aluina, alvina, erva santa (Soares, 2000).	Sumidades florais e folhas (Silva, 1995; Teske, 1997). Folhas frescas ou secas (Côrrea, 1994).	Maceração (Silva, 1995). Cataplasma (Franco, 1997). Tintura (Côrrea, 1994).	Tônico, estimulante, aperitivo, emenagogo, amenorréico e vermífuga (Conceição, 1987). Digestivo, estimulante da bile, pâncreas e saliva, laxativo (Silva, 1995). Contra infecções estomacais, intestinais e pulmonares, depurativa, tônica, vermífuga, gota e anti-febrífugo (Franco, 1997). Contra piolho (Côrrea, 1994).	Origem na Europa e comum no Brasil (Conceição, 1987). Europa (Soares, 2000).	Tujona e absintina (Sousa, 1991). Derivados terpênicos, ácidos graxos, flavonóides, carotenóides, esteróis, elemol, β -bisabol, nerol, acetato de nerila, vitaminas B e C, e vários guaianolídeos e artabsina (procamazuleno), arabsina, isso-absintina e absintina, α e β -tujona (absintol), tugal álcool e glicosídeo amargo (Silva, 1995).	Desaconselhado uso interno, pode ser tóxico (Côrrea, 1994).
<i>Atropa belladonna</i> Linn.	Beladona (Oliveira, 1997).	Folhas (Oliveira, 1997).	Tintura (Furlenmeier, 1984).	Sedativo, antiespasmódico das vias respiratórias e do aparelho digestivo. Inibe a atividade do parassimpático. É empregado na asma, tosses reflexas, coqueluche, cólicas intestinais e renais (Oliveira, 1997; Moreira, 1972). Anidrótico, antiemético. Em oftalmologia como midriático e ciclopégico. Também em Parkisonismo (Moreira, 1972). Dilatação da pupila; suprime ou diminui a maior parte das secreções; acelera os batimentos cardíacos; analgésico; excita o peristaltismo intestinal; combate a epilepsia, tétano, palpitações nervosas cardíacas, tosses, asma, hidrofobia, paralisia, reumatismo, hérnia estrangulada, escarlatina, disenterias, etc. (Cruz, 1965).	Oriunda da Europa e da Ásia (Cruz, 1965). Sul e centro da Europa (Furlenmeier, 1984).	Alcalóides tropânicos: 1-hiosciamina, hioscina (escopolamina), beladonina. A atropina corresponde à forma racêmica de hiociamina. Apresenta também substâncias cumarínicas: β -metil-esculetina (Oliveira, 1997).	Planta tóxica, e só se usa por prescrição facultativa (Furlenmeier, 1984).

ESPÉCIES	SINONÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Carqueja, carqueja-amarga, bacanta, carque, vassoura, bacórida, cacalia-amarga, entre outros (Lorenzi, 1991; Oliveira, 1997). Carquejinha, tiririca-de-balaio (Silva, 1995).	Planta florida (Silva, 1995). Caule (Oliveira, 1997).	Chás (Conceição, 1987). Infusão, decocção, tintura e extrato fluido (Teske, 1997).	Estomáquica, dispepsia, asma, bronquite, antibiótica, hepatoprotetor, colagogo, hipoglicêmica, afecções hepáticas, antidiabética e tenífugo (Franco, 1996). Tônica, anti-reumática, vermífuga, aromática, antigripal, depurativa, diurética, aperiente, sudorífica, anti-diarreica, baço, hidropsia, icterícia e cálculos biliares (Lorenzi, 1991; Oliveira, 1997). Antidiabética (Conceição, 1987). Colerético, estimulante do apetite, hipotensora (Silva, 1995).	América do Sul (Sousa, 1991). No Brasil, regiões Sul, Sudoeste, Nordeste, e Centro-oeste (Lorenzi, 1991).	Lactonas diterpênicas, flavonóides, resina, saponina, vitaminas, esteróides e/ou triterpenos, polifenóis, taninos, óleo essencial (acetato de carquejol, carquejol, nipineno, α e β cardineno, calameno, eledeol, eudesmol) (Oliveira, 1997; Teske, 1997).	
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Pata de vaca, pata-de-boi, unha-de-boi, unha-de-vaca (Lorenzi, 1991). Mororó (Conceição, 1987). Unha-de-anta, pé-de-boi, bauínia, capa-bode, unha-de-veado, casco-de-burro (Silva, 1995).	Folhas e flores (Silva, 1995).	Infusão (Silva, 1995).	Hipoglicemiante, diurética e antidiarreica (Franco, 1996). Afecções urinárias, “urina solta” (Lorenzi, 1991). Hipocolesteremiante (Silva, 1995). Garganta, tosses, bronquite, sífilis, verminoses, contra males do coração e da coluna (Franco, 1997).	Regiões Sudeste e Sul (Lorenzi, 1991).	Glicosídeos: heterosídeos, cianogênicos, heterosídeos, saponínicos, goma, mucilagem, taninos, ácidos orgânicos e sais minerais (Franco, 1996). Ácidos tartáricos, taninos pirogálicos, taninos flobafênicos, alcalóides, heterosídeos cianogênicos, antociânicos e saponínicos, mucilagem, rutina, quercetina, canferol, esoquercitrina, astragolina, ésteres e glicosídeos (Silva, 1995).	
<i>Bidens pilosa</i> Linn.	Picão, fura capa, erva picão, picão do campo, piolho de padre, carrapicho de duas pontas, cuambri, pico pico, pacona, carrapicho de agulha, macela do campo (Côrrea, 1994).	Parte aérea (Côrrea, 1994).	Infusão (Côrrea, 1994).	Fígado (icterícia, hepatite) (Côrrea, 1994).	América Tropical (Côrrea, 1994).		

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Brassica oleracea</i> Linn.	Couve (Cruz, 1965).	Folha (Cruz, 1965).	Alimento (Cruz, 1965).	Combate o escorbuto, os vermes intestinais, as afecções das vias respiratórias, a anemia, a paralisia e doenças do ouvido com surdez (Cruz, 1965).	Origem européia (Cruz, 1965).		
<i>Centella asiatica</i> Linn.	Centela (Teske, 1997).	Parte aérea (Teske, 1997).	Pó, extrato seco e extrato fluído (Teske, 1997).	Eutrófico do tecido conjuntivo, normalizador da circulação venosa de retorno, tônico, vulnerário, vasodilatador periférico, calmante, antiirritante, refrescante, anticelulítico, preventivo de rugas; desordens dermatológicas como eczemas, úlceras varicosas, hematomas, rachaduras da pele, varizes e celulite (Teske, 1997).	Índia, África e Ilhas do Oceano Índico; cresce espontaneamente na Europa, Brasil e Venezuela (Teske, 1997).	Alcalóides, saponinas, óleos essenciais, flavonóides, quercetina, cânfora, cineol, ácido asiático, ácido medecássico, ásiaticosídeo, açúcares, sais minerais, aminoácidos, ácidos graxos e resinas (Teske, 1997).	
<i>Cereus</i> sp	Cacto (Oliveira, 1997).	Flor (Oliveira, 1997).		Cardiotônico e diurético (Oliveira, 1997).		Cactina, substância de natureza alcalóidica; substâncias resinosas glicosídicas, mucilagens, cera, matérias graxas (Oliveira, 1997).	
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Linn.	Erva de Santa Maria (Cruz, 1965). Erva-formigueira, erva-vomiqueira (Balmé, 1982).	Planta toda (Côrrea, 1994). Folhas e sementes (Balmé, 1982).	Extrato fluído, tintura, essência e xarope, suco da planta, sumo, compressa (Cruz, 1965). Cataplasma (Côrrea, 1994). Infusão (Balmé, 1982).	Antelmíntico, tônico, estimulante, aromático e emenagogo. Indicado nas moléstias das vias respiratórias, bronquites, asma, catarros crônicos do pulmão, laringites; vermífugo (áscarides, nematodus e oxiúros), inseticida, béquica; o sumo é usado externamente contra machucaduras, choques traumáticos ou quedas; compressa em esquimose produzida por machucaduras violentas ou contusões; inseticida (Cruz, 1965; Côrrea, 1994).	Brasil e México (Cruz, 1965).	Óleo essencial (essência de quenopódio ou de mastruço) e resina (Cruz, 1965).	Não se recomenda fazer uso interno, pode provocar intoxicações (Côrrea, 1994).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Cinchona officinalis</i> Linn.	Quina (Cruz, 1965).	Cascas (Teske, 1997).	Infusão, tintura, xarope e pó (Teske, 1997).	Febrífugo, tônico aperiente, antianêmico (Moreira, 1972). Tônico reconstituente e combate as febres palustres, afecções do estômago e na debilidade orgânica, resultante de enfermidades graves e demoradas (Cruz, 1965).	América do Sul (Teske, 1997).	Óleo essencial (limoneno, terpineno, naftaleno, β -cariofilena, humuleno, p-cimeno, cânfora), alcalóides (quinina, cinchona, cinchonina, cinchonidina, quinotoxina), alcalóides indólicos (quinamina, epiquinamina, cinchofilamina), ácidos fenólicos (cafeico e quínico), sais minerais (oxalato de cálcio), fitosteróis (β -sitosterol), triterpenos, saponinas, resinas e taninos (Teske, 1997).	Contra-indicado à gestantes (Teske, 1997).
<i>Citrus aurantium</i> Linn.	Laranja, laranja da terra (Conceição, 1987; Oliveira, 1997). Laranja azeda, laranjeira amarga, limão cravo, limão francês (Soares, 2000).	Casca do fruto e da árvore e folhas (Conceição, 1987). Semente (Franco, 1997). Flores e suco (Soares, 2000; Oliveira, 1997).	Infusão, xarope (Conceição, 1987). Alimento (Franco, 1997).	Estomacal, estimulante, edulcorante, útil nas gastralgias, dispepsias, flatulências, perturbações gástricas. Diaforético, sedativo, antiespasmódico e digestivo (Conceição, 1987). Anti-hemorrágico (útero), estimulante hepático, calmante, diurético, sonífera, anti-diabético (Franco, 1997). Relaxante muscular, sudorífico, contra gripe, resfriado, tosse, expectorante, fluidificante, diabetes (Soares, 2000).	Ásia Tropical (Soares, 2000).	Auranciamarina e hesperidina, ácidos auranciamárico e hespérico, mucilagem e óleo essencial (Conceição, 1987). Óleo essencial com elevado conteúdo em álcoois: linalol terpineol, geraniol, nerol, álcool fenil-etílico, farnesol, nerolidol, antranilato de metila, ocimeno, pineno, canfeno, dipenteno (Oliveira, 1997).	
<i>Citrus aurantium</i> Linn. var. <i>bergamia</i>	Bergamota (Balmé, 1982).	Frutos (casca) (Balmé, 1982).	Sumo (essência) (Balmé, 1982).	Calmante, desinfetante, antiparasitário e cicatrizante (Balmé, 1982).			

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Citrus lemon</i> (L.) Burm.	Limão, limão galego (Reitz, 1959; Oliveira, 1997). Cidra, cidrão, cidreira, limoeiro-do-Japão (Soares, 2000).	Folhas e frutos (Soares, 2000; Oliveira, 1997).	Chá e xarope (Soares, 2000).	Depurativo, ajuda no metabolismo e atua positivamente sobre todos os órgãos do corpo. Aparelho respiratório, baço, tosse, bronquite, gases, infecções hepáticas, hidropsia, corrige o teor de albumina, tônico, sudorífico e anti-escorbútico (Franco, 1997). Antigripal, antipirético, antitussígeno, diurético, antiflatulento, anti-séptico, adstringente e escorbútico (Soares, 2000; Oliveira, 1997).	Ásia Tropical, Irã e Iraque (Soares, 2000).	Vitamina C (Franco, 1997).	
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	Menta-poejo, poejo-miúdo (Silva, 1994).			Tosses crônicas e fraquezas pulmonares (Silva, 1994)			
<i>Cuphea mesostemon</i> Koehne	Sete sangrias (Cruz, 1965).	Folhas (Cruz, 1965). Toda (Teske, 1997).	Cozimento (Cruz, 1965). Infusão (Teske, 1997).	Diaforética e balsâmico; contra algumas doenças venéreas (Cruz, 1965). Depurativa, sedativa do coração, anti-sifilítica, anti-inflamatória das mucosas, antitérmico nas febres intermitentes, hipotensora, anticolinesterásica, anti-reumática, depurativa do sangue, antiarterosclerótica, combate disenterias e auxilia na eliminação de ácido úrico (Teske, 1997).		Princípios ainda em estudo (Teske, 1997).	Uso não é aconselhado à crianças (Teske, 1997).
<i>Cymbopogon citratus</i> DC. Stapf.	Capim limão, capim-cidreira, capim cheiroso, capim-santo, jacapé, yacapé, capim-cidró, cidró (Silva, 1995). Capim de trilho (Franco, 1997).	Folhas frescas ou secas e rizomas (Silva, 1995; Oliveira, 1997).	Infusão (Silva, 1995).	Miorrelaxante, analgésico, antiséptico, antitérmico, antiespasmódico e antibacteriano (Franco, 1996). Antiflatulento, sudorífico (Silva, 1995). Regulador das funções digestivas, calmante, sedativo, litolítico (Franco, 1997). Fungicida, anticonvulsiva (Côrrea, 1984)	Originária da Índia (Côrrea, 1984).	Óleo essencial: citral (geranial e neral) e mirceno (Sousa, 1991). Óleos essenciais ricos em citral e aldeídos, cetonas, ácidos, ésteres, e outros sesquiterpenos e terpenos, mircenos, citral (neral e geraniaol), alcalóides e saponinas álcoois (cimeropogonol e cimpogonol) (Franco, 1996; Silva, 1995).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Cynara scolymus</i> Linn.	Alcachofra (Cruz, 1965; Teske, 1997).	Folhas (Teske, 1997).	Infusão, decoção, extrato hidroalcolóico, tintura, extrato seco (Teske, 1997).	Colerético, colagogo, depurativa, enérgico diurético e eliminador do ácido úrico; perturbações digestivas e assimilação defeituosa, decorrentes de distúrbios hepáticos provocados pelo alcoolismo e malária; nefrites e para aumentar a secreção biliar (Cruz, 1965; Teske, 1997).	Europa (Cruz, 1965). Região do Mediterrâneo (Teske, 1997).	Cinarina, sais minerais, ácido clorogênico, ácido cafêico, mucilagem, pectina, tanino, ácidos orgânicos (málico, glicérico e glicólico), glicosídeo A e B, componentes flavônicos glicosídeos, cinaropicrina, enzimas, e pró-vitamina A (Teske, 1997).	É contra-indicada à lactantes e em casos de fermentação intestinal. Superdosagem pode causar aumento da diurese e diarreia (Teske, 1997).
<i>Dieffenbachia seguine</i> Baill.	Comigo-ninguém-pode, aningapará, aninga-do-pará, bananeira d'água, canta-de-imbé, can-marona, cana-imbé-brava (Oliveira, 1997).	Folhas (Cruz, 1965).	Ornamental, mística (Oliveira, 1997). Cozimento e gargarejo (Cruz, 1965).	De uso empírico contra a angina (Cruz, 1965).	Originária da América tropical, freqüente na Amazônia (Oliveira, 1997).	Rafídios de oxalato de cálcio, látex cáustico, princípio tóxico não identificado (Oliveira, 1997).	Mastigação ou ingestão de qualquer parte do vegetal leva a irritação acentuada da mucosa da boca e faringe. Sintomas: dor, e aumento de saliva; esofagite e ardor retroesternal, vômito, cólica abdominal; edema da glote (Oliveira, 1997).
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Micheli	Chapéu-de-couro (Oliveira, 1997). Chá-da-campanha, erva-do-brejo, erva-do-pântano (Teske, 1997).	Folhas (Oliveira, 1997; Santos, 1988; Cruz, 1965; Teske, 1997).	Infusão e tintura (Santos, 1988). Chá (Cruz, 1965).	Diurético, depurativo Usado nas afecções das vias urinárias (Oliveira, 1997). Contra doenças renais, reumáticas e erupções cutâneas (Santos, 1988; Cruz, 1965). Contra dores nevralgias, artrite, e preventivo da arteriosclerose (Cruz, 1965). Energética, laxativa, hepática, colagoga, antiinflamatória e adstringente (Teske, 1997).	Cresce espontaneamente em várias regiões do Brasil (Teske, 1997).	Glicosídeos: equinodorosídeo (Oliveira, 1997; Santos, 1988). Alguns gêneros da família possuem taninos, flavonóides e triterpenos (Santos, 1988). Tanino e iodo (Cruz, 1965). Sais minerais, triterpenos, heterosídeos cardiotônicos, resina e alcalóides (Teske, 1997).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Equisetum</i> sp	Cavalinha (Teske, 1997).	Partes aéreas (Teske, 1997).	Decocção, infusão, extrato fluido em álcool, pó e tintura (Teske, 1997).	Contra afecções de brônquios e pulmões, arterosclerose, hipertensão, afecções articulares, hemorragias nasais, renais, menstruação excessiva, enfermidades renais e das vias urinárias, inflamação e edema de próstata, problemas ósseos; frieiras, feridas, aftas, úlceras varicosas, tonifica e revitaliza unhas, pele secas e senis (Teske, 1997).	Europa (Teske, 1997).	Ácido sílico, compostos inorgânicos (Ca, Mg, Na, F, Mn, Si, S, P, Cl e K), flavonóides (isoquercetina, equisetina, canferol e galutenonina, fitosterol), alcalóides (metosapiridina, nicotina, palustrina e palustrinina), ácidos orgânicos (gálico, málico e oxálico), saponinas, óleos, substâncias amargas, vitamina C e taninos (Teske, 1997).	
<i>Eriobotrya japonica</i> Lindl.	Ameixa amarela, ameixa comum (Cruz, 1965; Moreira, 1972).			Emoliente, laxativo (fruto), combate a prisão de ventre, edulcorante (Cruz, 1965; Moreira, 1972).			
<i>Eugenia uniflora</i> Linn.	Pitanga, pitanga-vermelha (Silva, 1995). Pitanga-roxa, pitanga-branca, pitangarósea, pitanga do mato (Lorenzi, 1992).	Folhas e frutos (Silva, 1995). Casca (Franco, 1997).	Infusão e suco (Silva, 1995). Xarope (Franco, 1997).	Antidiarréico, anti-séptico bucal, digestivo (Silva, 1995). Contra cólicas, febres, bronquite e asma; calmante, hipotensor, contra gota e reumatismo, caxumba, rubéola, sarampo, catapora; anti-tussígeno e anti-gripal (Franco, 1997).	Ocorre de MG ao RS, na floresta semidecídua do planalto e da bacia do Paraná (Lorenzi, 1992). Brasil (Grams, 1999).	Folhas: triterpenos, citrionelol, geraniol, cineol e sesquiterpenos. Taninos, guassina e pectina (Silva, 1995).	
<i>Eucalyptus citriodora</i> Linn.	Eucalipto (Oliveira, 1997).	Folhas (Oliveira, 1997; Santos, 1988).	Infusão, tintura e inalação (Santos, 1988)	Balsâmico, expectorante, antiparasitário e bacteriostático em função da presença do óleo essencial. Tônico e adstringente em função dos taninos presentes (Oliveira, 1997).	Austrália (Balmé, 1982).	Óleo essencial contendo: eucaliptol, pineno, canfeno, fencheno, eudesmol, mirtenol, terpineol, globulol. Componentes flavonóidicos; taninos (Oliveira, 1997; Santos, 1988).	Pode causar náuseas, vômito e diarreia (Santos, 1988).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Gossypium barbadensis</i> Linn.	Algodoeiro (Moreira, 1972)	Pêlos e óleo das sementes (Moreira, 1972). Casca das raízes (Cruz, 1965). Raiz e semente (Teske, 1997).	Cozimento, extrato fluido e tintura (Cruz, 1965; Teske, 1997).	Emoliente, diurético, digestivo, melhora o funcionamento das vias urinárias, combate algumas doenças de pele (espinhas, cravos, dartros e boubas); principais e melhores indicações são contra as enfermidade femininas; comprovada ação homeostática, emenagogo, nas hemorragias pós-parto, inflamações e dores do útero e ovário, na retenção da placenta, provoca contrações uterinas; hemoptises (Cruz, 1965; Teske, 1997).	Regiões quentes da Ásia e África (Teske, 1997).	Essência, tanino, amido e betaína; óleo, proteínas, matéria nitrogenada, gosipol, fenóis e distase proteolítica (Teske, 1997).	Não deve ser usado por gestantes e por homens em idade fértil, pois é antifertilizante masculino. Evitar uso prolongado (Teske, 1997).
<i>Juglans regia</i> Linn.	Nogueira (Teske, 1997).	Folha, fruto, córtex e óleo (Teske, 1997).	Infusão, decocção, extrato seco e fluido, e tintura (Teske, 1997).	Depurativa, antiescorbútica, tônica, vermífuga, anti-diarréica, adstringente, levemente hipoglicemiante, cicatrizante, rubefaciente, calmante, anti-séptica, antirritante, colorante, flavorizante, anticaspas e antiqueda de cabelo (Teske, 1997).	Ásia Ocidental, Sudoeste da Europa, China e Himalaia (Teske, 1997).	Folha: Naftoquinonas (juglona, α e β -hidroxiquinona), taninos, flavonóides (quercetina), óleo essencial. Córtex: derivados naftoquinônicos, taninos, aminoácidos, vitamina, vitamina C. Fruto: óleo, aminoácido, sais minerais (Zn e Cu), glicídeos, carotenos e vitaminas B1, B2, B5 e PP (Teske, 1997).	
<i>Lavandula spica</i> Cav.	Alfazema (Teske, 1997).	Sumidades floridas dessecadas ao ar livre ou sombra (Teske, 1997; Balmé, 1982).	Infusão e decocção (Teske, 1997; Balmé, 1982). Óleo, solução alcoólica (Balmé, 1982).	Calmante suave, antitussígeno, em casos de perturbação gástrica; anti-asmático, contra bronquite, catarro, gripe, sinusite, enxaqueca, depressão, tensão nervosa, insônia, inapetência, vertigens, dermatites, eczemas, abscessos, pediculose e psoríase, queimaduras, leucorréia e para aliviar picadas de insetos (Teske, 1997).	Originária da Europa (Região Mediterrânea) e bem aclimatada no Brasil (Balmé, 1982).	Princípios amargos, cumarina, óleo essencial (linalol, acetato de linalina, geraniol, cineol, limoneno, sesquiterpenos), taninos, aldeídos e cetonas (Teske, 1997).	Em doses elevadas pode causar sonolência (Teske, 1997).

ESPÉCIES	SINONÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Lepidium sativum</i> Linn.	Mentruz (Santos, 1988)	Toda (Santos, 1988)	Infuso e tintura (Santos, 1988).	Combate o escorbuto; diurética e estimula o apetite. A essência é usada como condimento (Santos, 1988).		Glucosídeo glicotropeolina, nas folhas e talos. A semente contém óleo essencial (Santos, 1988).	Sem referência (Santos, 1988)
<i>Malva sylvestris</i> Linn.	Malva, Guaxuma, sidas, sardineira (Oka, 1999). Malva de casca, malva silvestre (Soares, 2000).	Folhas, flores e raízes (Conceição, 1987). Decocção (Oliveira, 1997).	Clisteres, banhos, fomentações, gargarejos, colírio e infusão (Conceição, 1987). Cataplasma (Franco, 1997).	Diurética, emoliente, anti-séptica, laxativa, expectorante, bactericida, hiperglicemiante e obesidade (Franco, 1996). Contra catarros na garganta e dos brônquios, angina, catarros agudos no estômago, inflamação ou catarro na bexiga (Conceição, 1987). Anti-inflamatório, clamante e dores em geral; úlceras, feridas, inchaços das pernas, picadas de inseto; obesidade (Franco, 1997).	Ampla distribuição, dos trópicos ao ártico (Oka, 1999). Europa e Ásia (Soares, 2000).	Mucilagens (pentoses, hexoses, ácidos galacturônicos), ácidos fenólicos (clorogênicos, cafeico, ácido p-cumarico), antocianinas (Malvina, malvidina), flavonóides, taninos, vitamina A, B1, B2, C, oxalato de cálcio, resinas, aminoácidos (lisina e leucina) (Teske, 1997; Oliveira, 1997; Franco, 1996).	
<i>Manihot</i> sp	Mandioca-brava, mandioca-mansa, mandioca-amarga, mandioca-doce, mandioca-branca, manipeba, mandioca-açu, mandioca mulatinha, mandioca-puri, mandioca-de-ilhéus, macaxeira, aipim, mandioca manteiga (Oliveira, 1997).				Oriunda do Brasil (Oliveira, 1997).	Glicosídeos cianogenéticos (maniotoxina), idêntico a linamarina que ocorre na semente do linho; cianeto. Princípio tóxico: termolábil (Oliveira, 1997).	Todo o vegetal pode possuir princípios tóxicos, estando mais concentrado nas folhas e entrecasca da raiz. Distúrbios gastrointestinais, náuseas, vômitos, cólicas abdominais; sonolência, distúrbios hematológicos, torpor e como, contração dos masseteres e dilatação da pupila; pode chegar a óbito (Oliveira, 1997).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Matricaria chamomila</i> Linn.	Camomila vulgar (Oliveira, 1997). Camomila-alemã, camomila comum, marcela-galega, matricária (Silva, 1995).	Flor (Oliveira, 1997).	Infusão e compressas (Conceição, 1987; Silva, 1995).	Antiespasmódico, tônico, amargo, carminativo estomáquico; antiinflamatório. A camomila é muito empregada em cosmetologia, na elaboração de xampu (Oliveira, 1997).	Sul da Europa (Moreira, 1972; Soares, 2000).	Óleo essencial (camazuleno, matricina ou proazuleno; aldeído azulenoíde – camaviolino). Bisabolol, camazuleno, umbeliferona, herniarina (Souza, 1991). Princípio amargo (ácido anthemico), ácidos graxos e vitaminas B e C e ácido salicílico. Além dos acima citados (Franco, 1996). Apigenina umbeliferona (princípio amargo) (Conceição, 1987).	Doses elevadas promove paralisia da musculatura lisa (Silva, 1995).
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	Espinheira santa, salva-vidas, sombra-de-touro, cancerosa, cancosa (Conceição, 1987). Espinho-de-deus, espinheira-divina, sombra-de-folha, coromilho-de-campo (Silva, 1995).	Folhas frescas ou secas (Silva, 1995; Teske, 1997; Côrrea, 1994). Sementes e folhas (Soares, 2000).	Decocção (Silva, 1995). Infusão (Franco, 1997; Teske, 1997; Côrrea, 1994).	Flatulência, cicatrizante, gastralgias, analgésico, dispéptico, hipotônicos, úlceras gástricas e duodenais (Franco, 1996). Sialorréia, antifatulento (Silva, 1995). Tônica, balsâmica, digestivo, anti-flatulento, contra males do fígado e rins, afecções cutâneas e alcoolismo (Franco, 1997).	Brasil (Grams, 1999).	Alcalóides triterpênicos, flavonóides, tanino, Óleo essencial, resina, antocianosídeos, sais de ferro, enxofre, sódio, cálcio, mucilagem e açúcar (Franco, 1996). Iodo (Conceição, 1987).	É contra-indicado para gestantes e lactantes. Não deve ser administrado a crianças e nutrízes (Silva, 1995; Teske, 1997). Não deve ser ingerido juntamente com antigripais ou moderadores de apetite; pode causar perda do sono em dose excessiva (Côrrea, 1994).
<i>Melissa officinalis</i> Linn.	Cidreira, Erva cidreira, herbe, citron e citronela (Conceição, 1987). Melissa, cidrilha, chá de França, melissa romana (Cruz, 1965). Chá-da-frança, erva-cidreira-da-folha-miúda (Silva, 1995). Erva cidreira verdadeira (Soares, 2000).	Folhas (Cruz, 1965). Sumidades florais (Côrrea, 1984). Folhas secas (Santos, 1988).	Chá (Franco, 1997). Infusão (Santos, 1988). Bochechos, compressas, tempero (Silva, 1995).	Sedativa, estomáquica, carminativa, colerética, antiespasmódica, emenagoga, antivirótica e insônia (Franco, 1996). Câimbra do estômago e dos intestinos, palpitações nervosas, asma bronquial, histerismo, debilidade do coração, vômitos nervosos; tônico amargo e excitante, estimulante (Conceição, 1987). Digestivo, alivia as dores do parto, auxilia no nascimento e na expulsão da placenta; icterícia (Franco, 1997).	Europa e Ásia (Teske, 1997). Originária da Grécia (Oka, 1999). Mediterrâneo e Ásia Menor (Soares, 2000).	Óleos essenciais com compostos terpênicos, nerol, citrol, citronelol, linalol, cariofileno, eugenol, pineno, mirceno, limoneno, terpineno, taninos, derivados dos ácidos rosmarínicos e caféico, saponinas e glicosídeos, flavonóides, sais minerais e princípios amargos e aloés (Franco, 1996; Silva, 1995).	Não abusar do chá pois pode enfraquecer (Franco, 1997). Duas xícaras ao dia se apresenta tóxica (Santos, 1988).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Mentha piperita</i> Linn.	Hortelã, Hortelã pimenta, hortelã preta (Reitz, 1959). Menta (Conceição, 1987). Vique, erva-boá, hortelã-cheirosa, hortelã-chinesa, hortelã-da-horta, hortelã-de-tempero, hortelã-rasteira, mentrasto, hortelã-de-panela (Silva, 1995).	Folhas e flores frescas e secas. Toda (Silva, 1995).	Infusão, solução aquosa ou cápsulas, pó (Silva, 1995).	Anti-séptica, antiespasmódica, antiemética, colagoga, estomáquica, antiinflamatória, antihelmítica, tônica e carminativa (Franco, 1996). Estimulante, vermífugo, flatulências, timpanite, cálculos biliares, icterícia, palpitações, tremedeiras, vômitos (por nervosismo), cólicas uterinas, dismenorréia, prostatite (Conceição, 1987). Analgésico, antiúlcera, colerético, antiemético, antimicrobiano e antiviral, antifatulento, contra giardíase e amebíase (Silva, 1995).	Europa (Castro, 1981). Zonas temperadas (Cruz, 1965). Inglaterra, Europa, Ásia e Norte da África (Soares, 2000).	Piperitone, α -mentona, mentofurano, metilacetato, pulegona, cineol, limoneno, jasmone, princípio amargo, vitaminas C e D, nicotinamida, terpenos, cetonas, taninos, sesquiterpenos, flavonóides (mentoside, isoroifolina, luteolina), óleo essencial, ácidos p-cumarínicos, ferúlico, cafeico, clorogênico, rosmarínico, carotenóides, colina, betaína e minerais (Teske, 1997; Sousa, 1991; Franco, 1996; Conceição, 1987).	Mentol pode causar reações alérgicas (Silva, 1995). É contra-indicado à lactantes (Teske, 1997).
<i>Mikania</i> sp	Guaco, erva das serpentes, coração de Jesus, huaco, erva de cobra (Conceição, 1987). Cacalia, cipó-caatinga, cipó-sucurijú, ermos-das-serpentes, gaiaco, guaco-da-caatinga, guaco-de-cheiro, guaco-liso, guaco-trepador, huaco, uaco (Silva, 1995).	Folhas frescas ou secas (Silva, 1995). Raiz (Soares, 2000).	Chá, xarope, tintura (Silva, 1995).	Béquico, expectorante, anti-séptico das vias respiratórias, antiinflamatório, analgésico, antiasmático, anti-reumático, diurético, cicatrizante, antibiótico, broncodilatador e antifóidico (Franco, 1996). Antitussígeno, gripe, rouquidão, resfriado, dermatite e micose (Silva, 1995). Contra reumatismo, artrites e nevralgias (Franco, 1997).	Origem e grande ocorrência na América do Sul (regiões Sul e Sudeste) (Oka, 1999). Brasil (Soares, 2000).	Óleo essencial (cineol, borneol e eugenol), taninos, saponinas e esteróis e glicosídeo cumarínico (Franco, 1996). Guacina (substância amarga), resina e material aromático (Conceição, 1987). Glicosídeos, tanino, ácido cauren+oico, ácido cinamiol, ácido grandiflorico, estigmasterol, esteróis, cumarinas livres e saponinas (Silva, 1995).	Pode provocar hipertensão (Silva, 1995).
<i>Musa</i> sp	Bananeira, figo de horta, pacobeira, pacobunçu, pacova, pacoveira (Soares, 2000).	Folhas novas, água do tronco, fruto pouco verde (Franco, 1997).	Compressas, alimento (Franco, 1997).	Analgésica em casos de queimaduras, inchações, urticárias e inflamação nos testículos; amarelão, infecções, febres e auxilia no tratamento de alcoólatras e fumantes; azia e diarreia (Franco, 1997). Adstringente, a seiva é fortificante nas doenças das vias respiratórias, (Cruz, 1965).	Própria de regiões tropicais; com origem na Ásia ou África, ou ainda, na América (Cruz, 1965).		

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Nasturtium officinalis</i> R. Br.	Agrião (Santos, 1988; Teske, 1997).	Caulas e folhas frescos (Santos, 1988; Teske, 1997).	Infusão, xarope e salada (Santos, 1988). Suco, macerado, decocção, cataplasma (Teske, 1997).	Estimulante, tônico, cicatrizante, depurativo, antiinflamatório, descongestionante, digestivo, diurético, antiescorbútico, anticaspa e antiqueda (Teske, 1997; Santos, 1988). Tônico, estimulante e depurativo; auxilia no tratamento da tuberculose, anemia, clorose e fraqueza geral; afecções da pele, fraqueza pulmonar, tosses rebeldes, raquitismo, escrofulose, afecções do fígado, moléstias da via urinária, escorbuto; combate os efeitos do fumo no organismo (Cruz, 1965).	Europa, e bem adaptado no Brasil (Teske, 1997).	Óleo essencial (isossulfocianato de fenmiletila), minerais (P, Fe, I, S, Ca), heterosídeos sulfurados, vitaminas (A, B2, D, C, E, PP), glicosídeo e princípios amargos (Teske, 1997).	O uso em excesso pode ocasionar irritação do estômago e vias urinárias. É contraindicado nos casos de inflamação das vias urinárias, úlcera gástrica e duodenal, e a crianças com idade inferior a 4 anos. Deve ser consumido moderadamente por gestantes. (Teske, 1997; Santos, 1988).
<i>Ocimum basilicum</i> Linn.	Alfavaca, segurelha, remédio de vaqueiro, alfavaca de cheiro (Conceição, 1987). manjerição de folha larga, manjerição dos cozinheiros, manjerição de molho, manjerição grande, erva real (Balmé, 1982).	Folhas frescas ou secas e sumidades florais (Silva, 1995).	Infusão, compressa, solução alcoólica (Silva, 1995). Não pode ser fervida (Côrrea, 1994).	Carminativo, estomáquico, prisão de ventre e emenagoga e sudorífica (Franco, 1996). Estimulante e diurético; bexiga, uretra e rins (Conceição, 1987). Antiinflamatório, anti-séptico das vias respiratórias, antipirético, antitussígeno, contra dermatoses, fadiga muscular (Silva, 1995).	Países tropicais. Ásia Ocidental e Tropical (Soares, 2000).	Óleos essenciais e voláteis, tanino, estrogole, eugenol, cânfora, linalol e saponina (Franco, 1996). Estragol, cineol, cinamato de metila, timol, α -pineno, citrol (Silva, 1995).	
<i>Passiflora</i> sp	Maracujá (Côrrea, 1994).	Folhas frescas ou secas (Côrrea, 1994).	Infusão, compressas. (Silva, 1995; Côrrea, 1994). Banho, cozimento (sementes), "garrafada" (Franco, 1997). Tintura (Soares, 2000).	Calmente (insônia) (Côrrea, 1994).	América (Castro, 1981). Ásia Tropical (Grams, 1999; Soares, 2000).	Folhas: passiflorina; fruto: vitaminas A, B ₁ , B ₂ , B ₅ , C, sais: fósforo, cálcio, ferro. (Conceição, 1987)	Chá das folhas deve ser controlado por riscos de intoxicação cianídrica, deprime o sistema nervoso central. (Silva, 1995)

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Persea americana</i> Miller	Abacateiro (Oliveira, 1997; Teske, 1997).	Folhas (Oliveira, 1997; Santos, 1988; Cruz, 1965; Teske, 1997). Óleo (Teske, 1997).	Infusão (Santos, 1988; Cruz, 1965). Caroços, óleo e fruto (Cruz, 1965).	As folhas têm ação diurética e colagoga, sendo empregadas nas afecções hepáticas e das vias urinárias. As folhas são consideradas ainda como emanogogas e carminativas (Oliveira, 1997; Santos, 1988; Moreira, 1972). Combate, ainda, gases intestinais; folhas e caroços são empregados contra diarreias, disenterias, doenças das vias urinárias; fruto é afrodisíaco (Cruz, 1965). O óleo é anti-raquítico, emoliente, calmante e suavizante da pele (Teske, 1997).	Exótica no Brasil, origem na Pérsia ou Antilhas (Cruz, 1965). América Central (Teske, 1997).	Flavonóides: quercetina e um outro de estrutura química não identificada; α -sitosterol; hepta-álcool denominado perseitol (D-glicero-D-galactoheptitol); óleo essencial contendo estragol e anetol; das sementes foi isolado abscisina (Oliveira, 1997; Santos, 1988).	Sem referência (Santos, 1988; Teske, 1997).
<i>Petiveria alliacea</i> Linn.	Guiné, erva guiné (Reitz, 1959). Erva do pipi, tipi, mucuracaa, raiz de guiné (Conceição, 1987).	Raiz (Conceição, 1987). Folhas secas, raiz seca ou fresca (Soares, 2000).	Tintura, vinagre (Conceição, 1987). Solução alcoólica (Franco, 1997).	Estimulante, empregado nas paralisias, diurético, diaforético, anti-reumático, depurativo e anti-febril (Conceição, 1987). Alivia dor de cabeça e enxaqueca, reconstituente da memória, combate paralisia, artrite e hidropsia (Franco, 1997).	Comum no Brasil (Conceição, 1987). América Tropical (Grams, 1999). América do Sul (Soares, 2000).		Desaconselhado uso interno por ser tóxica, especialmente a raiz (Conceição, 1987). Abortivo (Franco, 1997).
<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm.	Salsa, cheiro, salsa-de-cheiro, salsa-das-hortas, salsa-cultivada (Morgan, 1982).	Sementes e frutos (Morgan, 1982). Raízes e folhas (Balmé, 1982).	Raízes e folhas devem ser consumidas frescas e as sementes, quando maduras devem ser dessecadas ao sol (Balmé, 1982).	Aperitivo, estimulante e diurética suave. Carminativo e emenagogo (Morgan, 1982). Febrífugo (Oliveira, 1997).		Óleo essencial contendo pineno, apiol, apiino; óleo resina; miristicina (Oliveira, 1997).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Phyllanthus niruri</i> Linn.	Quebra pedra, Quebra-panela, erva-pombinha, arrebenta-pedra, saxifraga, conami, quebra-pedra-branco (BA), saudade-da-mulher, arranca-pedras, fura-parede (Lorenzi, 1991; Silva, 1995). Saúde-da-mulher (Silva, 1995).	Folhas e sementes (Lorenzi, 1991). Raiz e folhas (Silva, 1995).	Decocção (Lorenzi, 1991). Infusão (Silva, 1995).	Antidiabética, aperiente, diurética, sudorífera, gota e hidropsia (Franco, 1996). Diurética, sudorífera e desobstruente de cálculos renais. Purgativa, abortiva, aperiente, fortificante do estômago, contra hidropsia, catarros vesicais, albuminúria, icterícia e blenorragia (Lorenzi, 1991).	Ocorre em todas as regiões do Brasil, com menor frequência na região Norte (Lorenzi, 1991).	Semente: ácido linoleico e linolênico. Folhas: compostos fenólicos, lignanas, flavonóides, alcalóides. Raízes: derivados flavonóides (Sousa, 1991). Sais minerais, glicosídeos, flavonóides (quercitina), ácidos orgânicos, princípio amargo (alcalóide filocrisina) (Franco, 1996). Lignanas (filantina, hipofilantina, linfetalina, nirantina, nitretalina, filtetralina e um triterpenóide), flavonóides (quercitrina, quercetina, rutina) e astragolina (Silva, 1995).	Abortiva (Lorenzi, 1991). Altas doses levam à intoxicação (Silva, 1995).
<i>Plantago major</i> Linn.	Tanchagem, Tansagem, tanchagem-maior, tranchagem, plantagem (Lorenzi, 1991). Lantem (Silva, 1995).	Folhas, flores e sementes (Silva, 1995). Raiz e suco (Franco, 1997).	Infusão, compressas, comer as sementes (Silva, 1995). Gargarejos, banhos e chá (Franco, 1997).	Anti-inflamatório, expectorante, analgésica, antipirética, emoliente, depurativa, adstringente, diurética, vulnerária, sinusite e traqueobronquite (Franco, 1996). Tônica, anti-hemorroidais, purgativa, cicatrizante, purificadora do sangue, anginas, parotidites e gengivas sangrentas (Lorenzi, 1991). Anti-hemorragico (Conceição, 1987). Antiulcerogênico, anti-diarréico, em lesões herpéticas (alívio da dor) (Silva, 1995). Antibiótico, combate dores nos seios, apendicite crônica, prostatite; feridas, tumores malignos, dermatoses (Franco, 1997).	Originária da Europa e com distribuição por toda região Sul, Sudoeste e Nordeste (Lorenzi, 1991).	Tanino, mucilagem, pectina, sais minerais, enxofre, flavonóides, ácido fenólico, glicosídeos, citrato de potássio e vitamina C (Franco, 1996). Iridóides, manitol, sorbitol, heterosídeo cromogênico, aucobosídeo, p-cumarico (folhas), lactona (loliolida) (Silva, 1995).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo, Falso-boldo, boldo-nacional, malva-santa, tapete-de-oxalá, folha-de-oxalá, boldo silvestre, boldo do reino, hortelã-graúdo, malva amarga, alumã, hortelã-homem, sete-dores (Silva, 1995).	Folhas e flores (Silva, 1995).	Infusão, sumo, maceração (Silva, 1995).	Carminativa, colagogo, colérico, anti-diarréico, eupéptica, hepática e flatulência (Franco, 1996). Digestivo (Silva, 1995). Sonífera, cura ressaca alcóolica (Franco, 1997).		Alcalóide (folhas): boldina; taninos, esteróides, ácidos graxos e derivados flavonóides (boldosídeo, peumosídeo). Óleo essencial (folhas): ascaridiol, cineol, p-cimeno, linalol, terpineol, α -pireno e eugenol (Sousa, 1991). Folhas: óleo essencial rico em guaiano e fenchona, taninos e diterpenos. (Silva, 1995)	Pode causar irritação gastrointestinal e elevação da pressão arterial (Silva, 1995). Uso deve ser moderado (Franco, 1997).
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott.	Erva de bicho, cataia (Reitz, 1959). Persicária, pimenta d'água, acataia, capetiçova (Conceição, 1987). Caatará, capetiçoba, capiçoba, capitiçoba, hydropiper, persicária do Brasil, pimenta aquática, pimenta do brejo, potincoba. (Soares, 2000)	Planta florida fresca, folhas frescas (Soares, 2000).	Lavagem, chá (Franco, 1997). Infuso, tintura e banhos (Santos, 1988).	Anti-séptico, adstringente, anti-inflamatório e hemostático (Franco, 1996). Estimulante, vermífida e contra hemorróidas, diarreia e hemorragias internas, sedativo, gonorréia, retenção de urina, erizipela (Conceição, 1987). Contra queda de cabelos, manchas da pele e dos pulmões; emenagogo, anti-pirético, diurético, anti-disentérico; congestões cerebrais erisipela (Franco, 1997). Diurética e contra afecções das vias urinárias (Santos, 1988).	América Tropical e Mediterrâneo (Soares, 2000).	Óleos essenciais flavonóides (rutina, campferol, isohamantina, quercitina e luteolina), anticianos como leucodelfinidina, pelargonidina e peonidina, glicosídeo, cumarínico, ácidos gálico, malônico e poligônico. Antiquinonas, taninos e saponinos (Franco, 1996; Santos, 1988).	Abortiva (Albuquerque, 1980). Não é recomendado para gestantes e lactantes (Teske, 1997). Sem referência (Santos, 1988).
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Pariparoba (Santos, 1988)	Raízes (Santos, 1988).	Extrato fluido e tintura (Santos, 1988).	Empregada nas afecções do fígado, baço e bexiga. O apíol tem sido usado para combater a febre e para regular a menstruação (Santos, 1988).		Princípio ativo pouco conhecido. Das folhas foram isolados os apióis Dill e Parsley (Santos, 1988).	Droga mal conhecida e de efeitos duvidosos (Santos, 1988).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Psidium guayava</i> Linn.	Goiaba, Araçá, araçá-uaçu, goiaba vermelha (Silva, 1995).	Casca do fruto (Conceição, 1987). Folhas e brotos (Silva, 1995). Fruto (Franco, 1997).	Deccto, infuso (Conceição, 1987). Gargarejo, alimento, cataplasma, suco (Franco, 1997).	Antidientérico, anti diarréico, incontinência urinária, gastroenterite, bactericida, vulnerário e anti-inflamatório (Franco, 1996). Estomáquico, adstringente, indisposições gástricas e embaraços digestivos; catarros gastro-intestinais e tuberculose, diarréias infantis; afecções bucais; úlceras e irritações vaginais, leucorréias (Conceição, 1987).	América Tropical (Grams, 1999).	Óleo essencial, flavonóides, tanino, pectina, vitaminas B ₁ , B ₂ e C. Niacina, sais minerais, altos níveis de fósforo e potássio (Franco, 1996). Materiais gordurosos, resinosos e pépticos (Conceição, 1987). Rutina, álcoois sesquiterpênicos e ácidos triterpênicos (Silva, 1995).	
<i>Punica granatum</i> Linn.	Romã, Romeira, granado (Silva, 1995). Milgreira (Soares, 2000).	Cascas do caule e da raiz, e fruto (Conceição, 1987). Casca da fruta (Franco, 1997).	Xarope (Conceição, 1987). Decocção, gargarejo (Silva, 1995). Chá (Franco, 1997).	Tenífugo, contra parasitas intestinais, anginas e infecções na garganta, difteria, inflamações gastro-intestinais, afecções gênero-urinárias (Conceição, 1987). Adstringente, estomatite, gengivite, amigdalite e laringite (Silva, 1995). Cólicas intestinais e diarréias, anti-hemorragico, anti-inflamatório, cicatrizante, digestivo, atua no fígado e na epilepsia (Franco, 1997).	Originária da Pérsia (Conceição, 1987). Sul da Europa e Norte da África (Soares, 2000).	Peletierina, isopeletierina, metilpeletierina, pseudo-peletierina, ácido gálico, ácido granadotânico, manitol, matérias resinosas e pépticas (Conceição, 1987). Fruto: vitaminas B ₁ , B ₂ , B ₅ e C, vários minerais como sódio, potássio, cálcio e ferro (Conceição, 1987). A casca do fruto contém taninos, alcalóides e substância antibiótica (Silva, 1995).	Tóxico com ação no sistema nervoso central, provocando paralisção dos nervos motores e morte por asfixia (Silva, 1995).
<i>Renealmia brasiliensis</i> K. Shum	Pacová (Cruz, 1965; Oliveira, 1997).	Raízes (Cruz, 1965). Semente (Oliveira, 1997).		Antiofídica, contra reumatismo crônico, subagudo e lombar; vermífugo, estomáquico e antidiarréico; elimina gases do estômago e intestinos; anti-histérico e antiespasmódico (Cruz, 1965). Estomacal, carminativo (Oliveira, 1997).	Brasil (Cruz, 1965).	Óleo essencial pouco conhecido, resina, amido (Oliveira, 1997).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Rheum palmatum</i> Linn.	Ruibarbo (Cruz, 1965).	Rizoma (Furlenmeier, 1984).	Pó (Cruz, 1965).	Repele insetos (propriedade hortícola) (Von Hertwig, 1986). Em pequenas doses é aperitivo, estomáquico e constipante; em doses mais altas é purgante suave; indicado contra diarreias de verão, dentição de criança e cólicas (Furlenmeier, 1984).	Ásia (Cruz, 1965). Ocorre da Sibéria até o Himalaia e Palestina, nativa do Tibet e oeste da China; cultivada no Brasil, Europa e Ásia (Von Hertwig, 1986).	Derivados antraquinônicos (Furlenmeier, 1984).	Doses altas produzem uma congestão sangüínea nos órgãos da região pélvica. Cuidado em casos de hemorróidas. Excepcionalmente podem causar reações alérgicas (Furlenmeier, 1984).
<i>Rosa centifolia</i> Linn.	Rosa-branca (Oliveira, 1997).	Flor (Oliveira, 1997). Pétalas dessecadas (Balmé, 1982).	Infusão (bochechos, gargarejos e compressa); água de rosas para compressa e vinagre de rosas para compressa (Balmé, 1982).	Aromatizante, corretivo de odor, adstringente, laxativo (Oliveira, 1997). Refrescante, calmante e digestiva; contra estomatite e inflamações na boca; picada de abelhas, urticária, queimaduras; inflamação nos olhos; uso veterinário - teníase (Balmé, 1982).		Óleo essencial; tanino; flavonóides: quercetina; ácido málico e tartárico (Oliveira, 1997).	
<i>Rosmarinus officinalis</i> Linn.	Alecrim, alecrim-de-jardim, rosmarino, alecrim-de-cheiro, alecrim-de-horta, alecrim-de-casa, rosa-marinha, erva coroado (Silva, 1995).	Folhas (Conceição, 1987). Folhas frescas ou secas e sumidades florais (Silva, 1995; Teske, 1997).	Infusão, decocção e banhos (Conceição, 1987).	Estimulante, colerético, colagogo, emenagogo, antiespasmódico, expectorante e diurético; dores articulares, contusões e fadiga muscular; anti-caspa; condimento (Silva, 1995). Excitante, anti-anorético, digestivo, contra tosses úmidas, clorose e escrófulas (Conceição, 1987).	Origem nas praias do Mediterrâneo (Oka, 1999; Soares, 2000).	Óleo essencial rico em cineol, cânfora, terpeno, acetato de bornila, acetaldeído, borneol, etanol, heterosídeos cianogênicos, dextrogira, eucaliptol, saponinas, ácidos fenólicos e flavonóides (Silva, 1995; Teske, 1997). Pineno, canfeno, princípio amargo, tanino e resina (Conceição, 1987).	Abortivo e pode irritar a pele (Albuquerque 1980; Teske, 1997). Não se recomenda uso interno para gestantes, prostáticos e pessoas com diarreia (Côrrea, 1994).

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Ruta graveolens</i> Linn.	Arruda, arruda-doméstica, arruda-dos-jardins, ruta-de-cheiro-forte, ruta (Silva, 1995).	Folhas (Conceição, 1987). Folhas e sumidades florais (Silva, 1995). Sementes secas (Soares, 2000).	Infusão (Conceição, 1987). Solução alcoólica (tintura), banho (Silva, 1995).	Emenagogo, vermífugo, enxaqueca, flatulência, onicomicoses e pediculose, carminativa e diaforético (Franco, 1996). Histerismo, sistema nervoso, cólicas uterinas e intestinais, estimulante (Conceição, 1987). Varizes, flebites, hemorróidas (Silva, 1995).	Origem no sul da Europa (Oka, 1999; Soares, 2000).	Nas folhas e flores ocorre óleo essencial constituído principalmente de metilcetonas, hidrocarbonetos, fenóis, álcoois acíclicos, ácidos graxos esterificados e cineol. E nas raízes ocorre o óleo essencial rutina e lactonas (Sousa, 1991). Como constituintes fixos tem-se a rutina, cumarina, bergapteno, xantotoxina, psoraleno, rutaretina, rutamina, graveolinina, cocusaginina e outros. Das raízes isolou-se a hibalactona (Silva, 1995).	Abortiva (Sousa, 1991; Silva, 1995; Albuquerque, 1990). Apesar de muito utilizada contra cólicas menstruais não se recomenda tal uso pela toxicidade da planta e risco a que se expõe quem a utiliza internamente (Côrrea, 1994).
<i>Salvia officinalis</i> Linn.	Salvia, salva (Conceição, 1987). Salva-das-boticas, salva-ordinária, salveta (Silva, 1995).	Folhas frescas ou secas e sumidades florais (Silva, 1995).	Gargarejo e infusão (Conceição, 1987). Bochecho (Silva, 1995). Banho (Franco, 1997).	Emenagogo, eupéptico, diaforético, tônico, germicida, antiinflamatório, vulnerário e adstringente (Franco, 1996). Excitante, antiespasmódico, estimulante do coração e do sistema nervoso, reumatismo, febril, diurético, sudorífico, desinfetante (Conceição, 1987). Anti-séptico bucal, antiflatulento, antiemético (Silva, 1995). Calmante, descongestionante, contra gengivite, laringite e inflamações na garganta (Franco, 1997).	Origem no Mediterrâneo (Conceição, 1987; Soares, 2000).	Óleo essencial, glicosídeos, diterpênico, ácidos flavonóides, tanino, saponina, esteróis, tujona, rosmarino e cânfora (Franco, 1996; Silva, 1995).	É conta-indicado à gestantes e lactantes (Teske, 1997).
<i>Sambucus nigra</i> Linn	Sabugueiro (Oliveira, 1997).	Flor (Oliveira, 1997; Santos, 1988). Raiz (Cruz, 1965). Folha e fruto (Teske, 1997).	Infusão (Santos, 1988). Substância aquosa da raiz (Cruz, 1965).	Diaforético, diurético, emoliente, laxativo (Oliveira, 1997). Aumenta a transpiração; expectorante; contra gripes e resfriados (Santos, 1988). A raiz tem efeito purgativo e contra hidropsia abdominal. As flores são sudoríficas e contra gripes, tosses, bronquite, defluxos, e debela o sarampo e a escarlatina (Cruz, 1965).	Procedente da Europa (Cruz, 1965).	Rutina, etilamina, isobutilamina (Oliveira, 1997). Das flores foram isolados vários triterpenos: α e β -amirina, lupeol, cicloartenol; esteróides, como colesterol, estigmasterol e sistosterol; flavonóides, como quercitina e isoquercitina; antocianos, como sambicianina e colina (Santos, 1988).	

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Scoparia dulcis</i> Linn.	Vassourinha (Rizzini, 1976).	Folhas (Rizzini, 1976).	Infusão (Rizzini, 1976).	Hipoglicemiante (Rizzini, 1976).		Amelina (Rizzini, 1976).	
<i>Sida rhombifolia</i> Linn.	Guanxuma, malva-lanceta, guaxima e sida-de-espinhos (Teske, 1997).	Flor e folha (Teske, 1997).	Infusão (Teske, 1997).	Emoliente, anti-inflamatório, adstringente, tônico, estimulante e digestivo (Teske, 1997).	Se desenvolve na América, Ásia e África. No Brasil é considerada erva daninha (Teske, 1997).	Heterosídeos saponínicos, ácidos fixos, gomas, mucilagens, taninos, ácidos orgânicos, triterpenos e sais minerais (Teske, 1997).	
<i>Smilax</i> sp	Salsaparrilha, japecanga (Franco, 1997). Salsaparrilha branca (Soares, 2000).	Raiz, folhas (Franco, 1997).	Chá (Franco, 1997). Decocção (Soares, 2000).	Anti-sifilítico, diurético e diaforético, contra dermatoses e escrofulose (Conceição, 1987). Contra reumatismo, amarelão, tosse comprida, dermatoses; febrífugo; depurativa, contra tosses e resfriados; gota, artrite, quistos sob a pele, dores nos ossos, sífilis hereditária (Franco, 1997). Excreção do ácido úrico, tônico, cansaço, anemia, intoxicações, doenças venéreas, exantemas, glicose e colesterol (Soares, 2000).	Ocorre no Brasil, Colômbia, Venezuela e outros países americanos (Conceição, 1987). México (Soares, 2000).	Parrilina, similasaponina, sarsaponina, glicosídeos, amido, resina. Sitosterol, estigmasterol, oxalato de cálcio, óleo essencial, minerais (K) (Teske, 1997; Conceição, 1987).	Não é recomendado uso por crianças e gestantes (Teske, 1997).
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva moura (Cruz, 1965).	Folhas jovens (Cruz, 1965).	Cataplasma (Cruz, 1965).	Tranquilizante e emoliente, dificuldade em urinar; contra úlceras e feridas, escarlatina, meningite, vertigens, delírio, agitações noturnas e outras perturbações nervosas (Cruz, 1965).			
<i>Solanum lycopersicum</i> Linn.	Tomateiro (Cruz, 1965)	Fruto (Cruz, 1965). Folhas secas (Balmé, 1982).	Suco aquoso, gargarejo, aplicação local (Cruz, 1965). Alimento; infusão, decocção, unguento (Balmé, 1982).	Combate angina; aplicação local do fruto é resolutivo nas inflamações purulentas; contra gripe, tosse, rouquidão; reumatismo muscular e tônico da debilidade orgânica (Cruz, 1965).	América do Sul (Cruz, 1965).		

ESPÉCIES	SINÓNÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Symphytum officinalis</i> Linn.	Confrei, consólida maior (Conceição, 1987). Consolada, consolada-menor, consólida, consólida-menor, erva-do-cardeal, língua-de-vaca, orelha-de-burro, orelha-de-vaca (Silva, 1995).	Raízes e folhas (Silva, 1995; Santos, 1988; Teske, 1997).	Compressas, emplasto (Silva, 1995). Chá (Franco, 1997). Cataplasma e banhos locais (Santos, 1988)	Anti-reumática, anti-inflamatória, expectorante, emoliente e vulnerário e béquico (Franco, 1996). Queimaduras, cicatrizante (Silva, 1995). Anti-anêmica e aumenta os glóbulos vermelhos do sangue; dermatoses, intestinos e ovários; depurativo (Franco, 1997). Anti-febrífuga e antiflogística; uso somente externo em contusões, reumatismos, ferimentos e tromboflebitas (Santos, 1988).	Europa (Côrrea, 1984).	Raízes: alcalóides pirrolizidínicos, especialmente sinfitina e equimidina, alantoína, taninos, açúcares, saponinas, titerpenóides, esteróides e ácidos clorogênico e cafeico. Folhas: alatoínas (principalmente) e alcaloides pirrolizidínicos (Sousa, 1991; Santos, 1988). Vitaminas A, B ₁ , B ₂ , B ₁₂ , C e ácido pantotênico, alantoína e caroteno. Sais minerais: ferro, manganês, zinco, cálcio, fósforo (Franco, 1996).	Uso prolongado pode causar tumores malignos na bexiga e fígado (Sousa, 1991). Má formação de fetos, abortivos e mutagênicos (Silva, 1995). Uso interno produz irritação gástrica e problemas hepáticos (Santos, 1988).
<i>Tabebuia avellanae</i> Lor. ex. Griseb	Ipê-roxo, pau-d'arco (Teske, 1997).	Casca e lenho (Teske, 1997).	Pó (Teske, 1997).	Antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica e antineoplásica, protetor solar (Teske, 1997).	Distribuída largamente por todo o Brasil (Teske, 1997).	Saponinas, resinas, minerais, vitaminas, antibióticos naturais (lapachol, alfa-lapachol, beta-lapachol, cloro-hidrolapachol e xilodoína (Teske, 1997).	Contra indicada às gestantes e em casos de hipersensibilidade (Teske, 1997).
<i>Tanacetum vulgare</i> Linn.	Catinga de mulata Atanásia-das-boticas, tasneira, erva-lombrigueira (Morgan, 1982). Erva conha-vermeo (Côrrea, 1984).	Folhas e flores (Franco, 1997).	Chá, banho, dedetização (queima das folhas) (Franco, 1997).	Regula funções hepáticas, emenagogo; contra problemas no nervo ciático, erisipelas e para estancar sangue; vermífugo, repelente (Franco, 1997). Estimulante, inseticida, condimento (Côrrea, 1984).	Originária da Europa, e muito encontrada no Brasil (Côrrea, 1984).	Tanacetona e confol (cânfora) (Côrrea, 1984).	Abortivo, uso perigoso (Côrrea, 1984). Não de recomenda seu uso interno, pode provocar intoxicações (Côrrea, 1994).
<i>Urtiga urens</i> Linn.	Urtiga (Teske, 1997).	Folhas frescas ou secas e raízes (Teske, 1997).	Erva seca, infusão, suco fresco, extrato fluido em álcool, tintura (Teske, 1997).	Tônico adstringente, vasoconstrictora, hemostática, revulsiva, anstiseborréia, depurativa, anti-radicaais livres, revitalizante, tonificante capilar e hipoglicemiante (Teske, 1997).		Folhas: substância histamínica e ácido fórmico; restante da planta: taninos, mucilagens, vitamina A, C, B ₂ , B ₅ , sais minerais (S, Si, K, Fe, Ca, Na); clorofila, ácidos graxos, fitosterol (β -sitosterol), carotenóides, flavonóides (glicosídeos da quercetina) e secretina (Teske, 1997).	É contra-indica em casos de edema causado por problemas cardíacos ou renais. Para gestante e lactentes não é recomendado uso sem orientação médica (Teske, 1997).
<i>Vitis vinifera</i> Linn.	Uva, videira (Balmé, 1982).	Fruto, folhas e gavinhas (Balmé, 1982).	Alimento, suco, infusão (Balmé, 1982).	Diurético, nutritiva e facilmente assimilável pelo organismo. Ação refrescante e anticatarral; hemorragias internas; inflamação nos olhos (Balmé, 1982).	Ásia Menor (Cruz, 1965).	Pobre em matérias azotadas, mas rica em vitaminas e em hidratos de carbono (Balmé, 1982).	

ESPÉCIES	SINONÍMIA	PARTES USADAS	FORMAS DE USO	PROPRIEDADES	OCORRÊNCIA	COMPOSIÇÃO	TOXICIDADE
<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre, mangarataia, mangaratiá (Conceição, 1987).	Raiz (Franco, 1997). Caule (Oliveira, 1997).	Compressa (Franco, 1997). Pó (Teske, 1997).	Estomáquico, carminativo, sialagoga, revulsiva, anti- hemorrágica, antitussígena, expectorante, anti-brônquica, anti-reumática e anticancerígena (Franco, 1996). Anti-gripal, fraqueza no estômago, flatulência, rouquidão e anti-asmático, contra dores no nervo ciático e nevralgias (Franco, 1997).	Origem na Ásia tropical e cultivado no Brasil (Conceição, 1987).	Óleos essenciais (cital, cineol, zingibereno, bisaboleno, geraniol, acetado de geranila, gíngerois, chugaois, zingiberol, etc.). zingibereno, amido, proteínas, gorduras, princípios amargos, ácidos orgânicos, sais minerais e resina (Sousa, 1991; Teske, 1997).	Não deve ser usado na gravidez (Teske, 1997).

ANEXO 3: Glossário de termos técnico-científicos empregados no levantamento etnobotânico realizado em duas comunidades (Limeira e Ribeirão Grande), Mun. Guaratuba, PR.

Ácidos graxos: nome de um conjunto de ácidos orgânicos que entram na composição das gorduras vegetais, não se misturam com a água e são indispensáveis na alimentação, pois não são sintetizadas pelo organismo (Manuila, 1997).

Acne: espinha, pústulas na pele (Seabra, 1990).

Adstringente: que diminui ou impede a secreção ou absorção (Balmé, 1982).

Afecções: acometimento do organismo ou distúrbios das funções fisiológicas ou psíquicas (Manuila, 1997).

Aftas: pequenas bexigas que logo se ulceram, principalmente na mucosa da boca (Seabra, 1990).

Albuminúria: presença de albumina (proteína) na urina (Manuila, 1997).

Amebíase: doença parasitária do intestino grosso causada por uma ameba (*Entamoeba histolytica*), em razão de a ingestão de seus ovos; endêmico nos países quentes (Manuila, 1997).

Amebicida: exterminador da ameba causadora da amebíase.

Amenorréia, amenorréico: suspensão do fluxo menstrual na mulher não grávida, fora do período da menopausa (Grams, 1999).

Amigdalite: inflamação das amígdalas (Silva, 1995).

Analésico: reduz ou suprime a dor (Cervi *et al.*, 1989).

Analgia (analgesia): insensibilidade à dor, sem perda da consciência (Osol, 1995).

Anódina: que acalma ou tolhe a dor (Balmé, 1982).

Antiácido: combate a acidez gástrica (Cervi *et al.*, 1989).

Antianoréxico: combate a anorexia, que é a diminuição marcada ou perda do apetite (Manuila, 1997).

Antiasmático: que combate a asma brônquica, e esta é uma afecção pulmonar (Manuila, 1997).

Antibacteriano: que combate a proliferação das bactérias.

Antibiótico: nome do conjunto de substâncias naturais produzidas por microrganismos e seus análogos sintéticos, capazes de impedir a multiplicação das bactérias ou de destruí-las (Manuila, 1997).

Antibrônquico: que combate afecções dos brônquios.

Anticancerígena, anticanceroso: substância usada com a finalidade de destruir as células cancerosas ou de impedir sua proliferação (Manuila, 1997).

Antidiabético: medicamento hipoglicemiante usado no tratamento da diabete (Manuila, 1997).

Antidiaforético: inibe a sudorese, o suor (Ferreira, 1975).

Antidiarréico: inibe a evacuação freqüente e rápida de fezes líquida (Manuila, 1997).

Antidisentérico: que combate a disenteria, desordem intestinal (Cervi *et al.*, 1989).

Antiemético: que inibe o vômito (Cervi *et al.*, 1989).

Antiepiléptico: medicamento capaz de combater a epilepsia, que é uma doença neurológica crônica (Manuila, 1997).

Antiespasmódico: relaxa a musculatura lisa e combate cólicas (Silva, 1995).

Antiflatulento: contra gases intestinais (Silva, 1995).

Antifúngico: contra fungos (Silva, 1995), substância que destrói ou inibe o crescimento e desenvolvimento de fungos (Manuila, 1997).

Antigripal: que combate a gripe, doença infecciosa muito contagiosa, quase epidêmica (Manuila, 1997).

Anti-helmíntico: vermífugo ou vermífuga (Balmé, 1982).

Anti-hemorragico: que cessa a hemorragia, escorrimento de sangue de fora de um vaso sangüíneo lesado, pode ser interna ou externa ao corpo (Manuila, 1997).

Anti-hemorroidal: combate as hemorróidas.

Anti-herpético: indicado no tratamento do herpes (Franco, 1996).

Anti-histamínico: contra alergias (Silva, 1995).

Anti-histéico: combate a histeria, neurose caracterizada por uma exteriorização excessiva dos distúrbios de ordem emocional ou efetiva (Manuila, 1997).

Antilistérico: combate a listeria, infecção provocada por um tipo de bacilos transmitida ao homem por diversos animais, podendo se apresentar na forma de meningite purulenta, pleuropneumonia ou angina (Manuila, 1997).

Antilítico: dissolve os cálculos (Franco, 1996).

Antimicótico: contra micoses (Silva, 1995).

Antimicrobiano: contra infecções causadas por bactérias (Silva, 1995).

Antinflamatório: que combate a inflamação (Manuila, 1997).

Antiofídico: medicamento capaz de combater os efeitos do veneno da picada da cobra (Ferreira, 1975).

- Antiolheiras:** atua sobre as olheiras, círculo arroxeadado que as vezes circunda os olhos devido a cansaço, insônia ou sofrimento, físico ou moral (Weiszflog, 1998).
- Antipirético:** combate a febre; febrífugo (Cervi *et al.*, 1989).
- Anti-reumático:** combate o reumatismo (Cervi *et al.*, 1989).
- Anti-séptico:** desinfetante, impede o desenvolvimento de bactérias de qualquer espécie (Cervi *et al.*, 1989), contra microrganismos (Silva, 1995).
- Anti-sifilítico, antilúético:** age contra a sífilis (Manuila, 1997).
- Antitabagismo:** age no combate ao vício do fumo/cigarros.
- Antitérmico:** antipirético (Balmé, 1982).
- Antitussígeno:** combate a tosse; béquico (Cervi *et al.*, 1989).
- Antiulcerogênico:** que combate as úlceras, perda de substância da pele ou da mucosa, em particular quando ela mostra leve tendência à cicatrização e evolução crônica (Manuila, 1997).
- Antivirótico, antiviral:** que combate ou destrói os vírus (Manuila, 1997).
- Anúria:** supressão da urina (Franco, 1996).
- Aperiente:** que estimula o apetite (Cervi *et al.*, 1989).
- Arteriosclerose:** nome do conjunto das afecções caracterizadas por um espessamento e um endurecimento das paredes arteriais (Manuila, 1997).
- Atenuante do cansaço visual:** medicamento que raleia o sangue, atenuando os efeitos do cansaço visual (Weiszflog, 1998).
- Azia:** queimação no estômago (Silva, 1995).
- Bactericida:** antibacteriano, que destrói as bactérias (Ferreira, 1975).
- Balsâmica:** que apresenta propriedades do bálsamo, produto natural aromático de origem vegetal, formado de resina, empregado para as fricções e unções ou para fazer preparações líquidas a base de álcool ou de óleo (Manuila, 1997).
- Banho:** chá forte para serem utilizados à água da banheira (www.cotianet.com.br/eco/herb/coleta.htm).
- Béquico:** que combate a tosse (Cervi *et al.*, 1989).
- Blenorragia:** inflamação das mucosas da uretra e vagina, blenorria, gonorréia (Cervi *et al.*, 1989).
- Bochecho:** porção de líquido que se toma na boca e se agita com as bochechas, medicamento para as inflamações da mucosa da boca (Cervi *et al.*, 1989).
- Broncodilatador:** medicamento capaz de fazer a dilatação dos brônquios (Manuila, 1997).
- Bronquite:** inflamação da mucosa dos brônquios (Manuila, 1997).
- Calmante:** medicamento que calma ou mitiga dores, sedativo (Ferreira, 1975).
- Candidíase, candidose:** afecção causada por leveduras pertencentes ao gênero *Candida*. A infecção atinge a pele e as mucosas e se apresenta de forma de erupção de pequenas pústulas esbranquiçadas (Manuila, 1997).
- Cardioativo:** que tem efeito sobre o coração (Cervi *et al.*, 1989).
- Cardiopático, cardiopatia:** toda afecção do coração (Manuila, 1997).
- Carminativo:** que favorece e provoca a expulsão dos gases intestinais (Balmé, 1982).
- Cataplasma:** papa medicamentosa que se aplica entre dois panos, a uma parte do corpo dolorida ou inflamada. Pode-se aplicar cataplasma de ervas frescas, diretamente sobre a parte afetada (Cervi *et al.*, 1989).
- Cefaléia:** dor de cabeça (Silva, 1995); cefaléia, enxaqueca (Cervi *et al.*, 1989).
- Chá:** termo comumente empregado para designar qualquer tipo de infuso ou decocto (Grams, 1999).
- Chimarrão:** mate sem açúcar tomado em cuia ou ainda, qualquer bebida tomada sem açúcar. Tradição gaúcha (Weiszflog, 1998).
- Cicatrizante:** diz-se de um remédio que favorece a cicatrização das feridas (Manuila, 1997).
- Circulação:** movimento do sangue e da linfa através dos vasos, induzido pela ação de bomba do coração; serve para distribuir os nutrientes e oxigênio a todas as partes do corpo e remover delas matéria inútil (Weiszflog, 1998).
- Cistite:** inflamação da bexiga (Silva, 1995).
- Clorose:** anemia peculiar que afeta principalmente mulheres ao redor da idade da puberdade. É causada por deficiência de ferro e se caracteriza pela palidez um pouco esverdeada da pele, debilidade geral e perturbações menstruais (Weiszflog, 1998).
- Colagogo:** estimula a produção e a liberação da bile e melhora a digestão (Silva, 1995).
- Colérico:** que está acometido pela cólera (Manuila, 1997).
- Colerético:** medicamentos vegetais que favorecem a secreção biliar pelo fígado.
- Colesterol:** substância orgânica presente na maioria dos tecidos e humores do organismo humano (Manuila, 1997).
- Compressa:** chumaço de algodão ou outro material aplicado em qualquer parte afetada do corpo (Cervi *et al.*, 1989).

- Condimento:** qualquer substância que serve para temperar, aromatizar ou colorir alimentos (Weiszflog, 1998).
- Contusões:** manchas roxas decorrentes de pancadas (Silva, 1995).
- Coreia:** doença infecciosa caracterizada por movimentos involuntários e irregulares, lentos ou rápidos, acompanhados de hipotonia muscular e de distúrbio de coordenação (Manuila, 1997).
- Cumarina:** estimulam as enzimas anticâncer e previnem a coagulação sanguínea (Franco, 1996).
- Debilidade:** fraqueza ou falta de força (Manuila, 1997).
- Decocção, decocto:** extrato aquoso obtido pelo cozimento da planta em água (Grams, 1999).
- Depurativo:** vegetais aptos a liberar o organismo de resíduos, elementos tóxicos ou nocivos à saúde (Morgan, 1997).
- Dermatose, dermatite:** afecções da pele (Silva, 1995).
- Descongestionante:** que diminui ou suprime a congestão (Manuila, 1997).
- Descongestionante nasal:** agente que alivia a congestão nasal (das narinas) – vias aéreas (Weiszflog, 1998).
- Desinfetante:** plantas que destroem os micróbios (Seabra, 1990); que previne a infecção ou entrava seu desenvolvimento (Manuila, 1997).
- Desinfetantes da bexiga:** medicamentos aptos a matar ou a impedir o desenvolvimento de germes patogênicos da bexiga urinária (Morgan, 1997).
- Desobstruente:** que faz a liberação de um canal obstruído por certas substâncias que o entopem (Manuila, 1997).
- Diaforético:** que provoca e favorece a sudorese (Balmé, 1982).
- Diurético:** aumentam a diurese, isto é, a qualidade de urina secretada (Morgan, 1997).
- Difteria:** doença toxêmica causada pelo bacilo de Klebs-Loeffler, localizada habitualmente nas mucosas das porções superiores da árvore respiratória: boca, nariz, faringe e laringe (Seabra, 1990).
- Digestivo:** que facilita a digestão (Cervi *et al.*, 1989).
- Dismenorréia:** menstruações difíceis ou irregulares (Balmé, 1982).
- Dispepsia, dispéptico:** distúrbio da digestão, digestão difícil e dolorosa (Manuila, 1997).
- Disúria:** emissão dolorosa e difícil da urina (Franco, 1996).
- Diurético:** que facilita a secreção urinária (Cervi *et al.*, 1989).
- Eczemas:** erupções da pele ou grosseira (Silva, 1995); doença de pele, com avermelhamentos e prurido (Balmé, 1982).
- Edema:** infiltração de líquido transudado ou, também, exsudado no âmago dos tecidos.
- Edulcorante (adoçante):** substância adoçante mais um manipulado (Weiszflog, 1998).
- Emenagogo:** facilita a menstruação (Silva, 1995); que provoca ou restabelece a menstruação, exercendo ação benéfica sobre os órgãos genitais femininos (Cervi *et al.*, 1989).
- Emplastro:** preparação feita com massa úmida e mole, aderindo a pele (Grams, 1999).
- Emoliente:** vegetais aptos a amolecer e descongestionar os tecidos, dissipando-lhes os endurecimentos patológicos, as inflamações, as congestões, etc. (Manuila, 1997).
- Endêmico:** doença habitual de uma região geográfica, manifesta-se de maneira constante ou em determinadas épocas (Manuila, 1997).
- Entorse:** lesão nas articulações (Silva, 1995).
- Enxaqueca:** dor de cabeça (Cervi *et al.*, 1989).
- Erisipela:** doença cutânea infecto-contagiosa aguda causada pelo estreptococo hemolítico, apresentando-se sob a forma de uma placa vermelha edemaciada, delimitada por um bordo levemente elevado e acompanhada por sinais gerais mais ou menos marcante. A infecção se dá por pequenas escoriações cutâneas ou uma lesão mucosa (Manuila, 1997).
- Escorbuto:** doença causada por carência do organismo em vitamina C, de origem alimentar (Manuila, 1997).
- Escrófula, escrofulose:** tuberculose dos linfonodos cervicais (Osol, 1995).
- Espasmo:** contração involuntária brusca e transitória de um ou de vários músculos, de causas variadas: tetania, intoxicação, histeria, etc. (Manuila, 1997).
- Estimulante:** que excita a função dos órgãos e que ativa a circulação sanguínea (Balmé, 1982).
- Estomáquico:** que é benéfico ao estômago (Balmé, 1982).
- Estomático:** que cura as doenças da boca (Balmé, 1982).
- Estomatite:** inflamação na boca (Silva, 1995).
- Eupéptico:** que digere normalmente ou que é bem digerido; facilita a digestão (Manuila, 1997).
- Excitante:** que estimula o organismo em geral ou uma de suas funções (Manuila, 1997).
- Expectorante:** promove a eliminação de catarro (Silva, 1995); provoca e facilita a expulsão do catarro bronquial (Balmé, 1982).
- Fadiga:** cansaço, resultante de trabalho intenso ou contínuo (Weiszflog, 1998).

- Fadiga muscular:** perda da elasticidade ou menor sensibilidade (Weiszflog, 1998).
- Faringite:** inflamação da faringe (Silva, 1995).
- Feridas punçuriais:** ferida causada por picada com punção ou outro instrumento análogo, ou seja, é uma lesão causada por instrumento cortante (Weiszflog, 1998).
- Flatulência:** distensão do estômago ou dos intestinos por ar ou gases (Weiszflog, 1998).
- Flavonóides:** evitam que os hormônios propiciadores do câncer se liguem às células normais. Inibem as enzimas responsáveis pelas metástases de células cancerosas (Franco, 1996).
- Flebite:** inflamação das veias (Silva, 1995).
- Fomentações:** tratamento externo por aplicação de substâncias úmidas aquecidas para aliviar a dor. Fricção medicamentosa (Weiszflog, 1998).
- Fungicida:** medicamento capaz de eliminar os microrganismos (fungos).
- Furúnculos:** tumores pequenos e duros que nascem na superfície da pele com inflamação e dor (Cervi *et al.*, 1989).
- Galactogeno, Galactagogo:** que favorece a secreção do leite (Balmé, 1982); estimula a liberação de leite (Silva, 1995).
- Gargarejo:** agitação de um líquido na boca ou na garganta (Cervi *et al.*, 1989).
- Gastrite:** inflamação aguda ou crônica da mucosa do estômago (Cervi *et al.*, 1989).
- Gastralgias:** dor no estômago, geralmente muito viva, localizada na parte média do abdômen (epigástrico) (Manuila, 1997).
- Gastroenterite:** inflamação do aparelho digestório, geralmente com manifestação diarréica (Silva, 1995).
- Gengivite:** inflamação da gengiva (Silva, 1995).
- Germicida:** medicamento capaz de eliminar os microrganismos que causam doenças (Manuila, 1997).
- Giardíase:** infestação com giárdias ou doença causada por elas. As giárdias são zooflagelados (parasitas) encontrados no intestino de mamíferos, causando diarreia (Weiszflog, 1998).
- Giardicida:** medicamento capaz de eliminar o agente causador da giardíase (Manuila, 1997).
- Gonorréia:** inflamação das mucosas da uretra e vagina; blenorragia; blenoréia (Cervi *et al.*, 1989).
- Gota:** doença metabólica, originária por depósito nas articulações, caracterizada por ataques de artrite e geralmente localizada no grande pedartículo (Cervi *et al.*, 1989).
- Hepático:** relacionado ao fígado (Ferreira, 1975).
- Hepatoprotetor:** remédio que protege o fígado (Ferreira, 1975).
- Hemorróida:** presença de varizes nas veias do reto e do ânus (Balmé, 1982).
- Hemostático:** que evita a hemorragia (Balmé, 1982).
- Herpes Zoster:** dermatose aguda devido a um vírus neurotrópico idêntico ao da varíola, caracterizada por uma erupção quase sempre unilateral de vesículas sobre um fundo eritematoso, dispostas em grupos sobre o trajeto de um nervo sensitivo (Manuila, 1997).
- Hidropsia, anasarca:** edema generalizado resultante de uma acumulação de líquido no tecido celular e nas cavidades orgânicas (Manuila, 1997).
- Hiperglicemiante:** provoca o aumento da concentração ou taxa de açúcar no sangue (Ferreira, 1975).
- Hipertensão:** pressão arterial alta (Silva, 1995).
- Hipnótico:** que facilita e provoca o sono (Balmé, 1982).
- Hipocoleresteremiante:** reduz o colesterol sangüíneo e hipoglicemiante (Silva, 1995).
- Hipoglicemiante, hipoglicêmica:** ajuda no tratamento do diabetes melito não insulino dependente, reduzindo a taxa de açúcar no sangue (Silva, 1995).
- Hipotensor:** baixa a pressão arterial (Silva, 1995).
- Hipotônico:** relativo a hipotonia, diminuição do tônus muscular (estado de tensão leve, mas permanente do músculo) ou da tonicidade de um órgão (Manuila, 1997).
- Histerismo:** causado pela histeria, neurose caracterizada por uma exteriorização excessiva dos distúrbios de ordem emocional ou efetiva (Manuila, 1997).
- Icterícia:** estado mórbido que se caracteriza pelo aumento de bilirrubina no sangue, com deposição consecutiva desse pigmento nos vários tecidos, particularmente na pele e nas mucosas, donde a cor amarelada apresentada pelo paciente (Cervi *et al.*, 1989).
- Incontinência urinária:** incapacidade de controlar voluntariamente a emissão de urina (Manuila, 1997).
- Infusão:** extrato aquoso obtido da matéria vegetal colocada em água quente (Grams, 1999).
- Insônia:** impossibilidade ou dificuldade para dormir (Manuila, 1997).
- Lactante:** mulher que aleita, amamenta (Ferreira, 1975).
- Lactente:** ser que ainda mama (Ferreira, 1975).
- Laringite:** inflamação da laringe (Silva, 1995).
- Lavagem:** irrigação ou esvaziamento por meio de um líquido de um órgão tal como o estômago, intestino, bexiga urinária ou seios paranasais (Osol, 1995).
- Laxante, laxativo:** purgante brando (Balmé, 1982); que relaxa, purgativo fraco (Cervi *et al.*, 1989).
- Litolítico:** destrói cálculos renais, pedra nos rins (Silva, 1995).

- Maceração:** ato ou efeito de macerar, isto é, de amolecer pela ação mecânica ou de um líquido; ocorre quando se deixa a planta e o veículo (água, vinho, álcool) em contato por algum tempo (Grams, 1999).
- Metástase:** foco de células cancerosas, relacionadas com um câncer preexistente, mas desenvolvido à distância deste último e sem continuidade com ele (Manuila, 1997).
- Miorrelaxante:** diz-se de um medicamento que produz um relaxamento dos músculos (Manuila, 1997).
- Mitogênico:** capaz de provocar a mitose celular (Ames *et al.*, 1990).
- Mucilagem:** suco viscoso que funciona como anti-inflamatório, cicatrizante, expectorante, laxante e protetor das mucosas (Franco, 1996).
- Mutagênico:** substância capaz de provocar uma mutação, mudança brusca e permanente de um ou vários caracteres hereditários (Manuila, 1997).
- Náuseas:** enjôos (Silva, 1995).
- Obesidade:** acúmulo excessivo, mais ou menos generalizado, de tecido adiposo, levando a um aumento de peso superior a 25% do peso normal (Manuila, 1997).
- Óleos essenciais:** caracteriza o aroma da planta e atuam como analgésicos, antiespasmódico, antiviróticos, auxiliares na recuperação do tecido da pele, cicatrizante, desinfetante, expectorante e relaxante (Franco, 1996).
- Onicomicoses:** micose nas unhas (Silva, 1995).
- Parotidite:** inflamação aguda da parótida; caxumba (Cervi *et al.*, 1989).
- Pediculose:** infestação de piolhos (Silva, 1995).
- Pó:** grupo de preparados farmacêuticos de fórmula definida e consistindo em misturas de partículas de substâncias medicinais (Osol, 1995).
- Purgante/purgativo:** que purifica, que provoca a exoneração dos intestinos, purificativo, expiativo (Cervi *et al.*, 1989).
- Prisão de ventre:** dificuldade em desonerar o ventre, constipação intestinal, obstipação (Weiszflog, 1998).
- Regras:** menstruação (Cervi *et al.*, 1989).
- Repelente:** afasta insetos (Silva, 1995).
- Resolutivo:** resolve um mal (Balmé, 1982); que faz cessar inflamações (Cervi *et al.*, 1989).
- Reumatismo:** termo genérico que indica doenças musculares, tendinosas, articulares, ósseas ou nervosas, cujo caráter comum é a dor e a rigidez, referíveis aos sistema músculo-esquelético (Osol, 1995).
- Revulsivo:** medicamento que provoca um aumento do afluxo sanguíneo em uma determinada parte do corpo, com objeto curativo (Balmé, 1982).
- Rizoma:** é a haste subterrânea, mais ou menos alongada no sentido horizontal, oblíquo ou vertical, que porta inferiormente as raízes e lança para fora da terra os ramos e folhas (Balmé, 1982).
- Saponinas:** ação anti-inflamatória (Franco, 1996).
- Sedativo:** medicamentos vegetais de ação depressiva do sistema nervoso central, aptos a acalmar a dor ou os estados de agitação (Morgan, 1997).
- Sialorréia:** excesso de saliva (Silva, 1995).
- Sialagogo:** que produz uma secreção abundante de saliva (Manuila, 1997) .
- Sinusite:** inflamações do nariz e dos seios paranasais (Silva, 1995).
- Solução alcóolica:** álcool em que se dissolvem sais, extratos e outras substâncias solúveis (Weiszflog, 1998).
- Solução aquosa:** água em que se dissolvem sais, extratos e outras substâncias solúveis (Weiszflog, 1998).
- Sonífero:** medicamento ou substância que dá ou provoca sono (Ferreira, 1975).
- Suco:** substância líquida do tecido animal ou vegetal, na qual residem os elementos mais nutritivos e substanciais; seiva; sumo (Weiszflog, 1998).
- Sudorífico:** estimula a produção de suor e abaixa a temperatura (Silva, 1995).
- Sumo:** suco extraído de plantas (Ferreira, 1975).
- Supurações:** formação de pus (Manuila, 1997).
- Tanino:** inibidores enzimáticos e atuam como anti-venenamento por determinados alcalóides. Utilizado como anti-diarréico, por suas propriedades adstringentes, veinotrópicas (aumentam a resistência das veias e pequenos vasos) e hemostáticas. Ação antimicrobiana, antiviral, cicatrizante, anti-inflamatória ovariana, hipoglicemiante e antiespasmódica (Franco, 1996).
- Tenífero:** remédio contra a tênia, verme solitário (Balmé, 1982).
- Tintura:** preparação feita a partir de material vegetal triturados e secos, imersos em álcool (Grams, 1999).
- Timpanite:** inflamação do tímpano (Ferreira, 1975).
- Tônico:** revigora e estimula o organismo debilitado (Franco, 1996).
- Tônico capilar:** que tonifica os cabelos (Ferreira, 1975).
- Traqueobronquite:** inflamação simultânea da traquéia e dos brônquios (Manuila, 1997).
- Tricomoniase:** doença provocada por tricomonas, os quais parasitam o sistema alimentar e geniturinário de vertebrados e invertebrados (Weiszflog, 1998).
- Tricomonicida, trichomonicida:** agente capaz de eliminar o tricomonas.

Triglicérido: o principal componente das partículas de gordura nos tecidos animais ou no óleo vegetal (Alberts, 1997).

Tumor: qualquer aumento de volume desenvolvido numa parte qualquer do corpo; massa constituída pela multiplicação das células de um tecido, sem a estrutura dos processos inflamatórios ou parasitários conhecidos (Cervi *et al.*, 1989).

Uricosúrico: estimula a eliminação de ácido úrico pela urina (Silva, 1995).

Varicoso (e): que tem varizes ou é predisposto a elas (Ferreira, 1975).

Vermífugo, vermicida: anti-helmíntico, que afugenta ou mata os vermes (Cervi *et al.*, 1989).

Vitiligo (vitiligem): afecções cutâneas caracterizadas por placas esbranquiçadas rodeadas por uma zona em que a pele é mais pigmentada que normalmente (Weiszflog, 1998).

Vulnerário: que cura feridas e chagas (Balmé, 1982).

Xarope: medicamento resultante da mistura de certos líquidos com a porção de açúcar necessária para o saturar (Ferreira, 1975).